



V.T.
22
2
1

V.T.

22

2

1





b. P.
W

V.T.

22

2

1

W 1288

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

INGLATERRA

LIBRARIA POLITICA

11
23
2
1

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

Condo et compono, quæ mox depromere possim.

HÔR.

VOL. I.

LONDRES:

H. BRYER, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKFRIARS.



O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

JULHO de 1811.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

PROSPECTO.

HUM Jornal escrito na lingua Portugueza, e mensalmente publicado, que, expondo com fidelidade os acontecimentos politicos, apresentar noticias geraes de Literatura, e Sciencias, e dos progressos que as mesmas vão fazendo neste Reino, e nas mais partes da Europa, (com a brevidade, que as circumstancias da Guerra permittirem), não só parece recommendavel, mas ate de summa necessidade.

Mudanças extraordinarias, nova ordem nas publicas occurrencias requerem do Philosopho, e do Estadista huma profunda investigação sobre a origem, condição, e authenticidade dos factos, assim como huma judicioza censura, e imparcialidade ingenua na sua exposição.

Por outro lado; huma Monarquia composta, como a Portugueza, na Europa de hum Reino, que foi o

seu primeiro berço, e que se acha lastimozamente devastado por todos os horrores da guerra: e na America, de hum Continente immenso, e rico, em que se está formando hum vasto Imperio; ou seja para se restaurar, ou seja para se elevar ao grão de esplendor, e grandeza de que he susceptivel, carece de todos os auxilios que as Artes, e as Sciencias podem prestar-lhe.

Debaixo deste ponto de vista he que o Investigador Portuguez em Inglaterra longe do estrondo das armas, que occupaõ exclusivamente os seos Nacionaes em Portugal, colligindo as luzes da Europa, e reflectindo-as ate ás Regioens Equatoriaes, se encarrega de mostrar, dentro dos seos lemites, tanto os traços da historia do tempo, como os brilhantes productos da Literatura geral. As Sciencias seraõ por elle exhibidas em todo o lustre dos seos progressos actuaes, e na sua importante applicação á utilidade geral. E para fazer este Jornal mais ameno aos Naturaes, e talvez interessante aos Estrangeiros, elle terá hum artigo unicamente destinado á Literatura Portugueza.

Para darmos huma idea mais clara deste Jornal o dividimos em quatro distinctas partes.

Na primeira daremos huma noticia das obras de Literatura, que forem sabindo, e extractos das suas melhores passagens, dando ao mesmo passo o nosso juizo critico sobre ellas.

Na segunda exporemos as ultimas, e importantes descobertas nas Sciencias, Naturaes principalmente aquellas, que tiverem huma immediata applicação ás Artes. A Botanica, a Agricultura, e a Mineralogia occuparaõ hum lugar distincto neste Jornal, como as promotoras da riqueza, e prosperidade Nacional: a Medicina, e Cirurgia teraõ no Investigador Portuguez aquella parte com que diariamente a illustraõ os seos mais habéis Professores.

Na terceira apresentaremos todas as Observaçoes, Discursos, e Memorias, que nos forem enviadas sobre Literatura, Sciencias, e Politica. Esperamos que os nossos Nacionaes do velho, e novo mundo aproveitem com prazer esta occasiaõ para mostrar que em Portugal, no Brazil, e nas Ilhas não só ha talento, e engen-

ho, mas taobem lição, e saber; e que deste modo cooperem efficazmente para desvanecer o errado conceito, que alguns fazem do estado das Sciencias em todos os dominios do Luzitano Imperio.

Devemos porem prevenir os nossos Leitores 1. que nunca admitiremos em nosso Jornal Discursos Politicos, que não forem escritos com aquella decencia, que he inseparavel do verdadeiro Philosopho, e do Cidadão honesto. 2. Que seremos tão promptos a receber com reconhecimento, e a enserir nesta mesma parte do nosso Jornal toda a censura judicioza, e justa, que se nos fizer, como deligentes a refutar criticas desarrazoadas.

Na quarta parte em fim daremos o rezumo dos successos occurrentes mais notaveis nas quatro partes do mundo, principalmente na Europa, Asia, e America.

Devemos aqui observar, que tratando de objectos politicos, guardaremos com a mais estricta severidade o decoro, e respeito que he devidido assim ao nosso Soberano, como ás Leis do paiz em que escrevemos: e sem faltar á verdade, nunca abuzaremos da liberdade, que a imprensa nos dá, para marcar personalidades sempre odiozas, e fulminar ataques contra individuos indefezos, ainda quando culpados.

Confiando que os seos esforços, não serão infructuosos, ouzão as pessoas empregadas neste arduo empenho esperar dos seos concidadaons, para quem particularmente escrevem, a approvação de trabalhos, que só tem por mira o bem Publico, e a gloria do NOME PORTUGUEZ.

CONDIÇOENS. Cada caderno deste Jornal constará de cem, a cento e vinte oito paginas.

Publicar-se-ha o primeiro caderno no principio de Julho proximo, ou antes se fôr possível.

A subscripção annual para Inglaterra será de duas libras Esterlinas, e quatorze Shellings—Para Portugal, e Ilhas, de duas e dezoito (10,440) Para a America, e mais partes será de tres Guineos, (11,340.)

Todas as cartas, memorias, &c. serão remettidas com o seguinte sobre escripto.—Aos Redactores do Investigador Portuguez—Londres.

Os Redactores naõ receberão papel algum, cujo porte naõ venha pago.

As subscripçoens se fazem em No. 3, Finsbury Terrace, City Road.

Londres, Março de 1811.

LITERATURA POLITICA.

Art. I. *Ensaio sobre a Politica Militar, e Instituicoens do Imperio Britanico*, por C. W. Pasley, Capitaõ do Real Corpo d'Engenheiros. Part 1^a. 8^o. pp. 533. Londres, 1810.

O CAPITAÕ PASLEY he de opiniaõ, que só a força naval Britanica tem ate agora impedido que a Inglaterra esteja sujeita á França: que esta força naval deve inevitavel, e promptamente cahir; e que por consequente, huma vez que se não providenceem novos meios de defenza, a sorte de Inglaterra está a concluir. O Capitaõ Pasley todavia, coincide mui pouco com as vistas particulares de Leckie, e sustenta que o maior imperio insular que possa formar-se, não pode conservar huma superioridade naval sobre o Continente da Europa. O primeiro capitulo desta obra contem hum esboço geral das suas opinioens, como os nossos leitores veraõ nos artigos seguintes.

‘ Mas parece-me, ’ diz o Autor, ‘ que este paiz de nenhuma sorte pode resistir a huma poderoza invazão: e que só a nossa superioridade naval nos tem livrado de sermos neste momento huma provincia da França. Os que julgaõ pela limitada experiencia das ultimas, e presentes guerras; e por consequente se lizongeaõ, que as nossas victorias navaes não teraõ termo, podem embaraçar-se pouco com a questaõ, se acazo se deve addir alguma coiza ao nosso plano de defeza ou não, pois que dormem plenamente persuadidos, que a scena da acção nunca pode transferir-se para as nossas praias.

‘ Quando nós chegarmos todavia, a desenvolver os grandes principios em que se funda hum poder naval, pelo exame comparativo dos recursos das naçoens belligerantes: e applicarmos imparcialmente aquelles principios á Grã-Bretanha e França; ver-se-ha que a ultima taõ superior na escala, pode daqui em diante applicar a projectos navaes todos os grandes recursos, que ate agora tem dirigido com taõ fatal energia, para estender as suas conquistas no continente; e neste cazo parece-memui duvidoso se poderemos conservar por muitos annos, huma pre-

ponderancia maritima, contra a França só no estado presente da sua estensao, que bloqueie as esquadras daquella unica nação em todos os seus portos. Quando de mais a mais tomamos em consideração que a França pode agora comandar e que hade empregar contra nós os recursos de quasi toda a Europa; que as grandes potencias navaes de Hespanha e Hollanda com as secundarias de Dinamarca, e Portugal, assim como os Estados de Italia são agora, de facto, senão de nome, suas provincias; a esperanza de podermos dominar os mares por mais de hum tempo limitado contra este imperio gigantesco, parece-me tao contraria á razao, que apenas merece huma seria refutação. Pela mesma natureza das coizas deve haver, no decurso do tempo, huma superioridade numerica de navios, e de homens da parte dos nossos inimigos, a qual pode ser levada por elles a tal ponto subversivo, que nenhum va'or, nenhum saber da nossa parte possa resistir-lhe.

‘ O tempo, em que o continente da Europa deve, com probabilidade, adquirir aquella preponderancia naval sobre a Grã-Bretanha, que a Naturêza parece ter designado, nao deve razoavelmente computar-se em mais do que o tempo em que se pode mui bem dizer, que a perdêra. Hapouco mais de 30 annos, as esquadras da França e Hespanha tinhao a superioridade no Canal Britanico. Quando olhamos para aquella ancioza crise, e consideramos que a combinação das forças actualmente operantes contra nós, á manêra da confederação daquelle tempo, a que a Hollanda depois acced-o, nao he formada de Potencias independentes humas das outras, discordes em vistas, principios, e interesses, e sujeitas a serem divididas a cada momento; ou mesmo huma parte dellas armarse em nossa defeza; mas que pode considerar-se ser huma só, e Grande Nação excercendo toda a sua energia para destruir-nos; parece altamente provavel que possamos esperar, em menos do periodo de trinta annos, perder o imperio dos mares; e antever a possibilidade de o inimigo desembarcar em nossas praias com a mesma facilidade, com que nos agora podemos desembarcar tropas em qualquer parte do mundo.

‘ Eu estimaria muito julgar-me enganado nestas ideias; mas huma continuada reflexão as tem cadavez mais profunda, e mais fortemente fixado no meu espirito. Eu estou persuadido que a sua simples enunciação hade espantar a muitos, que as tem por vezes tacita, e involuntariamente admittido como verdadeiras. Donde procede o conhecimento quasi geral de que nao pode esperar-se huma paz permanente com a França? Donde vem a opiniao quasi geral, de que he melhor sustentar huma guerra indeterminada? Donde nascerao taes sentimentos tao contra-

rios aos que primeiramente se nutrião na Grã-Bretanha? Senão de huma intima convicção de que huma paz que apresente caracteres destructivos, não pode consideravelmente diminuir os nossos estabelecimentos navaes, ou militares, sem arriscar a nossa existencia nacional; entretanto que habilitando o nosso inimigo a tirar livremente a vantagem pela sua grande, e natural superioridade de meios para construir navios, e formar marinheiros, lhe seguraria, ao contrario, em tempo comparativamente menor, a superioridade maritima sobre nós, que todo o homem, no fundo do seu coração conhece, que o inimigo não pode deixar de obter.

Alguns que forem dos meos sentimentos talvez me censurem pelos expor á consideração publica, como tendentes a produzir máos effeitos, enchendo os espiritos de ideias sombrias, e aterradoras. Não foi sem a mais madura deliberação, que eu me arrisquei a hum passo, que provavelmente será julgado com severidade; e a minha conclusão foi, que se eu poder conduzir a nação pelos meos clamores a olhar com a mais seria attenção para o perigo o mais assustador e imminente a que estamos expostos, quero dizer,—a queda provavel da nossa Marinha,—eu me julgarei feliz apezar de qualquer censura, pela convicção de ter dezipenhado o dever mais sagrado, e o mais essencial serviço á minha patria. A verdadeira coragem, e a verdadeira sabedoria consistem somente, em calcular o perigo na sua maior estensão, em prover, e preparar-nos para o peor, que possa acontecer. Ellas estão igualmente distantes daquella temeraria, e presumptuosa infatuação, que não pode ver, ou avaliar os males, que nos ameaçãõ; e daquella voluntaria ceguira resultante de hum verdadeiro desalento, que faz que os espiritos fracos se horrorizem da consideração dos perigos futuros, como se com isso evitassem o pensar n'elles; sendo aquellas duas dispozições, quer influencia nos individuos, quer em nações, igualmente productoras de huma destruição infallivel.

Qualquer que seja o modo de considerar a opiniao, de que nos mui provavelmente perderemos n'hum limitado numero de annos, a nossa presente preponderancia Naval, todo o homem deve conceder, que este acontecimento he, pelo menos, mui possivel. Por consequente, he do dever deste paiz o preparar se para hum tal acontecimento, e tomar medidas para obstar a tempo áquella calamidade. Abracemos, em quanto está em nosso poder, a occasião de preparar-nos para o peor, ou a nossa posteridade, para que se não ache escravizada de baixo do ferreo jugo de hum despota estrangeiro, e tenha motivos de derramar lagrimas de sangue pela providencia, e pelos erros de seos maiores.

Se, pelo contrario, nós não augmentamos o nosso syste-

ma de defeza, ou pela suppozição de que a nossa pequena Ilha sendo agora superior por mar a todo o mundo, continuará sempre a sê-lo; ou na expectação de que a caza real de Bourbon, a Republica Franceza, e o seu actual Imperador tem successivamente tentado a nossa destruição, e excedido os seus antepassados em esforços para aquelle fim e sempre debalde; suppondo ainda que nos temos a felicidade de manter a nossa independencia durante a vida de Napoleão e de o ver succedido no seu governo por huma serie de regentes benignos, e não ambiciosos, que conservem huma paz com nosco; ou confiando que o seu vasto imperio logo que cesse de ser dirigido pelo genio que lhe prezide, cahirá em pedaços, e será dividido entre os seus generaes, como outros tantos successores deste novo Alexandre, em vez de ficar consolidado como as conquistas dos Romanos; em toda a hypothese nos confiaremos os nossos mais caros interesses, aquella glorioza constituição, aquella sagrada liberdade, e aquellas soberbas honras nacionais, que herdamos dos nossos antepassados, a huma combinação de acontecimentos tão improvaveis a nosso favor, que apenas sobre elle se arriscaria o jogador mais desesperado.

‘ Admittindo a probabilidade, que se acaba de mencionar, de poder vir hum dia, e não mui distante, em que as esquadras da Europa bloqueiam as da Grã-Bretanha nos seus portos, e desembarquem os formidaveis exercitos do continente nas nossas praias; resta ainda determinar, se os nossos presentes meios de defeza não sendo capazes de salvar a nação, que additamento se lhe deve fazer para esse effeito? Ou se a superioridade de força que pode empregar-se em nossa destruição tornará totalmente inefficaz toda a nossa resistencia?

‘ Sombrio, como he, o ultimo, prospecto, he do nosso dever levar á vante os nossos esforços para affrontar a tempestade, na esperanza de que a Providencia Divina, que tantas vezes se tem enterposto a favor das naçoens, que se não tem abandonado a desesperação ainda mesmo ás bordas do precipicio, opere alguma inesperada mudança em nosso favor, ou que pelo menos tenhamos a satisfação de cahir, combatendo de huma maneira digna do renome antigo da Nação Britana, e da sagrada cauza, em que pelejamos, pelos ultimos restos da liberdade do mundo.

‘ Mas parece me que a nossa situação não he de modo algum desesperada. O principal objecto deste ensaio será por tanto mostrar, que ainda suppondo, que não tinhamos hum só navio no oceano nos poderemos manter a nossa independencia, tomando novas medidas, e fazendo algumas addições aos nossos meios de defeza. Sendo pois evidente que tudo deve depender de hum arranjo, e valor militar por terra; huma parte principal desta obra deve necessariamente empre-

gar-se em considerar a organisação da nossa força militar, comprehendendo os nossos exercitos regulares, milicias, voluntarios, &c. Apontar-se-hão os defeitos onde quer que elles existirem nestes estabelecimentos, e todo o melhoramento possivel será suggerido.

‘ Eu tentarei igualmente traçar as grandes causas da vantagem geral das nossas armas por mar, e das nossas falhas quasi universaes por terra; o que involverá não somente huma consideração das nossas instituições militares, mas taobem da politica com que temos conduzido as nossas guerras.

‘ No curso destas investigações, se discutirá plenamente a importante questão se acaso melhorando as nossas instituições militares, e a nossa politica, podemos agora, e para o futuro, reduzir o Imperio Francez, e augmentar a nossa força absoluta a ponto de prevenir a destruição da nossa superioridade naval.’

Para justificar esta anticipação o Capitaõ Pasley entra, no seo segundo capitulo, n’hum exame comparativo das forças, e recursos dos Imperios Francez, e Britano; e aqui, segundo o seu modo de ver, tudo o que he ponderoso he decididamente a favor do primeiro. Os cinco pontos principaes, dis elle, que devem considerar-se entre nações em guerra, são—a sua renda—a sua população—os seos meios de recrutar—a energia do seu governo executivo—e o espirito, e patriotismo do seu povo.

Quanto á população, renda, meios de recrutar, e energia doque elle chama governo executivo, elle tenta persuadir que tudo isto está do lado da França: e relativamente ao espirito, e patriotismo do povo, o author concede á Inglaterra esta consolação no meio das suas desvantagens. Com tudo n’hum longo, e eloquente discurso, onde se achão algumas verdades, o Author pertende mostrar que na guerra actual elles são de pouca valia.

Em tudo pois que he essencial á aquisição, e conservação do poder—população—rendas—meios de recrutar, e energia de governo—a França segundo o Capitaõ Pasley tem a vantagem sobre estes reinos. Vejamos agora como elle o pertende provar.

Se a população dos dois Imperios deve avaliar-se de huma maneira puramente numerica, a differença he clara: mas nisto mesmo o Capitaõ Pasley por hum calculo que lhe he particular eleva a população do

Imperio Francez a 70 milhoens, e reduz a da Inglaterra a onze milhoens.

Quanto ás rendas, as concluzoens do Author são igualmente favoraveis á França: elle se esforça por mostrar a proporção que tem com as deste reino, e depois recorre a futuros, perguntando, se as finanças deste paiz continuaraõ n'hum estado mais florescente que as do continente; ou se pelo contrario, aquellas em poucos annos seraõ superiores a estas? Para que isto tenha lugar, o Capitaõ Pasley suppoem que haverá hum augmento de taxas no continente, e que Bonaparte não tem mais doque fixar estas taxas dentro do circulo da possibilidade. 'Ninguem disputará,' diz elle, 'a inclinação, ou o poder do Imperador Francez de levar os recursos finanças do Continense á sua maior estensão para prejuizo deste paiz. A sua capacidade, e a dos seus ministros são fora de toda a duvida,' &c.

REFLEXOENS SOBRE ESTA OBRA.

Nos não podemos deixar de render ao Capitaõ Pasley a homenagem que lhe he devida não só pela boa fé com que escreve, e expoem francamente as suas ideas; pelo seu patriotismo, e afferro á santa cauza da sua patria; mas taobem pelos vastos conhecimentos politicos, commerciaes, e militares, que elle desenvolve. Com tudo persuadidos como estamos, e ate mesmo convencidos de que este excellente escriptor estabelece alguns principios ou absolutamente falsos, ou que podem ser contestados, ou que são susceptiveis de outra applicação; he do nosso dever como Jornalistas expor as nossas ideas com igual franqueza, deixando aos nossos leitores esclarecidos o julgar da justeza das nossas reflexoens.

Nos não concordamos com o author em que só a força naval tem livrado a Inglaterra de ser neste momento huma provincia da França.

Se a Grã-Bretanha em 1805, não tivesse a prodigiosa força naval, que ja nesse tempo possuia; e que desde entãõ tem augmentado: se as esquadras combinadas

de Hespanha, e França não fossem naquelle anno batidas pelo Almirante Calder, que fez nesse momento á sua nação hum serviço mais importante do que geralmente se tem pensado, mesmo em Inglaterra: se em Junho de 1805, o Tyranno do mundo podesse reunir aquella esquadra combinada nos portos da Bretanha; he provavel que elle tentasse hum desembarque nesta Ilha affortunada, onde então contava numerosos partidistas, porque o seu character perverso, a sua ambição desmedida, a sua perfidia, seos crimes atrozes, e inauditos, não eraõ assaz conhecidos.

Mas não duvidando que o Uzurpador infame tentasse aquelle desembarque, duvidamos muito, que elle o fizesse felismente, e que conquistasse a Inglaterra para ser hoje huma Provincia da França.

Nem o Author, nem pessoa alguma, que tenha huma pequena noticia da historia do tempo, ignora qual tem sido a energia, e previdencia do Governo Inglez desde 1789. Menos se ignora, que desde o momento em que Bonaparte deo indicios de tentar hum desembarque em Inglaterra, o Governo Inglez redobrou sua energia, e que de nada se esqueceo para pôr em estado de huma defeza formidavel todos os pontos da costa em que o inimigo do genero humano podesse tentar hum desembarque.

O Author pode melhor, que ninguem avaliar, se no respeitavel corpo de Engenheiros a que elle pertence, havia naquelle epoca officiaes capazes de dirigir e effectuar aquelle importante trabalho.

Supponhamos por hum momento, que as forças navaes de Inglaterra em 1805 eraõ somente iguaes, ou ainda inferiores ás do Imperio Francez; e que ou por cauza dos ventos, ou porque tinhaõ sido batidas; os barcos chatos, as canhoneiras de Bolonha, e mais portos podiaõ abordar á costa de Inglaterra.

Sendo hum factõ incontestavel, que todos os pontos da costa, em que se podia tentar hum desembarque, estavaõ formidavelmente fortificados; he claro que o exercito Francez ou não effectuaria o desembarque, ou soffreria necessariamente tal estrago que não poderia sustentar os sanguinozos combates, que os exercitos Inglezes lhe haviaõ de dar, animados do

o dio, que existe entre as duas naçoens naturalmente rivaes; excitados por aquelles sentimentos de liberdade e patriotismo, que tanto caracteriza a Nação Inglesa, e que tem apresentado em todos os tempos, e em toda o parte huma força sempre incalculavel, e irresistivel sempre, aos tyrannos, aos despotas, e aos seos exercitos escravos.

Suppondo mesmo (o que era impossivel) que Bonaparte conseguia desembarcar na costa de Inglaterra 200,000 homens: estes teriaõ de combater com hum exercito não só de igual, mas de força superior; com hum exercito completamente munido de tudo; que tinha á sua despozicaõ todos os recursos immensos do paiz; que podia a cada momento ser reforçado; n'huma palavra o exercito Francez teria de bater-se com huma nação toda armada, toda prompta a sacrificar os seos mais caros interesses, decidida a morrer antes, do que sujeitar-se ao Despota mais insolente, mais frenetico, e mais perfido, que o mundo ha tido.

O Capitaõ Pasley sabe que Bonaparte com huma perfidia, e infamia deque não ha exemplo na Historia, introduzio na Hespanha 200,000 homens: apossou-se das principaes fortalezas daquelle desgraçado Reino; atraçouou a Familia Real, ja traida pelo mais infame valido; espalhou satelites seos por toda a parte; semeou por toda a parte a intriga, a seducção, e o soborno, e reduzio doze milhoens de habitantes a hum perfeito estado de anarquia. E com tudo está o Tyranno senhor da Hespanha? São passados tres annos de estragos, de horrores, e mortes; e está o Tyranno senhor da Peninsula? Não: nem está, nem estará. Os Romanos mais sabios, mais politicos, mais justos, e valorozos, gastáraõ seculos para subjugar as Hespanhas; e nunca foraõ pacificos possuidores dellas. Porque o hade ser Bonaparte, cuja errada politica ja não pode retrogradar, e necessariamente o hade levar ou cedo, ou tarde ao precipicio; cuja perversidade, tyrannia, embustes, e crimes, estão hoje manifestos?

Mais de trezentos mil Francezes estão sepultados na Hespanha: tal he o sanguinozo fructo, que Bonaparte tem tirado da sua perfidia, e louca teima de querer subjugar huma nação que não quer ser escrava! Tal

he o sanguinoso fructo que elle tem tirado de invadir huma nação, de cujos recursos immensos dispunha á sua vontade!

Se pois o Tyranno da Europa não tem podido subjugar huma Nação naturalmente generosa, e brava, mas em grande parte degenerada, e dividida, apezar de todas as vantagens que anticipadamente lhe tinhaõ dado a traição e a mais lastimoza anarquia; como poderia elle subjugar a Inglaterra, ainda quando conseguisse lançar nas suas praias 200,000 escravos?

O Capitão Pasley sabe, ou pelo menos deve saber, que a força de hum estado consiste nõ poder activo de conter as commoçoens internas, e de repellir os ataques externos. Este poder que, ha mais de hum seculo, e muito principalmente ha tres annos tem sido quasi nullo na Hespanha, existe em alto gráo na Inglaterra.

Esta força está na razaõ directa do numero de cidadaons, de suas faculdades, e de sua vontade a empregar-se nos objectos a que o Governo os chamar; quero dizer na sua affeição, confiança, e afferro ao Governo estabelecido. Ora o numero de cidadaons Inglezes excede muito o dos habitantes Hespanhoes; pois que estes apenas chegaõ a doze milhoens, e aquelles montaõ a deseseis. As faculdades daquelles são incontestavelmente superiores ás destes. O patriotismo dos Inglezes, sua affeição, e afferro ás suas leis, e ao seu governo, são infinitamente superiores ao patriotismo dos Hespanhoes, a sua affeição, e afferro ao antigo governo, e aos que se tem succedido desde Maio de 1808, ate hoje. Segue-se pois, que se os Hespanhoes, apezar de tantas desvantagens, tem ate agora resistido a 665,000 escravos, que o Tyranno tem ali mandado; os Inglezes teriaõ anniquilado 200,000, com que pareceo ameaça-los em 1805. Talvez que o Monstro ja não existisse, se aquelle desembarque se tivesse effectuado.

Em quanto pois os Inglezes amarem, como amaõ, a sua patria, os seus costumes, as suas leis, e o seu governo: em quanto conservarem as suas actuaes instituçoens militares, elles zombaraõ sempre de todos os esforços do Tyranno; e a Inglaterra nunca será

huma Provincia da França, ainda na hypothese, que a sua marinha fosse somente igual, e mesmo inferior á Marinha Franceza; o que todavia nunca se verificará em quanto a Inglaterra proseguir no mesmo systema politico que tem, e Bonaparte teimar a ser o que, ha dez annos, tem sido.

O author está persuadido que a marinha Ingleza deve decahir; e que he altamente provavel, que, no espaço de trinta annos, a marinha Franceza, ou continental, na fraze do Capitão Pasley, adquira huma decisiva superioridade sobre a de Inglaterra; porque

1. a França pode daqui em diante applicar a projectos navaes todos os grandes recursos, que ate agora tem dirigido com tão fatal energia para estender as suas conquistas no continente.

2. Porque Bonaparte pode empregar contra a Inglaterra os recursos de quasi toda a Europa.

3. Porque as grandes Potencias Navaes, a saber Hespanha, e Hollanda; e as da segunda ordem como Dinamarca, e Portugal são defacto provincias da França.

4. Porque pela mesma natureza das coizas deve haver, no decurso do tempo, huma superioridade numerica de navios, e de homens da parte dos inimigos da Inglaterra; e pode ser levada a tal ponto, que nenhum valor, nenhum saber dos Inglezes lhe possa resistir.

Quanto á primeira razão, ella não nos parece fundada. Porque taes recursos ou não existem, ou são extremamente pequenos. Mas suppondo que existem quem não vê que todos lhe são precizos para pagar larga, e promptamente a 150,000 espioens infames, que o timido Tyranno entretem; a Ministros, e officiaes de Secretarias de Estado de todos esses Principes escravos; a todos os officiaes de postas, a numerozos exercitos, que he preciso manter para conservar em sujeição os habitantes da França, e os povos que elle tem escravizado, e que elle sabe, que ao primeiro momento favoravel, farão em pedaços os vergonhosos ferros, que conseguiu lançar-lhe? Quem ignora o estado deploravel em que se achão as suas finanças; Quem não sabe que a maior

parte dos seus exercitos estão, ha muitos mezes, sem receber paga?

Os grandes recursos de huma nação vem do florescente estado da sua agricultura, e da estensaõ do seu commercio. A cazo ignora o author, que, ainda que a Agricultura em França tenha estado n'hum pê assas florescente, ella vai gradualmente decahindo; porque o lavrador não tem extracção ao seu trigo, que vê apodrecer no celeiro; nem ao seu vinho, que fazia outrora hum consideravel ramo da sua riqueza? Ignora o author, que os tributos são tantos, e tão pezados sobre os mesmos productos da Agricultura, que muitos lavradores ja não querem cultivar senão o trigo, os legumes, o vinho, &c. que julgaõ precizo para a sua pobre familia? O Capitaõ Pasley he muito instruido, para ignorar tudo isto.

A outra fonte das finanças de hum Estado he o commercio: mas este ja não existe em França, nem nos paizes desditozos a que se estende o poder, e influencia maligna de Bonaparte. Elle tem exaurido todos os recursos proprios; ja não tem que extorquir aos desgraçados habitantes da Hespanha, de Hollanda, de toda a Alemanha, de toda a Italia, &c. &c. Onde estão pois os grandes recursos de Bonaparte, que tanto assustaõ o Capitaõ Pasley?

Hum dos maiores recursos do Uzurpador tem sido o soborno, a traição, e a impostura; com esta pouco mal pode fazer ja, porque está mui desmascarado: para comprar traidores como tem feito, precisa de grandes sommas que ja não tem. Demais; que lucro tem tirado os traidores, que tem sacrificado os seus Soberanos, e a sua patria? O desprezo do Despota aquem serviraõ, e muitas vezes a morte; o odio, e exacração da idade presente, e da geração futura!

A segunda razaõ quasi se acha comprehendida na primeira, e he tão pouco fundada, como ella.

Quaes são os recursos de quasi toda a Europa, que Bonaparte pode emprar contra a Inglaterra? São esquadras? As que ha são mui poucas; e sahir ao mar, ser batidas, e apreziõnadas pelos Inglezes, são synonymos. He dinheiro? não: elle he mui raro no Continente, e será cada vez menos, não só pelas cau-

zas ja expostas ; mas tambem porque o systema de rapina universal que Bonaparte, e seos satellites tem adoptado, e estabelecido por toda a parte, tem feito com que os grandes capitalistas passassem os seos fundos para Inglaterra ; e os que, por mais avarentos, não tem recorrido a esta medida, tem no occultado de maneira, que he o mesmo que se não existisse. Isto he tanto verdade, que Bonaparte se vio ja forçado a crear papel moeda em Leão, e na Hollanda, &c. e todo o mundo sabe a triste, e desanimadora impressãõ que esta medida tem produzido. Todo o mundo sabe as sommas immensas de papel moeda, que circulaõ no Imperio Austriaco, e os esforços daquelle Governo para lhe sustentar o credito, o que não tem podido obter. E como pode haver muito dinheiro no continente, se o seo commercio está não só interrompido ; ha muitos annos, mas em muitas partes aniquillado ? Que recursos pois são esses de quasi toda a Europa, que Bonaparte pode empregar contra a Inglaterra ?

Demais o Capitão Pasley dá por certo o que nenhuma pessoa de senso commum, e que esteja ao facto da historia do tempo, lhe pode conceder. Por ventura Bonaparte está senhor da Turquia, e Russia ? O filho querido da Victoria acaba de fugir vergonhozamente de Portugal, de pois de ter ali perdido mais de trinta mil homens ; e esta he a terceira vez que esses exercitos de Vandalos são dali expulsos. Se o Governo Hespanhol souber adoptar medidas sabias, e adaptadas ás circumstancias ; se a Hespanha seguindo o exemplo de Portugal confiar o commando das suas forças ao bravo, e profundo Wellington ; se incumbir a organizzaõ, e disciplina dos seos exercitos ao valorozo, e firme Beresford ; podemos asseverar, sem receio de nos enganarmos, que em dois annos, se tantos viver o Monstro, nem hum soldado Francez existirá na Hespanha. Mas ainda suppondo o peor ; he impossivel que Bonaparte possua em paz aquelle vasto Reino ; e em vez de poder empregar contra a Inglaterra os fracos recursos que prezentemente tem aquella infeliz nação ; esses, e muitos mais serao precizos ao Tyranno para conter os Hespanhoes, que não querem ser escravos.

A Turquia, e a Russia estão em guerra: he provavel que fação a paz; mas não será para se sujeitarem a Bonaparte: pelo contrario tudo annuncia, que Alexandre, conhecendo a final os seus verdadeiros interesses, e os de seus povos, toma as mais serias medidas para se oppor ao Despota do Continente.

A Prussia, que Bonaparte illudiu, e sacrificou; a Suecia que não gosta do seu Rey decrepito, e usurpador, e menos ainda do seu filho adoptivo, e que neste momento está agitada por facções, que não podem terminar senão com o sacrificio do partido Francês que ali existe; não podem deixar de fazer cauza commum com a Russia, e esta com a Grã-Breanha.

A Hollanda he hoje huma provincia da França; mas para o continuar a ser he preciso que o Despota conserve ali hum exercito para conter os Hollandezes, phlegmaticos, he verdade; mas temiveis, se hum dja tomaõ a resolução de quebrar seus ferros; e tudo annuncia, que este dia está mui proximo. Nenhuns recursos ali existem. Ha mais de deseseis annos, que o seu commercio immenso começou a soffrer taes obstaculos, e taes perdas, que hoje está perfectamente anniquilado. Ha mais de deseseis annos, que a Hollanda tem de mez em mez sido roubada pelos differentes Governos, que desde 1794 em diante tem dilacerado a desgraçada França, taõ zelozza outrora da sua liberdade, e hoje escrava de hum estrangeiro infame, de hum Corso aventureiro.

Francisco II. sacrificou huma de suas filhas: mas a conducta do Gabinete Austriaco, desde entãõ para ca, tem mostrado mais firmeza, do que ate ali tinha mostrado. O frenetico Tyranno, n'hum dos seus accessos de raiva, e furor impotente contra a Inglaterra, decretou a queima de todas as fazendas, e generos coloniaes Inglezes, que se achassem por toda a parte a que se estende o poder das suas baionetas: exigio iguaõ sacrificio do Gabinete Austriaco, que não quiz assentir. A frieza, que se tem notado em todos os Principes da casa de Austria, e no mesmo Francisco II, desde o casamento de Bonaparte com a Archiduqueza Maria Luiza; mostra que entre os dois Gabinetes ha mui fraca intelligencia; pelo menos mostra que Bo-

naparte não tem á sua dispozição os recursos do Imperio Austriaco para os empregar contra a Inglaterra.

Os recursos desses Principes, e Reis da Confederaçãõ do Rhin (Principes, e Reis somente em nome, e escravos na realidade) são nullos. Elles podem apenas dar ao Tyranno algumas recrutas mais, que seguindo o exemplo dos seos compatriotas em Hespanha, e Portugal, desertaraõ, logo que possaõ.

Onde estaõ pois os recursos de quasi toda a Europa, que Bonaparte pode empregar contra a Inglaterra? De certo, o excesso de zelo pelo bem da sua patria, não permittio ao Capitaõ Pasley avaliar exactamente o estado da Europa em 1810, e menos prever o que ella hade ser necessariamente em poucos annos.

O Author estabelece na sua terceira razaõ, que as grandes Potencias Navaes—a Hespanha, e Hollanda; e as da segunda ordem—Portugal, e Dinamarca, são de facto provincias da França !!!

Quanto a Hespanha: ella nem he, nem será jamais, huma provincia de França; o que fica dito basta para o provar: e nos teremos occasiaõ de tornar a fallar deste objecto com mais estensaõ.

He hum facto que a Hollanda he hoje huma provincia da França; e concedendo ainda que a Hespanha o fosse taobem, perguntamos ao Capitaõ Pasley, onde está a Marinha de Hespanha, e Hollanda? Nos lhe respondemos, que a maior parte tem sido destruida pelas esquadras Inglezas: outra grande parte esta em poder da Grã-Bretanha; e o pequeno resto que falta está apodrecendo nos portos inimigos, donde não ouza sahir por huma razaõ mui simples—porque tem medo—e sabe de certo que sahindo ao mar he destruida, metida a pique, ou conduzida aos portos de Inglaterra. Logo, a Hespanha, e Hollanda não são hoje grandes Potencias Navaes: neste artigo são nullas. Mas se-lo-haõ para o futuro, de maneira que possaõ destruir a marinha Ingleza? Respondemos que não; e os nossos leitores ficaraõ persuadidos, nós o esperamos, desta verdade, quando logo examinarmos este ponto.

A Dinamarca pode na verdade considerar-se como huma provincia da França: mas a sua marinha foi

anniquilada de hum golpe, porque o Governo Inglez não dorme, como tem feito os Governos do Continente, cuja indolencia, ignorancia, e corrupção tem dado cauza ás desgraças, e escravidão de huma grande parte da Europa. Praza ao Ceo, que a experiencia do passado, e do prezente lhe sirva de lição saudavel para o futuro.

Quanto a Portugal, nos respondemos ao Capitaõ Pasley trasbordando em puro jubilo, que a Patria dos Veriatos, dos Nunos Alvares Pereiras, dos Menezes, dos Albuquerque, dos Almeidas, e de mil outros heroes, que espantáraõ o mundo com seo valor, suas virtudes; em vez de ser huma provincia da França, he o terror, o assombro; e vergonha dos novos Vandalos, que tentando por tres vezes subjuga-lo, outrás tantas foraõ expulsos. Portugal bem longe de ser huma provincia da França, he hum estado livre: seo valor, sua constancia; seo patriotismo, e sua fidelidade serviraõ de modelo ao mundo: o éco de suas façanhas, e victorias ira repercutir em todos os pontos da Europa escrava; acordará os Principes, e os Vassallos, que envergonhados do que são, e do que foraõ seguiraõ o exemplo de Portugal, que tantas vezes tem mostrado ao mundo, que nenhum povo, que seriamente quer ser livre, pode ser escravizado. Sim; a derrota dos Francezes em Portugal cubrindo de vergonha, de confusão, e espanto o jactanciozo, e insolente Tyranno, lhe tem mostrado que a estensão de dominios não constitue o verdadeiro poder: ella tem mostrado aos povos do Continente o caminho, que devem seguir; elles o seguiraõ.

Sem termos a louca presumpção de sermos grandes politicos, ha mais de tres annos, que nos predissemos a sorte que os Vandalos tem experimentado em Portugal, e Hespanha; e pequeno conhecimento da natureza do homem he preciso; pequeno estudo da historia he necessario para antever, que a violentissima doença politica da Europa está proxima a declinar. Cahio o verniz com que a tyrannia deslumbrou, e illudio a França, e a Europa; e a Europa, e a França vaõ de novo ser livres.

O Capitaõ Pasley assevera em quarte lugar, que pe-a mesma natureza das coizas deve haver, no decurso

do tempo, huma superioridade numerica de navios, e de homens da parte dos inimigos da Inglaterra, a qual pode ser levada a tal ponto, que nenhum valor, nenhum saber dos Inglezes lhe possa resistir.

Para o Author estabelecer esta propozição elle dá por demonstrado aquillo que está em questaõ: elle suppoem que Hespanha, e Portugal; Suecia, Russia e Turquia são com effeito provincias da França: elle suppoem que os habitantes da Suissa, Italia, Alemanha, Prussia, Polonia, Westphalia, e Dinamarca amaõ cordalmente a sua escravidão, e a sua miseria, n'huma palavra, elle suppoem Bonaparte Senhor da Europa; ou que a Europa não he mais do que hum só Imperio, que ha hum só Governo, huma só vontade, e hum só interesse. Mas quem pode acreditar o Author? Nem Bonaparte mesmo! Na verdade a sua hypothese he tão falsa, he tão claramente absurda, que nem precisa refutação.

Mas supponhamos por hum instante que o Despota da França dominava a Europa toda: assim mesmo sustentamos, que nem por isso elle adquiria a supposta superioridade numerica de navios de guerra, e de marinheiros.

Se Bonaparte teima no seo systema de oppressão, de despotismo, e de tyrannia; se elle persiste na cega loucura de mudar todos os costumes, e habitos inveterados dos habitantes da Europa, de mudar mesmo as suas necessidades; tal systema, e taes medidas bem longe de promoverem o commercio exterior, dar-lhe-hão o ultimo golpe; e consequentemente só a Inglaterra podera commerciar com as ilhas do mundo; só ella poderá commerciar com os habitantes de toda a costa de Africa; só ella podera commerciar com toda a Azia, e toda a America.

He huma verdade incontestavel que nenhuma Potencia pode ser huma Potencia naval, semque seja primeiro huma Nação commerciante. Ora o commercio do continente da Europa esta arruinado, bem como a sua marinha: mais tres annos de guerra; e aquelle, e esta seraõ aniquilados. Como concebe pois o Capitaõ Pasley no systema actual do Continente, e no seo progresso ao infinito, que a França adquira no espaço de trinta annos huma superioridade numerica

de navios, e de marinheiros tal, que arruine a marinha Ingleza, e que ponha a Faança em estado de desembarcar nas costas de Inglaterra os seus exercitos com a mesma facilidade com que os Inglezes leuão, e desembarcaõ tropas onde actualmente querem?

O systema de Bonaparte tende a aniquillar o commercio do Continente: o systema do Governo Inglez tende de certo a augmentar o seu. O resultado pois será absolutamente contrario ao modo de ver, e sentir do Capitaõ Pasley.

Mais tres annos de guerra, nós o repetimos; e o commercio, e a marinha dos Estados do continente da Europa, que forem ainda escravos do Tyranno, desaparecerãõ. A Inglaterra pode entãõ diminuir sem risco as suas despezas em marinha; e animar cada vez mais o seo commercio; consequentemente os elementos daquella estaraõ cada vez mais seguros, bem como da sua prosperidade, e riqueza.

Novos, e immensos canaes se abrem ao Commercio Inglez no immenso continente das Americas Portugueza, e Hespanhola, que d'antes lhe estavaõ fechados. Madeiras de construcçaõ infinitamente superiores ás que d'antes tirava do continente da Europa, canhamo, ferro, tudo em fim quanto he precizo para os differentes objectos de marinha, o novo Mundo lho vai prestar.

Bonaparte poderá construir navios de guerra, se tiver dinheiro para isso, do que muito duvidamos; mas como hade crear marinheiros, e habeis officiaes sem commercio, e sem escollas practicas? Só se for por algum senatus consulto, ou por algum Decreto expedido no meio daquelles accessos de loucura, de furor, e raiva a que he muito atreito. Elle pode, em quanto durar o seo ephemero imperio, converter ladroens, lacaios, cabelleireiros, &c. em Principes, Duques, e Condes: mas elle não pode crear com decretos hum marinheiro, hum official, hum Almirante.

O author não pode negar que a Marinha Ingleza he dez vezes maior que a de toda a Europa escrava. Senhora dos mares, que ja ninguem lhe disputa, ella pode com a decima parte das suas forças bloquear os restos da fraquissima marinha continental, e faze-la apodreecer nos seus ancoradeiros. Quem tem sabido ele-

var a tal ponto de grandeza as suas forças navaes, e anniquilar as de seos inimigos; melhor saberá prevenir, e obstar, a tempo, a que se criem novas: a primeira parte era mais difficil. O Governo Inglez tem muita sabedoria, muita previdencia, e actividade para não obstar a tempo á creação, e augmento de huma marinha, que lhe venha a fazer sombra, tendo, como incontestavelmente tem, os meios necessarios.

Logo; ou a Europa volta com mais, ou menos modificaçoens ao estado politico em que se achava em 1789; ou o systema tyrannico de Bonaparte continua a prevalecer. Na primeira hypothese haverá sempre no continente diversos interesses politicos; e a Inglaterra terá sempre ali mais, ou menos influencia, maior, ou menor partido; consequentemente nunca as forças navaes da Europa se reunirão todas contra a Inglaterra. Na segunda, o commercio bem longe de prosperar, continuará a descrescer, como ate agora tem acontecido, e se anniquilara inteiramente em todas as partes do continente: ora em marinha mercante, não se pode formar marinha naval. Consequentemente no systema actual de Bonaparte, e no seo proseguimento, a Inglaterra nada tem que temer nem agora nem para o futuro. A Nação Ingleza só tem que recear a perda dos seos costumes, da sua constituição immortal, do seo Governo. Conserve tudo isto; e ella triunfará sempre de toda a Europa escrava.

O author pergunta—donde procede o conhecimento quasi geral deque não pode esperar-se huma paz permanente com a França? Donde vem a opiniaõ buaze geral, de que he melhor sustentar huma guerra indeterminada?

Elle mesmo responde, suppondo gratuitamente que aquelle conhecimento, e este opiniaõ geral, provem de huma intiuva convicção deque huma paz, que apresenta caracteres destructivos, não pode consideravelmente diminuir os estabelecimentos militares, e navaes da Gra-Bretanha, sem arriscar a sua existencia nacional; entre tanto que habilitando o inimigo a tirar livremente vantagem da *sua grande, e natural superioridade de meios para construir navios, e formar marinheiros* lhe seguraria a superioridade maritima sobre a Inglaterra.

Se o Governo Inglez não quer fazer a paz com Bonaparte, porque sabe que não he possível esperar huma paz permanente com o tyranno; e porque receia o melancolico futuro, que o Capitão Pasley descreve; o Governo Inglez faz o que deve. Elle tem por dever a mais sagrado affastar, quanto poder, a sua ruina; e se hade acabar com huma paz vergonhoza, pe-reça combatendo, e com gloria.

Nós estamos persuadidos que o Governo Inglez está prompto a fazer a paz com a França, mas que jamais a fará com o tyranno, que actualmente a domina, em quanto este não mudar de conducta, e de politica. Com tudo, se o Governo Inglez não quer a paz, não he pelas razoens que o author aponta. Bonaparte não tem, no estado actual das coizas, a natural superioridade de meios de construir navios, e formar marinheiros, que o Capitão Pasley gratuitamente lhe concede, paraque possa ter huma superioridade maritima sobre a Inglaterra: não a terá mesmo para o futuro, porque ja provamos, que he hum absurdo indesculpavel suppor que Portugal, Hespanha, Turquia, Russia, e Suecia, são provincias da França: que he igualmente absurdo suppor que os habitantes da Suissa, Italia, Alemanha, Prussia, Polonia, Westphalia, Dinamarca, e Hollanda amaõ cordealmente a sua escravidão, e a sua miseria: que he finalmente maior absurdo ainda o suppor, que a Europa não forma mais do que hum só Imperio, que tem hum só Governo, huma só vontade, e hum só interesse.

A Inglaterra não quer fazer a paz com o Despota porque o conhece, e sabe que não he possível esperar delle o cumprimento de huma unica estipulação, de hum só artigo. Mostre-nos o Capitão Pasley qual he o tratado que Bonaparte tem cumprido; e então nós lhe concederemos, que a Inglaterra não quer paz com elle, porque teme o triste futuro que o author aponta.

Ignora o Capitão Pasley, que quando os olhos da Europa inteira estavaõ fitos nos grandes interesses, que se estavaõ discutindo em Amiens, então mesmo Bonaparte, apezar dos tratados existentes entre elle, e a caza de Austria, tomou o titulo de Prezidente da Re-

publica Italiana, e annexou á França o Piemonte, o Ducado de Parma, e a Ilha de Elbo?

Ignora o Author, que em 10 de Fevereiro de 1802 o General Thurreau chegou ao Valais, supprimio as authoridades constituídas, a possou-se do Thesouro Publico, e dos Archivos do Governo, e incorporou o Valais á França?

Ignora o Capitão Pasley que Bonaparte, antes de saber-se o Governo Inglez recusaria, ou não entregar Malta, ja tinha recusado pagar os interesses, que os vassallos da Inglaterra tinhaõ nos fundos publicos de França?

Ignora o author que Bonaparte recusou entregar tres navios Inglezes o *Porcher*, o *Tay*, e o *Highland Chief*, capturados dos mares da India, quando a paz ja era ali conhecida?

Ignora o author, que antes do rompimento do Tratado de Amiens, o commercio Inglez foi submettido a toda a especie de restricçoens, assim em França, como nos paizes, a que se estendia a influencia Corsica? Que a importação de manufacturas Inglezas foi prohibida em Hespanha, Italia, e Hollanda? Que os navios Inglezes, que eraõ admittidos nós portos da França experimentavaõ ali toda a casta de injustiças; e que ate se confiscavaõ os proprios moveis do Capitão com o pretexto de que eraõ de manufactura Ingleza?

Ignora o Capitão Pasley que antes do rompimento do Tratado de Amiens, Bonaparte fez inserir no *Moniteur* de 6 Thermidor de 1802 “que os rumores relativos a “hum tratado de commercio (com Inglaterra) não “tinhaõ algum fundamento:—que os fabricantes Fran- “cezes devião ter bastante confiança em seo Governo, “para o não suporem capaz de HUMA TAL FRAQUEZA?” Ha hum artigo mais evidentemente hostile? Não dava Bonaparte a entender á França, á Inglaterra, e á Europa, que não queria cumprir o Tratado de Amiens; que dezejava a guerra com a Grã-Bretanha, e estava procurando todos os meios de a excitar, como fez?

Ignora o author que Bonaparte não tendo que pretextar contra o Governo Inglez para romper o Tratado de Amiens, pertendeo tyranizar a imprensa In-

gleza, sujeitando-a á censura do seo Embaixador? Que o Despota teve a insolencia de se queixar a Mr. Jackson, Ministro de Inglaterra em Pariz da liberdade das reflexoens publicadas nas gazetas Inglezas, e nas fallas dos Membros do Parlamento? Que taes pertençoens atacavaõ directamente a Constituição Ingleza, e tendiaõ nada menos que a fazer os Inglezes taõ escravos como o saõ hoje os Francezes.

Ignora o author que Bonaparte antes do rompimento do tratado de Amiens intentou desorganizar a Ingleterra por todos os meios? Que elle mandou aqui, á Escossia, e Irlanda hum aluviaõ de *Agentes Secretos*, e de *Agentes Commerciaes*, como foraõ, por exemplo,

Bonnetcarrere com a incumbencia de vigiar as eleiçoens, o qual foi descoberto pelo Governo Inglez, que se contentou com o expulsar deste Reino;

Fievée, que veio a Inglaterra com a missaõ de assalariar os Jornalistas Inglezes para servirem aos projectos, e vistas infames do Tyranno:

O Coronel *Beauvoisin* mandado por Bonaparte com a commissaõ horrivel de *engajar* scelerados para assassinarem Sua Magestade Britannica, e vigiar o Conde de Artois:

Despard que foi taobem encarregado por Bonaparte de taõ exacranda missaõ; e que tendo ja traçado o seo infernal projecto, felismente foi descoberto, e informado, como merecia, e quem o mandou:

Méhée de la Touche que veio a Londres para enganar os credulos emigrados, e Principes Francezes, bem como os Ministros Inglezes:

Fauvelet, que depois de ter commettido toda a casta de crimes em Turin, e ser por isso prezo em Biccetre, foi dali tirado, e mandado pelo Tyranno para Consul Geral da França na Irlanda, com a incumbencia de mandar sondar todos os portos, todos os rios; tirar cartas, e plantas de todos os portos, e fortalezas?

Ignora o Capitaõ Pasley que alem daquelles emissarios, Bonaparte, antes do rompimento do tratado de Amiens, e em tempo de profunda paz, mandou para Inglaterra, Escossia, e Irlanda quinhentos emissarios militares, encarregados todos de commissoens hostiz? Que em tempo de profunda paz Bonaparte estava excitando por todos os meios huma insurreiçaõ na Ir-

landa? Que em tempo de profunda paz estava a promptando em diversos portos da França, e Hollanda, expediçoens para atacar as colonias Inglezas das Indias Occidentaes? Que em tempo de profunda paz, Bonaparte procurou excitar huma revolta na Marinha Ingleza? Que em tempo de profunda paz, estabeleceo, e formou o decantado campo de Bolonha?

Se tal foi a conducta do Corso aventureiro para com a Inglaterra, durante a paz de Amiens; como pode o Gabinete Inglez negociar de novo com elle? Hum inimigo declarado não he incomparavelmente menos temivel, do que hum amigo simulado, e perfido?

Mas acazo tem o Despota sanguisedento tido huma conducta diversa para com as Potencias do Continente? Deque serviraõ aos Reis de Napoles, e Hespanha os tratados de Paris, e Fontainebleau? Deque serviraõ a SUA ALTEZA REAL o Principe Regente de Portugal o tratado de Paz de Badajoz e Mádrid, bem como o de neutralidade feito em Lisboa? Deque serviraõ aos supremos chefes da Igreja Pio VI, e VII. os tratados de Paz, e neutralidade; deque lhe serviraõ todos os sacrificios, e humiliaçoens a que por bem da Religiaõ se sujeitáraõ? Que tirou a caza de Austria, Paulo I., seo filho Alexandre, e o Rey de Prussia dos diversos Tratados que fizeraõ com Bonaparte? Ha crime, ha perfidia, ha insolencia, que elle não tenha perpetrado para com todos estes Principes?

Como pode pois o Governo Inglez entrar em paz com Bonaparte? Não: elle não fará a paz em quanto o Tyranno viver. Elle sabe que o Imperio de Bonaparte adquirido por crimes, e por crimes sustentado, não pode ter longa duraçaõ. A Inglaterra sabe que hum systema, que tem destruido as bazes da ordem social, que tem feito em pedaços todos os vinculos politicos, religiosos, e moraes, não pode durar muito. Ella sabe, que o Tyranno he detestado por toda a Europa: ella sabe que todos os Francezes Realistas, Republicanos, e Jacobinos, o abominaõ: ella sabe que Francezes Alemaens, Suissos, Italianos, Hollandezes, todos esperaõ com impaciencia o momento favoravel para quebrar seos ferros: ella sabe que este

momento se approxima: ella sabe em fim, que nada pode esperar de hum monstro gerado no crime, nascido na rebelliaõ, educado na impiedade, assassino por inclinaçõ, pór habito, e por systema.

He por tudo isto que a Inglaterra não tem feito, nem fará jamais a paz com Bonaparte; e não porque possa, ou deva reccar o triste futuro, que o Capitaõ Pasley imagina. A continuaçã da guerra será a salvaçã da Grã-Bretanha, e a perda do Tyranno; e desta nascerá a paz da Europa, e o socego do Mundo.

No segundo capitulo o Capitaõ Pasley entra no exame comparativo dos forças, e recursos dos dois Imperios Francez, e Britanico.

Há cinco pontos principaes, dis o Author, que se devem considerar entre Naçoens, que estão em guerra, a saber—sua populaçã—sua renda—seos meios de recrutar—a energia do seu Governo—espirito, e patriotismo do seu povo.

Quanto á populaçã, renda, meios de recrutar, e energia do Governo o Capitaõ Pasley esforça-se para mostrar que tudo isto está do lado da França: relativamente ao espirito, e patriotismo do povo, concede á Inglaterra essa consolaçã, mas pertende ao mesmo tempo provar, que na guerra actual o espirito, e patriotismo do povo são de nenhum valor!!!

Se a populaçã dos dois Imperios se deve avaliar de huma maneira puramente numerica, ninguem poderá negar que a do Imperio Francez excede muito a da Grã-Bretanha. Mas o que o Author nunca poderá provar he, que a populaçã da França monta a setenta milhoens. Pelo contrario; nos estamos persuadidos, que ella he muito menor; e que o Capitaõ Pasley está perfeitamente illudido a este respeito. Para o convencermos, basta allegar a taboa de longitude de Pariz, na qual se diz que a populaçã do imperio Francez (1811) monta a 42,424,000 a saber.—

Habitantes que fallaõ a lingua Franceza	27,916,000
Ditos que fallaõ a lingua Italiana	4,922,000
Ditos que fallaõ a lingua Hollandeza	4,411,000
Ditos que fallaõ a lingua Alemã	4,100,000
Ditos da Baixa Bretanha	1,075,000
Total	42,424,000

Donde se vê que o Capitão Pasley exagera a população do Imperio Francez, e que lhe dá gratuitamente 27,576,000 habitantes de mais, o que não he pequena coiza. Mas nós estamos persuadidos deque o calculo publicado em Pariz he ainda exaggerado: basta ser publicado por ordem do Governo para ser falso.

Nos sabemos que a França de 1811 he mui diferente da França de 1789, quanto á sua estensaõ; mas nos sabemos taobem.

1. Que a emigração nos primeiros quatro annos da Revolução foi mui consideravel.

2. Nos sabemos, e sabe-o todo o mundo, que os terroristas guilhotinaraõ, afogaraõ, e fuzillaraõ muitos milhares de Francezes de todas as idades, condição, e sexo.

3. Nenguem ignora as guerras civis, que houve em França, e quanto foraõ sanguinosas.

4. Todo o mundo sabe as perdas que houve no exercito do Egypto, composto pouco mais, ou menos de 40,000 homens e dos quaes ametadé apenas voltou para França.

5. Que de expedição de S. Domingos composta igualmente de quasi 40,000 homens, voltaraõ somente alguns, que se poderaõ escapar.

6. Nos sabemos que a França está em guerra ha quasi vinte annos: que todos os seus generaes, exceptuando o desventurado Pichegru, e Moreau, tem sacrificado barbara, e inutilmente trez, ou quatro vezes mais gente do que aquella, que seria preciso, se elles fossem taõ habeis como aquellas duas victimas do monstro, que se diz Imperador dos Francezes; e se tivessem os mesmos sentimentos de humanidade, que tinha o Grande Turenne, que jamais sacrificou hum só soldado inutilmente, e para quem o sangue do soldado era o bem mais preciozo.

7. Todo o mundo sabe as perdas immensas que os Francezes soffreraõ nas campanhas de Italia; as que tiveraõ na decantada batalha de Austrelitz em que perderaõ 30,000 homens; as que padeceraõ nas campanhas da Polonia; as que supportaraõ em toda a campanha de 1809, em que o tyranno esteve por vezes perdido, e de que escapou ainda para desgraça do mundo.

8. He notoria, e incontestavel a perda immensa que a França tem tido na Hespanha, e Portugal, ha tres annos.

Consequentemente pode-se com probabilidade avançar que a população na França tem diminuido proporcionalmente tanto, quanto tem augmentado os seus dominios; ao menos a proposição he verdadeira relativamente aos habitantes recrutaveis.

Todos os viajantes concordão em que se começa a sentir falta de braços para a agricultura, apezar da diminuição gradual, que esta vai tendo. Sabe-se quanta difficuldade, o tyranno encontra em completar a conscripção annual, e que tem sido forçado a recrutar rapazes de quatorze annos. Sabe-se que para assim mesmo encher os varios immensos, que diariamente tem os seus exercitos, he já preciso recorrer á violencia.

Alem de todas as sobreditas causas da despovoação da França, ha inda outra mui poderosa, que he a mortandade horrivel, que tem lugar nos seus hospitaes militares. Nos tivemos a desgraça de ser testemunhas oculares da criminoza conducta da maior parte dos officiaes de fazenda Francezes: nos tivemos repetidas occasioens de observar, e conhecer a ignorancia de quasi todos os medicos, e cirurgioens empregados no exercito que atraçoadamente entrou em Portugal: nós podemos observar a mortandade horrorosa, que houve nos hospitaes, que eraõ da sua administração: nós podemos pois avaliar quanto esta causa da despovoação da França he poderosa; e mais ainda quando se reflectir, que o clima de Portugal he excellentemente providos de roupas, de utensilios necessarios; que os alimentos, e remedios eraõ optimos. Se assim mesmo a mortandade foi immensa; o que não terá acontecido em climas desabridos, e em paizes onde ha, e tem havido falta de bons alimentos, e sobre tudo de bons remedios, taes como a quina? Em 1808 morrerão em todos os hospitaes Francezes da Hespanha 53,000 homens: em 1809 morrerão 109,000, consequentemente naquelles dois annos morrerão *cento sessenta e dois mil Francezes* somente nos hospitaes. Quantos terão morrido em 1810 e 1811, sendo indis-

putavel, que nestes dois ultimos annos tem experimentado maior falta ainda de roupas, de alimentos, e sobre tudo de remedios?

Accresce que o tyranno, e seos generaes não tiraõ do campo da batalha aquelles desgraçados, que perderão hum braço, huma perna, &c. para não serem pezados ao estado, sem o poderem servir nos exercitos!

A população das principaes cidades do Imperio Francez em 1810 montava apenas a 3,099,025*. A população de Pariz que em 1789 excedia a 600,000 habitantes, em 1810 chegava apenas a 547,756, proportional diminuição tem havido não só nas 106 principaes cidades do imperio Francez, mas taobem nas povoaçoens menos consideraveis.

Se a população do imperio Francez subisse a 70 milhoens, segundo o Capitaõ Pasley, ou mesimo a 42,424,000, não poderia o tyranno ter hum exercito de hum milhaõ de combatantes, pelo menos? Sem duvida: mas que o não tem he hum facto. Ninguem provou ate hoje que os exercitos Francezes na campanha de Alemanha em 1809 montavaõ, ou excediaõ a 300,000 homens; mas suppondo que chegavaõ áquelle numero, e que as perdas immensas que soffreraõ naquella campanha estaõ cheias: suppondo ainda que tem 200,000 combatentes na Hespanha, e que 100,000 guarnecem a costa da Bretanha, e Praças da França: assim mesmo teremos somente 600,000 homens. Mas se desta somma se abatem os 70,000, que os reys, e principes escravos de que se compoem a Confederação do Rhin, apromptáraõ, ficaraõ apenas 530,000; e hum tal exercito, se todavia existe, doque muito duvidamos, he proporcional, quando muito, a trinta milhoens de habitantes.

Porque não tem pois o tyranno hum milhaõ de homens em armas? He porque não pode: poderia com tudo, se tivesse á sua dispozição quarenta e dois milhoens de habitantes, e muito mais ainda se a população do Imperio Francez subisse a setenta milhoens, como quer o Capitaõ Pasley. A sua ambição des

* Veja-se o No. 87 do Jornal intitulado—The Scots Magazine and Edinburgh Literary Miscellany, para o mez de Março de 1811.

medida he conhecida; o seu plano de dominio universal he manifesto: o descontentamento geral da França, e da Europa he incontestavel, e Bonaparte não o ignora: elle está pois na absoluta necessidade de sustentar, e manter numerosos exercitos, não só para conter os povos, que gemem debaixo da sua tyrannia, e que elle pôde escravizar; mas taobem para levar ávante os seos planos de usurpação, e universal dominio. Se não tem pois exercitos mais numerosos he porque não pode; e se não pode, he porque a população de Imperio Francez lho não permite, nem as suas rendas como logo provaremos.

Quanto á população do Imperio Britanico na Europa, ella sobe a 16,000,000; e entre tanto que a do Imperio Francez continuamente diminue, a da Grã-Bretanha vai rapida, e progressivamente augmentando.

Sabe-se quaes tem sido as perdas immensas que a desgraçada França tem soffrido em gente, ha vinte annos: as da Grã-Bretanha tem sido nullas. Entretanto que todos os governos revolucionarios da França tem barbaramente derramado o sangue dos Francezes; o Governo Inglez tem economizado o dosseos vassallos. A' brava, á generosa Nação Ingleza nada lhe importaõ milhoens; mas importa lhe tudo huma só gota de sangue dos seos filhos. Jamais se pedio conta a hum General Francez do sangue que derramou inutilmente; jamais se deixou de pedir estreita conta a hum General Inglez da morte de hum soldado, que devia ser poupado.

De tudo o que fica dito resulta, que apezar deque a população do Imperio Britanico não seja ametade da do Imperio Francez; com tudo a Inglaterra está actualmente em estado de poder apresentar tanta gente em armas, como a mesma França. Esta tem maior numero de mulheres, de velhos, e talvez de crianças; mas a Inglaterra tem maior numero de homens capazes de pegar em armas, sem fazerem falta á sua brilhante agricultura, ás suas florescentes artes, e manufacturas.

As forças actuaes da Gra-Bretanha sobem a 211,159, de linha; tem mais 84,300 de melicias, que se podem, e devem considerar como a mesma tropa

regular: total—295,459. Alem desta força verdadeiramente formidavel, e que se pode augmentar ao dobro, em cazo de urgencia, tem as milicias locaes. Como pode a Inglaterra temer hum dezembarque?

Quanto ás rendas de França; nós nada conhecemos tão miseravel, tão oppressivo, tão desordenado? e tão pobre relativamente á estensão do Imperio: e não he pequeno o nosso espanto vendo que o Capitaõ Pasley ate quer dar essa vantagem á França sobre a Grã-Bretanha.

Nos ja dissemos, e he incontestavel, que Bonaparte não tem exercitos mais numerosos, porque não tem gente; e alem disso porque não tem dinheiro para os manter. Elle conhece a necessidade de ter aquelles exercitos satisfeitos: com tudo quando o filho querido da victoria, ou *le fils pourri*, como lhe chamou o traidor Marquez de Gallo, fugio vergonhamente de Portugal; havia seis mezes que o seu exercito não recebia paga*. O que acontecia ao exercito do corrido Massena, acontecia, e acontece ainda aos mais corpos de Vandalos, que estão na Peninsula: e tudo isto prova, que as finanças de Bonaparte estão em muito maõ estado; o que necessariamente hade assim acontecer, porque o Commercio da França, como ja dissemos, está perdido; a sua agricultura vai diariamente diminuindo, ja pela falta de braços, ja pelos tributos enormes, que o tyranno tem imposto aos seus productos, e ja porque o superfluo destes não tem extracção alguma. Como conhece pois o Capitaõ Pasley que a França tenha vantagem sobre a Inglaterra no artigo—rendas publicas? Grande renda sem commercio, e sem hum florescente estado de Agricultura, he tão impossivel, que não nos devemos demorar hum só momento sobre este ponto. O Capitaõ Pasley está tão persuadido disto, que depois de se esforçar para desenvolver, e mostrar a proporção, que as rendas da França tem,

* Le troisieme parti, que se presentoit (diz o Moniteur de 9 de Abril, de cuja verdade, he talves esta a unica vez, que se não pode duvidar) etoit de repasser le Mondego, se dirigeant sur Guarda, et ouvrant une communication avec Ciudad-Rodrigo, où il y avoit des souliers, des habillemens, des munitions, de Partillerie, des magasins, et de l'argent (o que he mentira) pour l'armée, qui n'avoit pu se recevoir de sol de depuis six mois.

na epoca actual, com as da Grã-Bretanha, recorre a futuros perguntando,—se as finanças deste paiz continuaraõ a ser mais florescentes que as do continente, ou, se pelo contrario as deste em poucos annos seraõ superiores ás da Inglaterra.

Nos respondemos ao Capitaõ Pasley, que as finanças da Grã-Bretanha, continuaraõ sempre a ser mais florescentes, que as do Continente escravo. Porque a Constituição, e o Governo Inglez he sabio, justo, e tem ideas liberaes que não tem os do Continente. A sombra de huma tal constituição, e debaixo de hum tal governo, o commercio, e a agricultura necessariamente haõ de prosperar. Pelo contrario o Governo de Bonaparte he o mais arbitrario, o mais despotico, e tyrannico, que tem havido no mundo. Para o sustentar, e protrahir he necessario ir extinguindo pouco, a pouco as sciencias, que só os tyrannos temem. Sem estas, as artes, a industria nacional, o commercio, e agricultura desapparecem, ou prosperaõ mui pouco. Em quanto pois a Inglaterra conservar a sua Constituição, e o seu Governo, as sciencias, as artes, a industria, a agricultura, e commercio nacional haõ de necessariamente prosperar, e por conseguinte as suas finanças. Pelo contrario em quanto durar a vergonhoza Constituição Franceza, eo seu Governo emminentemente arbitrario, e despotico, retrogradaraõ as sciencias, e com ellas se iraõ secando as fontes da riqueza nacional a agricultura, e commercio, e consequentemente as rendas do estado iraõ decrescendo na mesma proporção.

O author para sustentar o seu paradoxo avança mui gratuitamente, que as taxas augmentaraõ no continente, e que Bonaparte não tem mais do que fixar estas taxas dentro do circulo da possibilidade.

Poisque o tyranno não tem mais do que fixar aquellas taxas dentro do circulo da possibilidade; poisque aquelles sobre quem recahem tem cada vez menos possibilidades, consequencia necessaria da ruina do commercio, declinação da industria nacional, e da agricultura; segue-se que Bonaparte em vez de augmentar as taxas, deve diminui-las.

Como he possivel augmentar as taxas no continente? Parece que o Capitaõ Pasley ignora quaes

saõ aquellas, que os desgraçados Francezes pagão ao tyranno. He por isso que nos vemos forçados a demorar-nos hum momento sobre este objecto, para desenganarmos este benemerito escriptor, e aquelles, que seguirem sua opiniaõ.

O Capitaõ Pasley, e aquelles dos nossos leitores, que ainda estiverem illudidos sobre este objecto, devem saber que há

1. Huma contribuição territorial de cinco por cento.

2. Hum direito auxiliar de cinco por cento sobre todo o vinho, que o lavrador fabrica.

3. Outro direito de cinco por cento a cada mundaça de lugar que este mesmo fizer.

4. Outro de cinco por cento sobre todos os vinhos, e liquores no tempo da sua venda.

5. Outro sobre as cazas, aluguer destas, e sobre as seges.

6. Outro sobre a *registamento*, o qual he muito onerozo.

7. Outro chamado direito de sello, que junto ao de *registamento*, monta a perto de trezentos milhoens de francos por anno.*

8. Direito de patente, que he huma taxa arbitraria imposta sobre os Banqueiros, Negociantes, Carniceiros, Padeiros, homens de Lojas, n'huma palavra sobre toda a pessoa, que tem huma profissao qualquer. Hum Banqueiro, ou Negociante da primeira ordem, paga quinhentas libras por anno: os da segunda trezentas: todo o homem de loja, mercador de vinho,

* Este sello comprehende immensos objectos, e he proporcional á grandeza do papel. Huma folha de papel de quatro paginas para cartas ordinarias, paga doze soldos: huma de oitavo grande paga deseseis; e huma de papel *elefante*, paga vinte. O papel para bilhetes paga diferentes sellos, sendo o maior de doze soldos. Cartas de avizos, editaes de espectaculos, obras periodicas, jornaes, noticias, bilhetes de entrada para bailes, concertos, jardins, &c. estaõ sujeitos ao mesmo direito de sello.

O Livro Mestre de todo o Banqueiro, Negociante, Mercador, &c. deve ser sellado em cada folha. Ha igualmente hum sello em cada papel, que serve de instrumento n'huma cauza, e nas respostas feitas pelos advogados nas questoes, que lhe saõ submittidas.

O *registamento* consiste no direito de hum por cento sobre todos os actos, contractos, mutaçoes, hypothecas, e letras de cambio, para serem validas. Todo o acto perante hum notario, em que se faz menção de huma somma de dinheiro, he taobem sujeito ao *registamento*.

&c. paga çem libras turnezas. Os cocheiros publicos, acarretadores, &c. pagão cincoenta francos annuaes.

9. Direito, ou taxa local, chamada *octroi*, que he hum imposto sobre todos os artigos de consumo, como vinho, carne, aves, mauteiga, ovos, queijo, feno, palha, e lenha.

10. Direito que pagão todos os notarios, procuradores, porteiros de tribunaes, corretores de cambios, e mercadorias.

11. Taxa que pagão todos os recebedores de contribuiçoens.

12. Taxas que se pagão para a manutençaõ do Graõ-Juiz, e de todos os Juizes, e officiaes de justiça, que são immensas, e deque o governo se aproveita.

Ora á vista deste esboço do systema de contribuiçoens, ou taxas em França, como concebe o Capitaõ Pasley, que ellas se possaõ augmentar? Sobre que mais se podem impor contribuiçoens, se nem os generos da primeira necessidade são izentos?

Mas ignora o author que nem as que existem se podem pagar; e que muitos infelizes lavradores de vinho no meiodia da França, tem sido obrigados a vender o resto da sua prata, e a sua roupa para pagarem os chamados *direitos reunidos*? Ha no mundo hum systema mais arbitrario, e mais oppressivo? Que termo de comparaçaõ pode o author achar entre as finanças de Inglaterra, que annualmente crescem, e as da França que diariamente diminuem?

Nós sabemos que os partidistas do tyranno não acreditaõ as contas de receita, e despeza, que annualmente se apresentaõ ao parlamento; e mui arbitrariamente julgaõ, que taes contas são forjadas pelos ministros. Pelo contrario elles prestaõ cega, e lastimozamente credito ao *budget* que o despota, ou seus ministros escravos apresentaõ. Mas ha hoje hum só estrangeiro medianamente instruido, ou hum só Francez, que não esteja plenamente convencido que os *budgets* que Bonaparte apresenta não são mais que charlatanarias, e imposturas grosseiras para enganar o vulgo quasi sempre cego? Ha hoje quem ignore que ninguem em França pode verificar taes contas, e que se alguem duvidasse dellas, o declarasse, e

fizesse a menor reflexão, seria sem piedade prezó desterrado, ou talvez fuzillado? Ha quem ignore, que qualquer Membro do Parlamento tem authoridade de exigir documentos justificativos; de pedir, e fazer apresentar todos os esclarecimentos, que julgar precizos, e que os ministros não lhos podem negar? De facto, não tem o Parlamento procedido muitas vezes a taes exames, e não se tem feito publico o seu resultado?

De tudo o que fica dito concluimos que os finanças de Inglaterra se achão em muito melhor estado que as da França; e que ellas continuaraõ para o futuro a ser mais florescentes, que as do continente em quanto o governo Inglez for o que he, e o tyranno da Europa teimar no seu plano de despotismo, e devastação.

Quanto aos meios de recrutar, e energia do governo, o Capitaõ Pasley sabe mui bem que o systema da conscripção he violentissimo; e de certo não ha hum so pai de familia em França, que o não deteste, e seu author. A violencia, a corrupção, e a injustiça saõ os meios de recrutar em França. Na Inglaterra pelo contrario ninguem, he violentado a ser soldado em hum regimento de linha: o governo paga a todos aquelles que voluntariamente se querem destinar a huma tal vida. A differença he clara, e está a favor da Inglaterra, que possui alem disso a vantagem de ter no momento actual maior numero de homens capazes de pagar em armas, do que a França não tem, como ja dissemos, e provamos. E quando não ha gente que se possa recrutar, todos os meios de recrutar saõ baldados.

Não duvidamos da energia, e actividade do governo da França; he huma das vantagens que tem o governo de hum só: mas deque lhe serve essa actividade, quando o governo he de sua natureza pessimo; quando o seu chefe obra com tanta rapidez, como concebe planos loucos, e impoliticos; e quando não consulta quem o pode esclarecer, e dezenganar? Deque lhe serve actividade, e energia, se lhe faltaõ sabedoria, e meios? Nos concedemos mais energia ao governo Francez para tudo o que he loucura, tyrannia, despotismo, e destruição: mas nem o author, nem pessoa alguma esclarecida, e justa, pode negar

ao Governo Inglez mais previdencia, mais sabedoria, mais politica, e actividade para tudo o que he bom, justo, e util assim á nação Ingleza, como a cauza geral da humanidade.

Relativamente ao espirito, e patriotismo do povo, o author admite, e concede á Inglaterra esta consolação; mas pertende mostrar, que na guerra actual bom espirito, e patriotismo do povo são de pouca monta!!!

He possivel imaginar hum só cazo em que o bom espirito, e patriotismo de huma nação seja, ou tenha sido de pouca valia, quando esta nação se acha em guerra com outra, que não tenha aquellas preciosas qualidades? Sem aquelle bom espirito e patriotismo poderia Roma resistir no seu principio aos seos inimigos, e chegar a ser depois a capital do mundo? Sem patriotismo, e bom espirito as pequenas Republicas da Grecia poderiam tantas vezes rebater, e confundir os seos formidaveis invasores? Sem patriotismo, e bom espirito teria a mesma Grã-Bretanha produzido tantos heroes famosos; teria ella sustentado sem murmurar huma guerra tão longa, e tão horrivel? Sem estas preciosas qualidades teria Portugal resistido outrora com tanta coragem, tanta constancia, e tanta gloria aos Romanos, aos Vandalos, aos Arabes, aos Hespanhoes, e ha tres annos, a tres exercitos desses barbaros assoladores mais ferozes, e sanguisedentos do que os tigres, e os leoens? Sem bom espirito, e patriotismo teriaõ os desgraçados Hespanhoes resistido aos seos crueis e infames oppressores apezar da traição de hum valido infame, da anarchia em que por vezes tem estado, e apezar da indolencia, e ignorancia de muitos, que os tem dirigido, e governado desde Maio de 1808?

Ignora o Capitão Pasley, que hum povo que he dotado de hum verdadeiro patriotismo não pode supportar a idea de perder huma patria, que ama? Que n'huma nação verdadeiramente animada de bom espirito, uniaõ, e patriotismo, todos os cidadaons quando o governo, ou a patria o exigem, obraõ com energia, concorrem com promptidaõ, e vontade para todas as precizoens do estado, estaõ prompts para

todos os sacrificios; e que de tudo isto resulta necessariamente huma força irresistivel?

Hum Inglez pode affoitamente dizer—‘ Esta caza he minha: a lei, e a força do estado me assegurão a sua posse: este campo he meu; quanto elle produzir, pertence me; aquella, e este serão a herança de meos filhos, que elles possuirão tranquillos, se imitando a minha conducta forem cidadãos virtuosos. Todo o fructo da minha industria, e do meu trabalho, he meu, depois de dar ao estado o que todo o cidadão deve, para que este possa assegurar-me o gozo da minha propriedade, e dos meos direitos. Eu nada tenho que temer, senão a lei; comprindo-a serei feliz. Se este estado de coizas faz a minha ventura; hum estado opposto fará a minha desgraça. Eu devo pois oppor-me com todas as minhas forças a qualquer inimigo domestico, ou estrangeiro, que intente transtornar a constituição e governo do meu paiz;’

Quem não vê que deste modo depensar de cada cidadão resulta hum modo de pensar geral, e deste huma só vontade; e que desta vontade geral resulta huma força incalculavel, e irresistivel? Como pode pois o Capitão Pasley asseverar que o bom espirito e patriotismo do povo Inglez será de pouca valia na guerra actual? E he hum Inglez quem assim falla! Nós o não crêramos, se o não vissemos escrito! Porque razão grandes nações, mas escravas, tem facilmente sido subjugadas por pequenos exercitos; se não porque não tendo patria, nem que perder, lhes era indifferente serem governadas pelo antigo, ou por hum novo tyranno? Permitta-nos o author, que lhe digamos que ello parece conhecer mui pouco quanto pode o verdadeiro amor da patria. Tenhão todos os povos do continente o mesmo espirito, e patriotismo, que tanto caracteriza, e honra o povo Inglez, e elles triumpharão do Monstro, que o inferno lançou no mundo para fazer a sua desgraça.

[Continuar-se-ha.]

Art. II. TAVOA CHRONOLOGICA DOS ACONTECIMENTOS
MAIS NOTAVEIS QUE HOUE EM TODO O ANNO DE
1810.

Janeiro.

Em

- 24 Foi assignado o tratado de paz entre França, e Suecia.
25 Cordova, e Jaen foraõ entregues ao Francezes.
29 O Principe Stahremberg, Embaixador de Austria, retirou-se de Inglaterra.

Fevereiro.

- 2 A Caza dos Communs rezolveo que se procedesse a huma averiguação, ou exame a respeito da Expedição, que se fez ao Escalda.
- O exercito Francez marchou para Cadiz com a intençaõ de se apoderar dos navios de Guerra Hespanhoes, e Francezes, que ali estavaõ; mas o Duque (o desgraçado Duque) d'Albuquerque, e o Duque del Parque uniraõ suas forças, e felismente lhe obstarão.
- 6 Guadalupe, depois de huma breve, mas vigorosa acção, foi entregue ás forças terrestres, e maritimas de Sua Magestade Britanica, commandadas por Sir Jorge Beckwith, e Sir Alexandre Cochrane.
- 11 Parte da velha Igreja de Liverpool cahio, e sepultou em suas ruinas hum grande numero de pessoas.
- 12 As Ilhas de Feroe e Islandia foraõ tomadas de baixo da protecção Britanica com certos regulamentos a respeito da costa de Greelandia.
- 17 O estabelecimento Hollandez de Amboyna com seis pequenos navios de guerra, e 49 navios mercantes, rendeo-se ás forças terrestres, e maritimas de Sua Magestade Britanica commandadas pelo Capitaõ Tucker da Armada Real.
- A Ilha de S. Martinho entregou-se á discrição ás forças Britanicas commandadas pelo General Harcourt, e Comodoro Fabie.
- Bonaparte annexou formalmente Roma, e os Estados Pontificios aos dominios da França.

- 27 Bonaparte declarou ao Senado a sua intenção de espozar a Archiduqueza Maria Luiza.

Março.

Em o

- 1 Jeronimo Bonaparte, em virtude de huma convenção feita com seo irmão Napoleaõ, tomou formalmente posse de Hanover.
- 2 A Caza dos Communs passou hum *voto de censura* sobre a conducta do Lord Chatham, apresentando secretamente a sua Magestade huma expozição das suas operaçoens no Escalda; e Sua S^a rezignou o posto de Commandante em Chefe da Artilharia.
- 7 Morreo no mar o Almirante Collingwood.
- 6, 7, e 8 N'hum violento foração de vento quatro navios de linha Hespanhoes, e alguns navios mais pequenos varáraõ em terra na Costa de Cadiz, e no Tejo, onde varios navios Inglezes, Americanos, e Portuguezes foraõ taobem consideravelmente damnificados.
- 11 Bonaparte recebeo-se por procuração em Vienna com a Archiduqueza Maria Luiza.
- 18 A Ilha de S. Mauro foi tomada pelas tropas commandadas pelo Brigadeiro General Oswald.
- 30 A Caza dos Communs, depois de huma discussão de quatro noites a respeito da conta dada pelo *Comité*, approvou a Expedição do Escalda.

Abril.

Em o

- 1 Bonaparte cazou em Pariz com a Archiduqueza Maria Luiza.
- O Rey de Suecia expedio huma Proclamação prohibindo a seos vassallos o uzo dos Productos Coloniaes, e a entrada de Navios Inglezes em seos portos.
- 5 A Caza dos Communs ordenou que Sir Francisco Burdett, fosse prezo na Torre, pelo grande, e escandalozo libello sobre a sua justa authoridade, e privilegios.
- 6 O Baraõ de Colls foi apanhado em Valency, e prezo por emprender livrar Fernando VII. do poder de Bonaparte.

- 7 Sir Francisco Burdett tendo recusado obedecer á ordem do Orador, e tendo havido serios tumultos; os corpos militares das vizinhanças da metropole receberam ordem de marchar para Londres, para conservar a tranquillidade publica.
- 9 Sir Francisco Burdett foi preso, e conduzido para a Torre escoltado por tropa. Esta fazendo fogo sobre o povo, varias pessoas foram mortas. Ao escurecer quando o Sargento fazia huma exposiçãõ circumstanciada dos seus procedimentos á Caza dos Commons, leu-se huma carta de Sir Francisco Burdett dirigida ao Orador negando á Caza dos Commons a authoridade de o prender.
- 19 Caracas declarou-se independente, em consequencia do Governo Hespanhol ter sido compelido a deixar Sevilha, e se ter disperso.

Maiõ.

Em

- 1 Os navios de Sua Magestade Britanica chamados o Espartano, e Successo baterão, e fizeram varar em terra perto da Ilha de Kapri, huma flotilha de navios Francezes e Napolitanos, e barcas canhoneiras.
- Willoughby, Capitaõ do Navio de Sua Magestade Britanica, chamado a Nereida, desembarcou em Jacotel na Ilha de França com hum corpo de marinheiros, e tropas, derrotou a guarniçãõ, e encravou a artilharia: mas por falta de gente, foi obrigado a reenbarcar-se.
- 4 A Caza dos Commons resolveo dar annualmente a S. A. S. o Duque de Brunswic 7,000 libras, e continuar-lhas ate que volte para os seus dominios.
- 21 A fortaleza de Matagorda foi tomada pelos Francezes.
- 22 Teve lugar a revoluçãõ de Buenos Ayres, cujo Vice Roy foi deposto, e installada huma Junta composta dos Naturaes daquelle paiz.
- 23 Houverão serios tumultos em Rotterdaõ; os Soldados Francezes, e os officiaes da alfandega foram atacados pelo povo.
- 29 Morreo o Principe de Furstenburg, Principe Jurado da Suecia.

- 30 Sua Alteza Real o Duque de Cumberland esteve a ponto de ser assassinado por Joseph Seillis, creado estrangeiro do mesmo Principe.

Junho.

- Em
12 O General Sarrazin abandonou o serviço da França, e passou para Inglaterra.
- 21 O Parlamento foi prorogado quando Sir Francisco Burdett foi solto da Torre, e John Jones de Newgate; ambos tinhaõ sido presos por terem infringido os privilegios da Caza dos Communs.
- Houveraõ serios tumultos em Stockholm durante o funeral do ultimo Principe Herdeiro, em que o Conde de Ensen foi morto.
- 25 O Conselho da Regencia de Hespanha ordenou a convocação das Cortes extraordinarias da Nação.

Julho.

- Em
1 Houve hum furação de vento que occasionou muitos accidentes em Londres, e outras partes.
- Luis Bonaparte rezignou a coroa de Hollanda em favor de seos dois filhos.
- Aconteceo huma terrivel catastrophe em Pariz: quando o Embaixador de Austria dava huma esplendida função a huma numeroza assemblea, pegou-se fogo accidentalmente nas sallas, e muitas pessoas perderaõ a vida.
- 2 O muito Honrado Lord Grenville foi installado Chancellor da Universidade de Oxford, com hum esplendor inaudito: passou-se huma semana inteira em exercios academicos, intertenimentos, e festividade.
- 8 A Ilha de Bourbon rendeo-se por capitulação ás forças de mar e terra de Sua Magestade Britanica, commandadas pelo Tenente-Coronel Keating, e o Almirante Rowley.
- 10 Bonaparte annexou formalmente a Hollanda á França.
- A cidade de Rodrigo rendeo-se aos Francezes, depois de hum sitio de dezaseis dias.
- 19 Morreo Sua Magestade a Rainha de Prussia.

- 20 Hum flotilha Napolitana foi interceptada junto de Amantea pela nau de Guerra de Sua Magestade Britanica o Thames, Capitaõ Waldegrave, e hum numero de Canhoneiras Sicilianas : 37 navios cheios de provizoens foraõ tomados, e conduzidos a Messina, e o resto foi destruido.
- Os fundos publicos em Londres soffreraõ hum consideravel abatimento, e houveraõ muitas bancas-rotas na cidade.
- 22 Estabeleceo-se hum Conselho de Marinha (Almirantado) em França para tratar dos negocios relativos a este departamento.
- 24 A Guarda avançada do Lord Wellington, commandada pelo Brigadeiro General Craufurd, sendo atacada por huma força mui superior, foi compellida a retirar-se da sua pozição junto de Almeida, com a perda de quasi 200 homens entre mortos, e feridos.

Agosto.

Em

- 8 O Conselho da Regencia de Hespanha declarou a Provincia de Caracas n'hum estado de rigoroso bloqueio.
- 11 Houve hum terrivel terramoto na Ilha de S. Miguel : morreraõ 32 pessoas, e vinte cazas foraõ destruidas.
- 12 Mandaraõ-se aparelhar quatorze navios de linha Hespanhoes, e sahiraõ para differentes destinos, evitando assim a possibilidade de cahirem em poder dos Francezes.
- 13 Houve huma escaramuça entre huma guarda avançada do Lord Wellington commandada pelo Capitaõ White do 13 de Dragoens, e huma divizaõ do corpo de Regnier : esta ultima foi derrotada com a perda de 50 a 60 dragoens ; e varios officiaes prizioneiros, alem de 10 ou 12 que foraõ mortos, e feridos.
- 15 O Conselho da Regencia de Hespanha, em consequencia de huma proclamação do Marechal Soult que determinava que se naõ desse quartel aos paizanos armados, que naõ pertencessem a hum exercito, ou corpo militar ; publicou em revindita

huma ordem para que se não des-quartel a Francez algum sem distincção: esta medida produzio bem depressa a revogação daquella barbara proclamação.

- 16 O estreito de Corfu foi declarado em estado de bloqueio pelas forças navaes de Sua Magestade Britanica.
- 21 O Marechal Bernadotte foi eleito Principe Herdeiro da coroa de Suecia pela Dieta.
- 23 Luciano Ponaparte, com a sua numeroza familia, chegou a Malta.
- Os Navios de S. M. Britanica o Sirio, a Nereida, e a Magica atacaraõ corajozamente varios navios inimigos na Ilha de França, e os fizeraõ varar em terra; porem desgraçadamente elles mesmos ficaraõ encalhados; e depois de huma desesperada defesa contra as baterias da terra, as equipagens foraõ obrigadas a lançar-lhe o fogo.
- 25 O General Murat, (intruzo Rey de Napoles) supprimio o futuro alistamento voluntario de soldados, e substituiu-lhe o systema de conscripção.

Septembro.

Em

- 9 Em consequencia das brilhantes façanhas das tropas Britanicas nas ultimas campanhas em Hespanha, e Portugal, particularmente nas batalhas da Rolça, Vimeiro, Corunha, e Talaveira, foi Sua Magestade servido mandar cunhar huã medalha, que devem trazer aquelles officiaes, acima do posto de major, que se acharaõ em alguma daquellas batalhas.
- 15 Prendeo-se em Lisboa hum grande numero de pessoas de diferentes ordens, suspeitas de conspiração, e de ajudarem o inimigo.
- 18 O General Murat tentou hum desembarque na Sicilia; porem foi obriga lo a abandonar a empreza com a perda de tres, mil e seis centos homens entre mortos, feridos, e prisioneiros.
- 24 Neste dia se ajuntaraõ as Cortes Extraordinarias de Hespanha na Ilha de Leaõ.
- Os principaes habitantes do Oeste da Florida inentaraõ huã revolução.

- 27 O exercito do Lord Wellington foi atacado nas suas pozicoens do Busaco por Massena. O inimigo foi vigorosamente repellido em todos os pontos, e perdeu assima de dez mil homens entre mortos, e feridos. O exercito Anglo-Luzo teve 179 mortos, 912 feridos, e 17 extraviados.
- 28 Mr. Abraham Goldsmith poz termo á sua existencia, o que fez huma grande sensaçao nos fundos publicos, e a que o governo Inglez occureo immediatamente.

Outubro.

Em

- 3 Morreo em Aberdeen o Dr. James Beattie, Sabio Professor de Historia Civil, e Natural na universidade daquella cidade.
- 7 O Coronel Trant com huma divizao de tropas Portuguezas expulsou de Coimbra os Francezes, e tomou 5,000 prizonheiros, que Massena tinha deixado aos hospitaes daquella cidade.
- 17 Hum destacamento de 1,300 homens tendo sahido de Gibraltar para huma expediçao secreta, debaixo do commando do Major General Lord Blaynei, encontraraõ huma força Franceza muito superior, e depois de huma renhida açao, elles foraõ compellidos a retirar-se para Gibraltar com huma pequena perda.
- 25 Sua Majestade Britanica Jorge III. completou o seu quinquagezimo anno de seu reinado.
- Descobriãõ-se neste mesmo dia em Sua Majestade symptomas da dezordem mental deque fora affectado em 1788—1801—e 1804. Esta desordem augmentou, e no dia 29 principiaraõ a exhibir-se no Palacio de S. James os bolletins sobre o estado da saude do Rey assignados pelos medicos.

Novembro.

Em

- 1 Juntou-se o Parlamento: porem, em consequencia da indisposiçao de Sua Majestade, ambas as Cazas ficaraõ adiadas para o dia 15.
- 2 Morreo em Windsor a Princeza Amelia, depois de huma longa, e penosa doenca.
- O Prezidente dos Estados Unidos publicou huma

- proclamação insinuando falsamente, que os decretos de Milão, e Berlin foraõ revogados.
- 8 Mr. Mackensie, que tinha sido mandado a França, para negociar huma troca de prizioneiros, voltou, sem effectuar aquelle objecto.
- 11 Ordenou-se hum luto geral pela morte da Princeza Amelia.
- 12 Houve huma grande tormenta, que inundou muitas partes deste paiz, e occasionou huma perda de consideraveis propriedades.
- 13 O Conde de Gottorp (o bravo Rey de Suecia) chegou a Inglaterra.
- 14 O General Massena retirou-se para Santarem da sua posição em frente do Lord Wellington.
- 15 O Parlamento juntou-se, conforme a prorogação, e novamente ficou adiado para o dia 29.
- 18 Publicou-se huma Ordem em Conselho determinando huma acção de graças por toda a parte do Reino pela ultima abundante colheita.
- 19 A Suecia declarou guerra á Inglaterra.
- 28 Bonaparte ordenou que todos os marinheiros habeis das cidades Anseaticas entrassem no serviço da França.
- 29 Juntou-se o Parlamento ; e foi novamente prorogado para o dia 13 de Dezembro.
- Neste mez Bonaparte ordenou que todas as mercadorias Britanicas, e coloniaes fossem queimadas.

Dezembro.

Em

- 4 O Coronel Trant derrotou huma divizaõ de 4,000 Francezes diante de *Villa Campo*, e tomou 60 prisioneiros.
- 13 Ajuntou-se o Parlamento conforme a sua ultima prorogação ; e a Caza dos Communs nomeou huma Junta para examinar o estado da saude de Sua Majestade, e participar o resultado á Caza.
- Luciano Bonaparte chegou a Inglaterra.
- 14 A Caza dos Lords tomou huma rezolução semelhante á da Caza dos Communs.
- 17 A Caza dos Communs recebeu a conta da sua Junta, e ordenou que se imprimisse.
- 20 A Caza dos Communs resolveo, em Junta, passar hum Bill, dezngando Sua Alteza Real o Principe

de Galles Regente do Reino, durante a indisposição de Sua Magestade.

- 24 Chegou a Londres hum Embaixador Argelino.
 — Morreo o muito nobre James Duque de Queensberry, na idade de 85 annos.
- 28 Os Lords accederaõ á rezolução da Caza dos Communs relativamente á nomeação do Regente.

Julgamos interessante inserir no nosso Jornal esta taboa chronologica extrahida do Jornal Inglez—*the General Chronicle, and Literary Magazine*: e no mez de Janeiro proximo daremos huma semelhante taboa dos acontecimentos mais notaveis em todo o anno corrente.

Os Redactores daquelle Jornal dataõ do dia 15 de Setembro as prizoens que se fizeraõ em Lisboa das pessoas suspeitas de conspiração, e de intelligencia com o inimigo: mas este desastrozo acontecimento teve lugar no dia 10 pa. 11 de Setembro. A justiça pede que deixando a posteridade este facto, se diga taobem em abono da verdade, que o Governo declarou que “em consequencia das averiguaçoens de Policiase mostrou que a rezidencia de alguns individuos neste Reino podia ser prejudicial ao socego publico, em huma conjunctura, como a presente, pelo que tomou o Governo a resolução de os remover interinamente de Portugal. Este procedimento se acha escandalozamente calumniado na gazeta Ingleza denominada o Sol de 2 do corrente (Outubro), cujas asserçoens os Senhores Governadores do Reino mandaõ desmentir, fazendo saber, que nem o Marechal General Lord Wellington, nem o Ministro Plenipotenciario de S. M. B. nem algum outro individuo da dita nação teve alguma parte no referido procedimento, nem conhecimento anticipado delle; por isso que o mesmo procedimento não foi mais, que hum resultado das informaçõens que foraõ communicadas pela Policia. As outras noticias absurdas, sobre a conjuração, achados de armas, &c. são taõ notoriamente falsas, que não merecem refutação. Semelhantes delictos, se existissem seriaõ castigados com penas mais graves, em observancia das leis, e para escarmento dos culpados.”

LITERATURA PORTUGUEZA.

Art. III. Entre as peças deste genero que temos presentes, escolhemos a seguinte Ode, que, nos parece, merecerá o acolhimento dos amadores da Literatura Portugueza, alias pouco conhecida; tanto pela correcção de lingoagem, como pelo escrupulo Horaciano do author na construcção do verso Saphico.

ODE SAPHICA

A

GLORIA MILITAR PORTUGUEZA,

PELA EXPULSAO

DOS EXERCITOS FRANCEZES DE PORTUGAL.

Assas castigos infligio na terra
 A maõ suprema, que dardeja o raio;
 Assas horrores vimos do profundo
 Palido absimo.

Epocha infausta de Ignominia e Lucto!
 Mais que a de Pyrrha assignalada em monstros,
 Quando as mais altas serras alagaraõ
 Tumidas ondas!

Do immundo berço da immoral torpeza,
 Dos vicios onde se fermenta a peste,
 De Gallia insana, que em delirios arde,
 Veio o flagello.

Lysia, tu viste os ares teos cortando
Descer bramindo nas vampireas azas
Tartareo bando de vorazes monstros,
Feras harpias.

Inda mais torpes, inda mais famintas,
Que essas outrora á Phrygia meza infestas;
Fartar quizerao no teu puro sangue
Rabida sede.

Viste bandeiras tremular nefandas!
Viste á insultar-te rapidas correndo
Barbaras hostes, excedendo em furia
Vandala raiva!

Jura o monstro de perfidias negro,
Monstro o mais feio, que surgiu do Averno,
Colher-te ás garras, e de opprobrios duros
Preza fazer-te.

Do ferreo throno, cumulo de crimes
Onde o Tyranno a humanidade ultraja,
Torcendo os olhos que em furor negrejao
Disse, "apressai-vos."

"Correi, phalangés de castigo e morte,
"Lysia me offende; a meu poder resiste;
"De meu imperio as radiantes aguias,
"Dura repelle.

"Do Tejo ás bordas extranhado insulto
"O meu commando imperial encontra;
"Riscado quero das naçoens da terra
"O nome Luzo.

"Tornai o berço dessa altiva raça
"Montaõ de cinzas, lugubre dezerto,
"Pague o leopardo com vergonha expulso
"Rudes affrontas."

Mas tu, oh Lysia, do infernal decreto
Calcando as iras, ao conflicto horrendo
Na fé segura, e no teu patrio Marte
Prompta correste.

Do heroe Britano que te escuda e guia
 Seguindo a voz e protentoso exemplo
 Dêste da tua ingenita virtude
 Prova sobeja.

Por ti ao campo da tremenda lucta,
 Que á foz do Tejo decisiva sorte
 Prepara ao mundo ; a sympathia humana
 Terna voava.

Do abismo, ou Ceo ja proximo o triumpho,
 Termo de sustos, de esperanças termo
 Em ti fitava a humanidade os olhos
 Muda, tremente.

Mas eis que assoma do resgate a hora ;
 Rompe-se a nuvem de pavores densa ;
 Cahe o dezasre, a confuzão, e a morte
 Sobre o inimigo.

Como o Syrocco, que os dezertos varre
 Montes de area em turbilhão levando,
 As impias turmas insoffrido arrojô
 Bate, afugenta.

No amor da patria ao despotismo adverso
 Se accende o raio, que os ultrages vinga ;
 Que fulgurando faz tremer de longe
 Palido o crime.

Graças, oh Lysia, ao Genio que te exalta.
 Graças á mão que te arrancou das trevas
 O lustre antigo que extinguir querião
 Fados iniquos.

Exulta pois; e dize ao mundo absorto
 Que não se admire ; que de ignotos mares
 Quem venceo furias, muito mais na terra
 Vence tyranos.

SCIENCIAS.

CHYMICA.

HISTORIA DA CHYMICA.

DESDE os primeiros tempos, o homem impellido pela necessidade, devia tentar naturalmente alguma alteraçã na forma de certos corpos que eraõ indispensaveis para o seo uzo. Deste trabalho devia rezultar huma especie de analyse mais ou menos perfeita, que se pode considerar como origem da Chymica. Não he possivel assignar epocha, em que começassem os seus primeiros rasoados processos; contudo o conhecimento dos mais importantes metaes, e por conseguinte hum esboço imperfeito de metallurgia pode remontar-se até a mais alta antiguidade. Na historia Mosaica, Gen. IV. se lé que Tubalcain, filho de Lamech e Zillah ensinava aos artífices o methodo de trabalhar os metaes. O fabrico do vinho, que he indubitavelmente hum processo chymico, he huma invenção pouco posterior áquella arte, como se ve do mesmo Gen. ix. “ Pouco tempo depois do diluvio, Noe começou a ser lavrador—plantou huma vinha, e bebeo do seu vinho.” Que o licor de Noe tinha passado pelo processo da fermentação, se collige do effeito que produzio nelle. O suco da uva não fermentado carece do poder embriagante. Mas bem que algumas operaçoens do que agora se chama chimica, fossem conhecidas naquelles tempos, e provavelmente antes, os factos não tinhaõ conexaõ entre si, não havia arranramento dessas ideas dispersas, nenhuns principios geraes estabelecidos, nenhuma deducçoens racionaes formádas.

Nos diversos períodos da sua carreira, a materia que tractamos, recebeo diversas denominaçoens, que se derivavaõ da sua applicação a certos objectos, ou do caprixo, e phantazia de alguns, que se illudiaõ

com titulos impostores. Assim a arte hermetica e trismegistica foi applicada a chymica, de Hermes ou Mercurio aliás chamado Thoth, de Hermes Tresmegtisto, aliás chamado Siphaz, ambos reis do Egypto, a quem se tinha attribuido successivamente a invenção desta arte, e que provavelmente foi so por elles restabelecida ou melhorada. Zozimo faz menção de hum nome Grego antigo, *ποιητικη*, ou *ποιητικη τεχνη*, a arte de fundir ou creativa (faciendi vim habens donde se ve que o chymico se chamava *ποιητης*, *factor*, *effector*, *conditor*, *creator*, fabricante, fundidor, operario, ou creador: nem athegora se tem inventado hum termo mais descriptivo; sendo a applicação que se fez desse nome Grego para exprimir a arte creadora da poesia, e que literalmente se tem conservado athe nos, motivo de alguma confusão pela sua dupla referencia. He curioso, todavia, observar, que n'hum ramo da chymica extenso e muito importante, o de *fundidor*, se tem conservado a idea original. Chamou-se tambem *chrysopoiesis*, ou arte de fazer ouro. Pyrotechnia, ou arte do fogo, porque a maior parte das suas operaçoens se faziao por meio do fogo. Os Arabes lhe chamaraõ alchemia, designando huma couza de origem celeste, ou digna de vir do ceo. Segundo Boerhaave, este termo se lhe tirou perto de quatro centos annos depois de Christo. Paracelso lhe da o nome de arte hysopica do *Psalmo asparges me hysopo, et mundabor*, e este epitheto parece ter sido adoptado por elle, por quanto a chimica purifica ou alimpa os metaes. A arte spagyrica, das duas palavras Gregas que significação separar, e unir. Metallurgia, do seu uzo em trabalhar os metaes—Docimasia, da arte de ensaiar as veas metallicas, e muitos outros nomes que teve em differentes periodos, segundo os seus varios uzos, como holotechnia, lithurgia, philogurgia, &c. O seo presente nome chymica, ou chemia tem sido objecto de muitas conjecturas, e opinioens; alguns querem dirivalo do Hebreo *chaman* ou *kaman* mysterio; outros do antigo nome Egypciaco *cham* ou *chemi* de Ham ou Cham filho de Noe, por quem foi povoada a Africa depois do diluvio; entretanto que Bochart o deduz do Arabe *chema* ou *kema*, esconder. Nos omittaremos a derivação fabuloza dos que pretendem que as des-

cobertas dos mysterios chymicos foraõ o *pretium amoris* que os anjos davaõ ás filhas dos homens, como indigna de huma exacta reflexaõ, e historia autentica. Os primeiros escriptos a que a palavra chymica pode referir-se, saõ os de Plutarco o historiador, que uza d'ella, como hum dos nomes sagrados no Egipto; e a primeira vez que a incontramos exprimindo a arte de que fallamos, he no manuscrito Grego de Zozimo o Panopolitano, que parece ter vivido no quarto seculo.

Voltando a historia. Desde o tempo de Tubalcain (que se julga ser a mesma pessoa, que depois os pagãos deificaraõ debaixo do nome de Vulcano) ate ao de Noe, e o diluvio, naõ encontramos na sagrada escriptura noticia alguma relativa ao nosso objecto; ainda que podemos inferir do plano por que foi construida a arca de Noe, que este possuia muitas descobertas, e artes das idades precedentes. Depois da fundação da torre de Babel, a escriptura nos fornece muitos exemplos mais ou menos distinctos dos progressos das artes; taes como, o paõ e o vinho de Melchizedeck; o ouro e a prata de Abrahaõ, e as balanças empregadas em pezar estas substancias; o vaso de Rebeka, as suas joias; o oleo que Jacob derramou sobre a pedra em Bethel; a grande baixella que elle tinha no Egipto, e milhares de outros documentos provaõ que naquelle tempo se conhecia a arte de trabalhar os metaes.

Que os Egepcios especialmente tinhaõ adiantado a chymica em muitas das suas operaçoens, naõ pode duvidar-se e ha todo o lugar de crer que os Israelitas, e Moisés obtivesseni delles o conhecimento de varias processos, que depois empregaraõ; como a fusaõ do bezerro de ouro no dezerto, a construcão da arca, e tabernaculo, com os seus ornamentos, os vestidos de Aaraõ, peitos de aço, &c. o que tudo indica a existencia daquellas artes; como tambem a de tecer panos, e de os tingir de varias cores; de distinguir as pedras preciosas, e gravar sobre ellas; e outras mais artes, que parece, se practicavaõ naquelle tempo n'hum grão superior.

Alem da noticia que nos fornece a historia sagrada de inventos chymicos, temos outras canaes de infor-

mação, que passamos a investigar. Não deve aqui omitir-se, que os Phenicios, descendentes de Sidon filho de Canaan, conheciam a arte de tingir panos de cor purpurea, produzido por huma especie de testaceo. A invenção do vidro, pedras preciosas artificiaes, perfumes e balsamos, se lhes tem igualmente attribuido: e alguns escriptores tem supposto que os Carthaginezes, e Gregos successivamente derivavaõ os seus conhecimentos chymicos dos Phenicios, e que dos Gregos passaraõ para os Romanos. He evidente pelos serviços que Hiraõ, rei de Tyro, fez a Solomaõ durante a construcção do templo, que este povo conhecia mui bem a arte de trabalhar os metaes, a da tincturaria, e gravura, e particularmente possuia excellentes esculptores, e canteiros.

O saber primitivo dos Gregos; segundo Plataõ, devia ser mui limitado, pois que este philosopho introduz hum sacerdote Egypcio, que se dirige a Solomaõ desta maneira—Vos Gregos sois ainda creanças; não tendes sciencia da antiguidade, nem antiguidade da sciencia.

Com effeito, o Egypto deve olhar-se como berço, ainda que não exclusivo, das artes, e das sciencias; a chymica com particularidade era ali cultivada; em quanto outros ramos scientificos se espalhavaõ por outras partes do mundo; e tanto veneravaõ os Egypcios este objecto favorito das suas occupaçoens que Herodoto nos assegura que havia em Memphis hum templo consagrado á Vulcano, que elles honraraõ como o inventor do fogo. O velho Plinio, que viveo quazi no primeiro seculo da era christam, e que escreveu hum obra trabalhada sobre historia natural, fallando dos quatro periodos da sciencia, que tinha precedido aos tempos em que elle vivia, conta os Egypcios como os primeiros, attribuindo-lhes a precedencia sobre todas as outras naçoens. Ja mencionamos dous philosophos Egypcios, Thoth e Siphos, que tinhaõ o sobre-nome de Hermes ou Mercurio, cuja historia não he possivel desenvolver mais, em razãõ de ser muito envolvida na mythologia e fabula. O ultimo Hermes dis-se ter vivido 800 annos depois do primeiro, e 1800 antes da era christam; e ter escripto hum grande numero de livros sobre philosophia natural, ainda que muitos os attribuiaõ a differentes au-

thores, que arrogavaõ a si o mesmo nome, o que era uzual naquelles tempos. Democrito de Abdera, em Thracia, que viveo perto de 500 annos antes daquella era, viajou no Egypto, Chaldea, e Persia, &c. e disse ter adquerido grandes conhecimentos chymicos no primeiro destes paizes. Voltando ao seo paiz, elle se deo inteiramente ao estudo da botanica, e da chymica, e lançou os fundamentos, ou illustrou os principios da philosophia atomica, aperfeiçoada dous seculos depois por Epicuro. Plinio olhava com tanto assombro para os conhecimentos de Democrito, que os suppunha huma especie de milagre.

Hum longo intervallo desde esse tempo se encontra na historia, que tecemos, o qual não he possível encher, senão observando, que he mui provavel que os Sacerdotes Egepcios continuassem a practicar os diversos ramos da chymica, que possuiaõ, athé que o Imperador de Roma, Diocleciano, que conquistou o seo paiz, ordenou que os seos livros fossem queimados, no terceiro seculo depois de Christo para que podesse, destruindo as fontes dos seos conhecimentos, reduzir melhor, e mais completamente aquelle povo a sujeição, marcha uzual de todos os conquistadores.

Logo depois deste periodo, isto he, no quarto seculo, Zozimo, historiador Grego (de quem ja fallamos,) escreveu varios tractados sobre objectos chymicos, que nunca se publicaraõ; mas que sendo conservados na livraria do rei de França, foraõ lidos por Scaligero, e depois por Borrichio, Conringio, e outros. A Zozimo succedeo Garco, Anastazio, e outros muitos escriptores Gregos, principalmente frades, cujos escriptos apenas sabemos que se conservaõ nas grandes livrarias de Roma, de Veneza, e Pariz. Finalmente, a chymica sendo expulsa do Egypto, Grecia, e outros paizes, pela mão perseguidora das revoluçoens, e pelos horrores da guerra, se refugiou na Arabia, onde foi por longo tempo cultivada com grande fervor, e em muitos pontos adiantada consideravelmente.

Foi entaõ que comecou o reinado da alchemia, nome que os Arabes empregaraõ, ou para designar a grandeza do seo objecto, ou exprimir a prezumpção, e loucura daquelles, que o proseguiaõ. A palavra he composta do artigo Arabico *al* (o) e *chemia*, que signi-

fica excellencia, superioridade; ou como outros imaginão de *alchy*, celeste, e *ma* como designando com isso couza de origem celeste. Dous eraõ os principaes objectos d'alchemia: 1. A arte de fazer ouro de todo e qual quer metal, incluinta a tentativa de achar a pedra philosophal, que devia produzir esta transmutaçãõ; e 2, a descoberta de hum remedio universal para todas as doenças, a que está sugeito o corpo humano. O primeiro destes objectos precedeo o segundo de muitos seculos. Se a cazo os Gregos inventaraõ, ou requeiraõ dos Egypcios, a doutrina concernente á transmutaçãõ dos metaes, ou se os Arabes foraõ os primeiros que a professaraõ, o Dr. Watson não sabe deceder; ainda que Boerhaave produz huma passagem do ja mencionado Gareo, que da algumas ideas, de que os Gregos possuiaõ esta arte muito antes que ella se descobrisse entre os Arabes.

“Taes,” dis elle, “que são versados nos conhecimentos da natureza, podem tomar prata e estanho, e mudando a sua primeira natureza, convertellos em ouro,” mas isto que elle assevera dos seos contemporaneos, ou predecessores de nenhum modo se verifica. Seja como for, o dezejo ardente de fazer ouro, ou transmutando os outros metaes n'elle, ou aperfeiçoando aquella cocçaõ, que os alchemistas soppunhaõ existir no seio da terra, ou procurando aquella omnipotente pedra, cujas imaginarias virtudes elles tanto exaltavaõ, continuou por muitos seculos, apezar da inutilidade das tentativas, e das perdas aturadas dos especuladores. Esta illuzãõ, que parece ter começado no quarto seculo, chegou ao seo maior auge pelo seculo decimo, e duodecimo, e sustentou aquella energia athé ao decimo sexto.

Na Inglaterra, chegou a prevalecer tanto esta singular circumstancia no tempo de Henrique IV, que o Parlamento foi obrigado a passar o seguinte Acto—Ninguem daqui em diante, se empregará em augmentar a quantidade de ouro ou prata, ou fará esse commercio; e se algum o fizer incurrerá na pena de crime capital.—Este singular estatuto que se julgou servir de attrazamento nas artes de fundir, e refinar os metaes, foi depois revogado, posto que antes disso se concedessem patentes a varias pessoas, que pertendiaõ

investigar o remedio universal, e fazer a transmutação dos metaes.

Durante a existencia d'alchemia, hum grande numero de authores appareceo nos differentes periodos em varias partes da Europa ; alguns dos quaes, ainda que retinhaõ as particularidades, e extravagancias do seo systema, dezentolveraõ com tudo, muitos factos preciosos, e propriedades da materia, que serviraõ a final, para o mesmo adiantamento da chymica.

Na Arabia achamos huma lista de chymicos ou alchemistas, entre outros, Geber, ou Dechasar, nascido em 702, morto em 765 ; Rhazes, ou propriamente Mohammed Ebu, Sacharjah Abu Bekr Al-Rasi, no decimo seculo ; Avicena, ou Al Hussain Abu Ali Ben Abdallah Ebu Sina, nascido em 978, morto em 1036 ; Mesne, o moço, morto em 1028.

Em França, Arnaldo de Villa Nova.

N'Allemanha, Alberto Magno, Basilio Valentin, Operino, Van Helmont, Alexandre Van Zuchten.

Na Hollanda, Joaõ, ou Isac Hollandus, Nic. Lefebure ou Fevre.

Na Suissa, Paracelso.

Em Majorca, Raimando Lully.

Em Inglaterra, Roger Bacon, George Ripley, Dr. Dee, Sir Edward Kelly, Mr. Boyle.

A estes pode acrescentar-se o nome Joh. de Rupe Scissa, e Centivoglio, ou Serenus, que veio originalmente da Escossia. Dos principaes destes daremos huma noticia, breve, que sirva so de illustrar os periodos em que viveraõ, ou os principaes objectos, que proseguiraõ.

Nas obras de Geber, o Arabe, se contem direçoens uteis a cerca do modo de conduzir a distillação, calcinação, sublimação, e outras operaçoens chymicas, e observaçoens a respeito de varios metaes tam correctas que lhe mereceraõ de alguns, o titulo de pay da verdadeira chymica ; posto que elle n'huma das suas mais celebradas obras, modestamente confesse não ter feito mais que rezumir a doutrina dos antigos a cerca da transmutação dos metaes. Mesne, Rhazes, e Avicena, que eraõ medicos, e posteriores a Geber, fallaõ tambem de muitas preparaçoens chymicas, e estabelecem a opiniaõ que a chymica medica, assim

como a alchemia, era naquelles obscuros tempos bem cultivada pelos Arabes. Boerhaave cita huma passagem de Geber, que posto seja allegoricamente escripta, sóppoem elle, ter dado origem a idea de hum remedio universal. As palavras de Geber são estas: "Ha hum remedio que cura todas as lepras, ou pessoas leprosas." Assim Boerhaave o explica. As obras deste author, que segundo o estilo Arabico, são cheias de allegorias, não permitem maiores comentarios. Não encontramos outro escriptor, que mereça distincção, até ao seculo duodecimo.

Alberto Magno, nascido no anno 1200, Dominicano, ou, como alguns dizem, bispo de Ratisbona, era tam versado na philosophia, que foi reputado magico. Elle compoz vinte e dous volumes in folio sobre varios objectos, e n'hum delles descreve huma infinidade de processos alchemicos.

Roger Bacon, vulgarmente chamado o Frade Bacon, nasceu no anno de 1214, junto a Ilchester, em Somersetshire; estudou primeiro em Oxford, e depois em Paris. Voltando a Oxford, se fez celebre por algumas invençoens, cada huma das quaes bastaria para o immortalizar. Elle conheceo a camera obscura, o telescopio, a polvora, e fez muitos melhoramentos em mechanica, e chymica. Viveo n'hum seculo de tanta ignorancia, que foi accusado de feitiçeiro, como o escriptor precedente, e posto n'huma prizaõ. Escreveo muitos tractados, alguns dos quaes ainda existem, entre outros, duas pequenas peças relativas a chymica, em que mostra como os metaes imperfeitos podem ser levados a perfeiçaõ. Elle adopta inteiramente a idea de Geber, isto he, que o mercurio he abaze commum de todos os metaes, idea curiosamente analogá aos resultados, que tem sido ultimamente apresentados por Mr. Davy, na sua historia da decomposiçaõ dos saes alkalinos, e suppoz que o enxofre era o cimento, julgando, que se nós podersemos imitar o processo da natureza na maturação do chumbo, ou de outro qualquer metal, nós o converteriamos em ouro. Homberg publicou depois como suas, varias operaçoens e descobertas de Bacon, como refere Boerhaave.

Raymundo Lully nasceu na Ilha da Majorca, em

1235, e estudou em Paris. Elle he geralmente considerado como o primeiro author que tractou d'alchemia como plano para medecina universal. Era homem de grandes talentos, e deixou varios livros de alchemia, que contem alguns factos relativos a preparaçã dos acidos, do phosphoro, e descreve algumas propriedades dos metaes.

Arnoldo de Villa Nova, em França, he chamado por alguns mestre, por outros discipulo de Lully. Nasceo em 1245. Foi grande medico e chymico, e respeitado pelos alchemistas como hum dos seos melhores escriptores. Os seos escriptos foraõ colligidos n'hum volume em folio, debaixo do titulo de Magistri de Villa Nova. Morreo em 1310.

Joaõ de Rupa Scissa, frade Franciscano, floreceo pelo tempo de 1380. As suas obras saõ volumosas, e apreciaveis. Accuzado tambem de magica, foi lançado n'huma prizaõ, onde morreo de disgosto.

George Ripley, Inglez, e frade de Brilling, escreveu muito sobre a transmutaçã dos metaes; mas á imitaçã de Geber, descreve as operaçoens sobre aquellas substancias de huma maneira tam allegorica, que deo lugar a suppoziçoens erroneas, que se referiaõ a hum remedio universal para a cura das doenças do corpo humano.

Basilio Valentin, Benedictino de Erfurt, n'Allemanha, foi versado na medicina, e historia natural. Deixou huma excellente obra sobre o antimonio, intitulada "Curus Triumphalis Antimonii," que contribuo para a introduçã deste util mineral em materia medica, interessante na practica regular dos medicos illustrados, mas fatal nas maõs de empiricos interesseiros. Este livro descreve hum grande numero de preparaçoens antimonias, e muitas d'ellas foraõ depois annunciadas ao mundo como novas descobertas.

Joaõ e Isaac Holland appareceraõ nesta epocha, e escreveraõ sobre varios objectos chymicos com a eloquencia de oradores. Publicaraõ hum pequeno tractado sobre a pedra philosophal, que, segundo elles, pode preparar-se de toda a substancia da natureza. Elles fizeraõ muitas experiencias sobre o sangue humano, de que se aproveitaraõ os ultimos descobri-

dores. A sua principal obra he sobre a arte de esmaltar, daqual, segundo Boerhaave, foraõ inventores, assim como de corar vidro, e pedras preciosas pela applicação de chapas finas de metal.

Segue se em ordem o famoso Paracelso, nascido em Zurich no anno de 1493. Nelle se reuniraõ talentos grandes, e huma extrema jactancia, progressos assombrosos, repetidas fallencias, e impetuoza perseverança. Filho de hum medico, aprendeo mui cedo os principios da medicina, e alcançou nas suas viagens o conhecimento dos corpos metallicos. O seu genio ardente, e emprehendedor bem depressa lhe franqueou nova rota na arte de curar, em que fez prodigios. Tendo aprendido de Carpus, cirurgião em Boulonha, algumas propriedades do mercúrio, applicou muito vantajosamente preparaçoens mercuriaes a doenças venereas, que por aquelle tempo appareceirão, e aniquilou os remedios uzaes pharmaceuticos. Os seos felizes successos o encoberbeceraõ em demasia; e o impelliraõ a exclamar continuamente contra a pharmacia Galenica, ou antiga. Em razão da sua celebridade, a universidade de *Basilea* o nomeou professor de philosophia e medecina; ali o acompanharaõ as suas extravagancias: por quanto na sua primeira licção, n'hum accesso de loucura, queimou publicamente os escriptos dos medicos Gregos e Arabes, gabando-se ao mesmo tempo, que hia dar a immortalidade aos homens pelas suas proprias preparaçoens. Tractando os seos contemporaneos com a mais grosseira insolencia; insistindo no seu plano favorito de hum remedio universal; contando reproduzir a idade dos Methusalens pelo uzo do seu elixir de longa vida; cahio prematuramente no tumulo aos 47 annos de idade. O phrenezi que elle excitou, naõ se extinguiu com elle. Os seos sectarios, e admiradores o nutrirãõ muitos annos depois da sua morte, sem que fosse bastante o seu exemplo para dissipar os prestigios da illuzaõ; em quanto porem o consideravaõ como hum segundo Esculapio; os seos inimigos naõ cessavaõ de o atacar, e soppunhaõ que elle tinha mais impudencia, que merito; e mais reputação que fortuna. Qualquer porem que fosse o

seu verdadeiro character, he certo que contribuiu muito para que objectos chymicos attrahissem mais as vistas da attenção geral; e tanto pelos seus factos como pelos seus erros fez igual serviço á cauza da verdade.

Van Helmond, nascido em Bruxellas, em 1557, seguiu os passos de Paracelso: abraçou seus principios e declarou solemnemente estar de posse do remedio universal. Não parece, contudo, pelas acções da sua vida, que possesse confiança nas suas pretensões; pois na sua curiosa theoria de medecina, diz elle, "nenhum veneno pode obrar no cadaver; logo se elle obra, he por meio do principio vital, que elle chama archeo, e lhe attribue intendmento e saber." Se pois algum corpo heterogeneo se apresenta ao archeo, este se levanta, tenta expellir a materia hostile, e exerce para isso todas as forças do corpo. Curar, portanto, huma doença, he pacificar este archeo; e como o seu officio he velar na saude do corpo, á mais pequena sombra se excita, chama á contenda todos os forças, ergue febres, e destroe todo o corpo. O que se requer portanto he applicalo, e a medecina que o fizer, deve ser o remedio universal.

Depois de Paracelso, e Van Helmond, os escriptores chymicos se tornaraõ tam numerosos, que Borelli contou em 1653, não menos de quatro mil que elle conhecia; e provavelmente aquelle numero redobrou, antes que os sonhos da alchemia se dissipassem. Logo depois da morte de Paracelso, as artes de minar, e fundir os metaes, que practicadas desde os primeiros tempos, nunca foraõ scientificamente tractadas, receberaõ grande illustração das obras de George Agricola, medico Allemaõ, que escreveu hum tractado De Re Metallica, e he justamente considerado como o primeiro author de reputação naquelle ramo da chymica.

Lazaro Erckern seguiu Agricola no seu plano, e tentativas. As suas obras foraõ publicadas em Praga em 1374, e foraõ traduzidas em Inglez por Sir John Petus. Elle he minucioso nas suas descripções, e falla sempre como se estivesse sentado diante da fornalha, ou trabalhando na mina. As obras destes dous escriptores saõ ainda hoje altamente estimadas, e por

longo tempo mantiverão a superioridade que merecerão.

Naõ pode negar-se que a Allemanha tem sido a grande escola da metallurgia. Muitos escriptores tem enobrecido os seus annos, como Schindler, Orchall, Henckell, Schlatter, Cramer, Lehman, Gellert, e varios outros; nem he menos certo, que o estado florente de minas, em que se acha este paiz, he dividido em grande parte á politica sabia da rainha Elizabeth, que concedeo privilegios a Houghsetter, Schutz, e outros metallurgicos Allemaens, que ella convidara para Inglaterra a fim de instruirem os seus vassallos naquella tam util arte. Logo depois deste periodo, se podem mencionar os seguintes que merecerão alguma consideração. Cassius conhecido pelo seu precipitado de ouro; Sir Kenelm Digby, que acreditou na acção sympathica dos metaes: Sir Ed. Kelly e Dr. Dee que junctamente pertenderão, por meio do seu pó de projecção, converter o mercurio em ouro; Libavio que deo o seu nome a huma preparação de estaño; Kunckel, que enriqueceo a chymica de muitas bellas experiencias, celebrado pela descoberta do phosphoro, que Boyle, parece com alguma razão disputar-lhe, assim como elle o declara á Instituição Regia no seu methodo de o preparar. Seja o que for, tanto Kunckel como Boyle são benemeritos da posteridade; hum pelo melhoramento que fez nas artes de esmaltar e fazer vidro, o outro pela cautella, e exactidão das suas experiencias, pelas des cobertas, e escriptos que contribuirão para o adiantamento da chymica. Homberg, discipulo de Boyle, trabalhou por algum tempo no seu laboratorio, que era entãõ considerado como a melhor escola de philosophia na Europa. Estabelecido em França, foi eleito em 1691 membro da Academia das Sciencias, e admittido na familia do Duque de Orleans, como seu mestre de chymica, teve ás suas ordens o laboratorio mais vasto e magnifico, que jamais se conhecera. Ali elle proseguio com actividade no seu principal objecto, e provavelmente descobrio o methodo de preparar o pyrofero que traz o seu nome. Nunca publicou obra separada; os seus differentes ensaios

vem impressos nas Memorias d'Academia. O seu modo de expressão era simplez, precizo, e methodico, despido d'aquelle estilo mysterioso e obscuro dos alchemistas. Bohnio, professor em Leipsic, publicou hum tractado excellente sobre acidos e alkales. Lermery deo á luz preciosos ensaios nas Memorias d'Academia de Paris; e em 1675 appareceu e seu curso completo de chymica practica. Borichio, chymico Dinamarquez descobrio, e publicou o modo de inflamar os oleos por meio do acido nitroso.

Nada he talvez, mais curioso na historia do espirito humano, do que a geral e continuada teima de pessoas, alias de talento, em prosequirem no estudo d'alchemia. Mas os nossos limites nos prohibem alargar as nossas reflexoens sobre o retrospecto do periodo que temos descripto. Tomando o objecto em consideração geral, não podemos deixar de reconhecer que os alchemistas retardaraõ os progressos da chymica, mas a muitos respeito merecem a nossa attenção. Nos seos escriptos se observaõ frequentemente as mais profundas observaçoens do genio posto que misturadas com as ideas mais extravagantes; as verdades mais sublimes degradadas pelas mais rediculas applicaçoens; e o pasmoso contraste de philosophia o superstição, de luz, e escuridade, que ali se nota, obriga o leitor a admiralos ao passo mesmo que não pode retirar a sua censura. Com effeito, a chimica deve á alchemia algumas verdades, contudo o longo atrazo que soffreo pelas chimericas pretençoens da ultima, não foi assas promptamente endemnizado pela sua total extineção.

Não obstante o brilho seductor d'alchemia estar amortecido; o talento e a indagação continuaraõ, ainda a fazer esforços para revivelo. Ataque Athanasio Kircher, celebre jezuita, que nasceo pelo anno 1600, e escreveo huma excellente obra, intitulada "Mundus Subterraneus," e Hermano Conringio lheraõ o golpe mortal.

He daqui que podemos datar huma nova epocha para a chymica. Os factos que existiaõ dispersos havia seculos, comeceraõ a colligir-se, a examinar-se a comparar-se por homens de genio assaz extenso para os comprehender todos, descobrir seos principios, observar suas relaçoens, combina-las em hum corpo de

doctrina racional, e lançar os verdadeiros fundamentos da chymica olhada como sciencia.

James Barner, medico do rei da Polonia, foi hum dos primeiros, que arranjou os factos chymicos entaõ conhecidos, e os acompanhou de observaçoens, na sua Philosophia da Chymica. Bohnio, de quem ja fallamos, escreveu hum livro sobre chymica scientifica, que foi favoravelmente recebido, e foi por muito tempo o unico livro elementar que havia sobre este objecto. Mas he a Joaquim Beccher, que appareceo por esse tempo, que a chymica he particularmente devedora. Na sua excellente obra intitulada a *Physica Subterranea*, elle colligio todos os phenomenos chymicos entaõ conhecidos, e os descreveo com pasmosa exactidaõ. Predisse muitas das descobertas, que depois que elle escreveu, se fizeraõ; taes como a existencia de substancia aeriformes ou gazosas, a possibilidade de reduzir os ossos animaes a vidros transparentes, &c. Elle estendeo a esphera da chymica alem dos estreitos limites da pharmacia; mostrou a sua conexaõ com todos os phenomenos da natureza e explicou os phenomenos da fermentaçã, e as leis da putrefaçã, e pelas deduçõens que tirou do total, creou a theoria que foi amplificada pelo seu successor Stahl, theoria que foi recebida como a verdadeira doutrina entre todos os philosophos da Europa por quase hum seculo.

Ernesto Stahl, nascido em 1660, e medico do ultimo rei da Prussia, escreveu hum commentario sobre a obra de Beccher. Dotado desde o berço de huma paixã violenta pela chymica, se deo á ella com todas as forças do seu engenho superior. Elle inestio em reduzir a certos principios geraes todos os factos que tinhaõ enriquecido este objecto. Classou os seus materiaes com ordem admiravel e methodo; expremio-se n'huma lingoagem menos enigmatica que a de seus predecessores; e expurgou a sciencia daquelle infecçã alchemica, a que o mesmo Beccher se mostrou algum tanto affeiçoado. O nome pois deste philosopho, marca a primeira epocha da chymica scientifica; e será sempre lembrado como connexo com a ingenhosa theoria, que elle designa, e que pelo seu principio capital he conhecida do baixo do nome de *Theoria do Phlogisto*. Elle foi o primeiro que teve huma idea

clara da uniaõ chymica, e dá muitos exemplos de attracçoens e lectivas dobradas. O seo phlogisto pois e o seu principio salino, pelo meio dos quaes elle explicava a maior parte dos phenomenos da composiçaõ e decomposiçaõ dos corpos, eraõ ja vistas luminosas de hum genio analytic, que previa a simplicidade no systema da natureza. Ver-se ha ate que ponto ultteriores experiencias confirmaõ as suas analogias e concepçoens profundas. Elle morreo e 1704. Depois d'elle veio Boerhaave, que no meio das suas occupaçoens medicas, achou lugar, para entregar-se ao estudo da chymica, em que fez consideraveis progressos; compoz hum profundo tractado sobre aquella sciencia, que mereceo hum applauzo geral. As secçoens que tractaõ dos quatro elementos como entaõ se consideravaõ, são peças mēstras neste genero; e a do fogo especialmente he julgada por Macquer tam excellente e completa, que o "intendimento humano" diz elle, "nada poderia acrescentar-lhe." Este varaõ illustre, honra do seu paiz, da sua profiçaõ, e do seu seculo, lançou luz sobre todos os objectos que tractou. A' elle se deve a primeira analyse racional das substancias vegetaes, a mais simples a resolvivel dos corpos organicos.

A sciencia chymica, contudo, estava ainda na sua infancia no tempo de Boerhaave, e assim se conservou por quasi meio seculo, quando novas e extraordinarias experiencias vieraõ dar lhe impulsaõ. A descoberta importante dos gases foi annunciada ao mundo philosophico. Black, Priestley, Scheele, Cavendish, e Macbride, abriãõ aos physiologistas huma especie de nova creaçaõ; elles começãõ huma nova era nos annaes do genio, igualmente memoravel pelos progressos d'analyse, da physica, e electricidade, &c.

Foi pelo anno de 1770, que Lavoisier, ferido da importancia e grandeza desta descoberta, voltou a sua atençaõ para este fonte inexhaurivel de verdades, e instantaneamente percebeo, por huma especie de instincto, a gloriosa carreira, que se abria diante delle, e a influencia que esta nova sciencia devia ter necessariamente sobre todos os objectos de physica indagaçaõ. De todos os que o precederaõ, o philosopho experimental mais activo foi Priestley; mas os

factos os mais brilhantes se tornavaõ frequentemente infecundos nas suas maõs ; em toda a occasiaõ, elle estava prompto a construir alguma indigesta hypotese, que apressadamente abandonava. Lavoisier era dotado do verdadeiro espirito da philosophia inductiva ; as suas observaçoens eraõ eminentemente precisas, e luminosas, e sempre fitavaõ hum plano geral. Em 1774, elle publicou os seos opusculos chymicos, em que dava a historia precisa de tudo o que se havia feito relativamente a gases, e concluia, provando por meio de famosas experiencias, que os metaes calcinados recebiam o seu augmento de pezo da absorçaõ do ar. Pouco depois, mostrou em opposiçaõ a Priestley que o acido nitroso he composto de ar, observaçaõ de importante consequencia. A sua habilidade, como chymico, era tam celebrada ; que no anno de 1776 Turgot o nomeou inspector do fabrico da polvora que grandemente melhorou. A polvora cursava somente atè 90 toezas ; elle a fez chegar a 120 ; esta superioridade tem sido reconhecida nas ultimas guerras.

No anno de 1778 elle fez huma mais importante descoberta, a saber, que a porçaõ respiravel da atmospherã he o principio constitutivo de todos os acidos ; e por isso o denominou oxygenio, facto importantissimo, e o primeiro passo para a nova chymica, que a composiçaõ d'agoa, feita demonstrativamente em 1783, acabou de completar.

Lavoisier possuia sem duvida vantagens decisivas sobre os seos contemporaneos ; elle estudara a justeza geometrica da investigaçaõ ; e os seos meios o habilitavaõ a fazer experiencias em grande, e a uzar instrumentos da mais perfeita construcãõ. Huma assemblea de sabios em todas as profiçoens se fazia em sua casa duas vezes por semana. Ali se examinavaõ as opinioens dos mais eminentes Literatos da Europa, recitavaõ-se as melhores passagens dos escriptores estrangeiros, e se analizavaõ ; e theorias eraõ comparadas com experiencias. Aqui os homens eruditos de todos os paizes achavaõ huma facil admissãõ ; Priestley, Fontana, Blagden, Ingenhouz, Landriani, Jacquin, Watt, Bolton, e outros illustres physiologistas, e chymicos de Inglaterra se achavaõ de mistura e em companhia de La Place, La Grange, Borda, Cousin, Meunier, Vandermonde, Monge, Morveau e Bertholet.

Felices horas se passavaõ nestes sabios ajuntamentos, onde nada se deixava por investigar, que podesse contribuir para o progresso das Sciencias, e melhoramento e felecidade do homem. O maior beneficio que resultava destas assembleas, era, alem de outros, a concordia estabelecida nos methodos de raciocinar entre os philosophos naturaes e geometras. A precisão, a severidade de estilo, o methodo philosophico dos ultimos, insensivelmente passava para o espirito dos primeiros, e gradualmente a philosophia, e a mathematica se amalgamavaõ.

Era na reuniaõ destes talentos, que Lavoisier cultivava e melhorava o seo. Quando algum novo resultado de importante experiencia se apresentava, em contrapozição á theoria geral da sciencia, elle o repetia diante desta escolhida sociedade. Muitas vezes successivamente elle requeria dos seus amigos criticos as mais severas objecções; e não era sem as ter destruido, sem a plena convicção da sociedade, não era sem remover todo o mysterio e obscuridade, que elle ousava annunciar ao mundo huma descoberta sua.

A final elle combinou as suas vistas philosophicas com hum corpo de doutrina solido, que publicou em 1789, debaixo do titulo de Elementos de Chymica, livro que he o mais bello modello de composição scientifica, claro, logico, e elegante. Não cabe nos limites, que nos propozemos, o fazer a expozição daquelles principios, e demorar-nos a descrever o merito deste celebre systema que em poucos annos foi quasi universalmente adoptado, e que, posto seja inevitavelmente abalado pelas recentes e esplendidas descobertas de Mr. Davy, he ainda hum monumento de Genio.

Nos mencionamos o auxilio que Lavoisier recebia, em quanto formava o seo novo systema de chymica, mas devamos acrescentar, que a honra de fundador lhe pertence exclusivamente. O seo genio era os seo unico guia, e os talentos dos seus associados serviaõ so de illustrar as suas descobertas. Elle traçou o plano da revolução scientifica, que longamente meditara; e os seus collegas não tiveraõ mais que seguir, e executar as suas ideas.

Nas memorias da Academia das Sciencias desde

1772 até 1793, ha 40 de Lavoisier, que estão cheias de todos os grandes phenomenos da sciencia—a doutrina da combustão geral e particular; a natureza e analyse do ar atmosferico; a formação e fixação dos fluidos elasticos, as propriedades da materia do calor; a composição dos acidos; o augmento de pezo dos corpos combustos; o decomposição, e recomposição d'agoa; a dissolução dos metaes; vegetação, fermentação, e animalização. Por mais de 13 annos consecutivos, Lavoisier proseguiu, com infatigavel constancia, na derrota que se traçara, sem dar em vão hum so passo, e sem afrouxar em seu zelo, apesar dos obstaculos immensos que constantemente o cercavaõ.

Durante a sua glorioza carreira; quando estava grandemente occupado a completar experiencias para huma descoberta importante; foi cortado pela fouce inexoravel da revolução mais frenetica, e devastadora que jamais aviltara as naçoens, e degradara a dignidade do homem. Nos dias horrorozos da dictatura Roberspieriana Lavoisier disse a Lalande, que previa hir ser despojado dos seus bens; mas que elle trabalharia para ganhar o seu pão. O emprego de boticario era o que lhe restava. Mas a sua sorte estava ja decedida. A 8 de Maio de 1794 morreo no cadafalso, accusado de ter falsificado o tabaco com agoa, e ingredientes destructivos da saude dos cidadãos!! Pedio que o deixassem acabar aquellas experiencias, que findas ellas, entregaria voluntariamente a vida. A resposta do presidente, Coffinhal, foi, “que a republica não precisava de sabios nem de chymicos, que o curso da justiça não podia ser suspendido.”

Não he possivel mencionar esta atrocidade da revolução Franceza, sem que a humanidade se revolte, vendo debaixo do cutello da tyrannia confundidos os varoens mas illustres com os mais indignos scelerados; e sem recordar com dor que os sciencias e moralidade longe de prosperar definhão em terreno sujeito á maligna influencia do despotismo. Graças porem ao espirito que as alenta, que dotado de huma virtude reparadora, as accumula n'huma parte, a proporção que faltaõ na outra. O seu fogo celeste animando

os corações bem formados tem altares ainda sobre a terra. As Sciencias, que os tyranos preseguem, porque são inimigos da verdade, so podem cultivar-se com fructo n'hum paiz de costumes e de liberdade. He por isso que a Inglaterra lhes offerece hoje o mais amplo e salutar azilo. As Sciencias crescem extensamente em seu seio; a chymica sobre tudo tem n'elle erigido o seu templo. Davy prezedindo ali ás suas mais sublimes operaçoens, tem aberto huma nova fonte de experiencias e conhecimentos importantes pelo seu objecto, e util applicação aos uzos da vida humana.

Tendo pois marcado rapidamente aos nossos leitores, coino para servir de introdução á sciencia, as suas principaes epochas, que dividimos em tres somente, a saber

Chymica Philogistica ou de Stahl,

Chymica Pneumatica ou de Lavoisier,

Chymica Electrica ou de Davy.

Passaremos a dar nos numeros seguintes, a serie dos factos e experiencias, que constituem as mais recentes e importantes descobertas, que Davy tem exhibido na Instituição Real de Londres, onde temos tido o prazer de assistir ás suas leituras, e experiencias, e occaziaõ de admirar seos talentos.

MEDICINA.

HISTORIA CONCIZA DA MEDICINA.

O PRINCIPIO da Profissão Medica, ou se considere como arte, ou como sciencia, ou huma, e outra coiza juntamente, se perde na escuridade dos primeiros tempos. A historia fabuloza dos antigos a diriva immediatamente dos seos Deozes; e mesmo entre os modernos alguns escriptores de estabelecida reputação julgaõ que ella pode justamente olhar-se como de huma origem celeste: mas sem adoptarmos suppozição alguma de que não pode dar-se evidencia, nos podemos concluir, que o genero humano foi naturalmente conduzido a dar-lhe este predicado por observaçoens casuaes sobre as doenças a què elle se achava sujeito; e he por tanto, n'hum sentido pelo menos, tão antiga como a raça humana. Mas em que periodo ella começasse a praticar-se como arte por individuos particulares, que a seguissem como profissão, he totalmente desconhecido.

Os medicos mais antigos deque temos noticia foraõ os que embalsamaraõ o Patriarca Jacob por ordem de seu filho Joseph. O escriptor sagrado os menciona como servos de Joseph; donde podemos inferir que não eraõ sacerdotes, como os primeiros medicos, se julgavaõ geralmente ser; por quanto naquella idade nos sabemos que os sacerdotes Egypcios gozavaõ de tal favor que retinhaõ a sua liberdade, em quanto o resto do povo, por huma calamidade publica se conservava escravo do principe. Não he pois provavel, que entre os Egypcios a religião, e a medicina fossem originalmente ligadas; e se nós suppomos que os Judeos não foraõ os inventores da arte, mas que a receberaõ d'outras naçoens, he mui pouco provavel, que os sacerdotes daquella nação fossem os seos medicos assim como os do Egypto. He certo que os medicos Judeos eraõ absolutamente distinctos de seos sacerdotes; com tudo como os Judeos residiraõ muito

tempo no Egypto, he provavel, que conservassem muitos dos seos costumes, que lhes seria difficultozo largar. Nos sabemos todavia que o Rey Asa estando doente de hum pé não recorreo ao Senhor, mas aos medicos. Daqui podemos concluir, que entre os Judeos a arte medica era olhada como invenção meramente humana; e julgava-se que a Divinidade não curava doenças, fazendo conhecer ao povo as virtudes das hervas; mas somente pelo seu poder milagroso.

He taobem provavel que a mesma opiniaõ prevalecesse entre os pagaons vizinhos dos Judeos, segundo o que lemos de Ahaziah rey de Judá, que tendo enviado mensageiros a inquirir de Baalzebub, Deos de Ekron, relativamente á sua doença, elle não quiz remedio algum d'elle ou de seos sacerdotes; mas simplesmente dezejava saber, se elle se restabeleceria, ou não. O que parece mui provavel a este respeito he que a religiaõ, e a medicina vieraõ a ligar-se somente em consequencia daquella degeneração em ignorancia, e superstição, que teve lugar em todas as naçoens. Os Egypcios, como sabemos, vieraõ finalmente a cahir na mais redicula, e absurda superstição; e não he para admirar, que os seos sacerdotes practicando a medicina juntassem aos seos remedios brucharias, encantamentos, &c. Nos estamos mui certos, que isto aconteceo por muito tempo depois da vida de Joseph; e na verdade parece taõ natural, que a ignorancia, e o barbarismo combinem a religiaõ com a medicina, quanto o he taobem que hum povo civilizado, e esclarecido as separe, e distinga.—Daqui vemos que entre os barbaros modernos os seos sacerdotes, ou magos são unicamente os seos medicos.

Nos sabemos taõ pouco do estado da medicina entre os Egypcios, que he superfluo demorar-nos neste objecto. Elles attribuiaõ a invenção da medicina, assim como de muitas outras artes, a Thoth, o Hermes, ou Mercurio dos Gregos. Dis-se que elle escrevera muitas coizas em caracteres hyeroglyphicos sobre certas columnas, a fim de perpetuar a sua sciencia, e faze-la util aos outros. Estes foraõ transcriptos por Agathodemon, ou o segundo mercurio, Pai de Tat, que se diz ter composto delles alguns livros, que

forão guardados nos lugares mais sagrados dos templos Egypcios. A existencia de tal pessoa, com tudo, he mui duvidoza; e muitos dos livros, que lhe eraõ attribuidos, se julgaraõ forjados ate ao tempo de Galeno. Ha taobem grandes razoens para suspeitar, que estes livros foraõ escritos, muitos seculos depois de Hermes, e no tempo em que a medicina tinha feito consideraveis progressos. Muitos destes livros saõ futeis, e ridiculos; e posto que algumas vezes, se lhe permitta a honra de inventor da arte, he n'outras occasioens obrigado a reparti-la com os Oziris, Isis, e Apys, ou Serapis. N'humas palavras, a medicina Egypsiaca parece ter sido nada menos, que huma collecção de superstiçoens absurdas. Origines nos informa que eiles acreditavaõ haver trinta e seis demonios ou Deoses do ar, que dividiaõ o corpo humano entre si; que tinhaõ nomes para todos elles, e que invocando-os, segundo a parte affecta, o doente se curava.

Nada achamos recommendado da medicina natural pelo pai da medicina Egypsiaca, á excepção da herva que deo a Ulisses para o livrar dos encantos de Circe, e a herva Mercurial, cujo uzo descobrio. Seos successores faziaõ uzo da sangria; dos catarticos, emeticos, e clysteres. Naõ ha com tudo prova de que esta practica fosse estabelecida por Hermes; pelo contrario os mesmos Egypcios pertendiaõ; que as primeiras ideas daquelles remedios eraõ tiradas d'algumas observaçoens sobre os animaes brutos. A sangria foi lhes ensinada pelo Hypopothamus, que se diz executar esta operaçãõ sobre si mesmo. Nestas occasioens elle sahe do rio, e fere a perna n'humas cana pont' aguda. Pois que elle tem cuidado de dirigir o golpe a huma veia, a consequencia dove ser huma effuzãõ consideravel de sangue, e deixando-o correr, quanto julga conveniente, tapa a final o orificio com lodo. A idea de clysteres foi tirada do Ibis, ave que se diz dar a si clysteres com o bico, &c. Com tudo eiles uzavaõ da sangria mui pouco, provavelmente em razãõ do calor do clima; e a exhibiçaõ dos remedios supramencionados, juntos com a abstinencia formavaõ o principal da sua practica.

Os Gregos tiveraõ igualmente pessoas a quem attri-

buir a invenção da medicina, sobre tudo Prometheo, Apollo, ou Aepean, e Esculapio, que era entre elles o mais celebrado de todos. Mas aqui devemos observar, que os Gregos, sendo hum povo mui guerreiro, a sua medicina era, pouco mais, ou menos, o que hoje se chama Cirurgia, ou a arte de curar as feridas, fracturas, &c. Daqui Esculapio, e seos pupillos Chiron, Machaon, e Pudalirio saõ celebrados por Homero só pelo seu saber em curar estas, sem mencionar outras suas tentivas para curar doenças internas. Nos todavia não supponho, que elles se limitassem inteiramente á Cirurgia. Elles sem duvida deviaõ prescrever de quando em quando para doenças internas: mas como mais frequentemente tratavaõ feridas, he de suppor, que fossem mais peritos na sua cura. Se podemos dar credito aos poetas a sciencia da medicina parece ter sido mui geralmente diffundida; quasi todos os heroes da antiguidade se dis terem sido medicos, assim como guerreiros. Muitos delles aprenderaõ medicina com o Centauro Chiron. Foi delle, que Hercules recebeuo instrucçoens na arte medica, em que, se diz, que elle fôra não menos experimentado, que nas armas. Algumas plantas tiveraõ o seu nome; e por isso alguns pensáraõ que elle descobrira as suas virtudes, em quanto outros suppozeraõ, que ellas tinhaõ o nome daquelle celebrado heroe, em razãõ da sua grande efficacia em remover as doenças. Aristeo, rey de Arcadia, foi hum dos discipulos de Chiron, e suppoem-se ter descoberto o uzo da drõga chamada Silphium, que alguns pensáraõ ser a assafetida. Theseo, Telamon, Jason, Peleo, e seu filho Achilles, foraõ todos affamados pela sua sciencia na medicina. Diz-se que o ultimo descobrira o uzo do verdete para detergir as feridas sordidas. Com tudo, todos elles parece terem sido inferiores em conhecimentos a Palamedes, que obstou á entrada da peste no campo Grego, depois de ella ter desolado a maior parte das cidades do Helesponto, e da mesma Troia. O seu methodo consistia em limitar os soldados a huma dieta parca, e obriga-los a fazer muito exercicio. A practica destes medicos Gregos antigos, não obstante os louvores que lhes eraõ conferidos pelos seos poetas, parece ter sido mui

limitada, e n'alguns cazos mesmo pernicioza. Todos os remedios externos applicados aos feridos heroes de Homero eraõ fomentaçoes, em quanto internamente os seos medicos lhes davaõ vinho, algumas vezes misturado com queijo ralado. Grande parte da sua medicina consistia igualmente em brucharias, encantamentos, amoletos, &c. deque he superfluo dar mais ampla noticia, por serem communs a todas as naçoens supersticiozas, e ignorantes.

Neste estado a arte da medicina continuou por muitos seculos entre os Gregos. Como os seos primeiros professores nada sabião da economia animal, e mui pouco da theoria das doenças, he claro que tudo quanto fazião, era em consequencia de processos vagos, ou empiricos no sentido mais estricto, e proprio da palavra. Com effeito, he evidentemente impossivel, que esta, ou outra qualquer arte, podesse ter outra origem mais que processos desta especie. Consequentemente nós achamos que algumas naçoens antigas tinhaõ por costume expor os seos doentes nos templos, e ás bordas dos caminhos para que recebessem avizos, ou conselhos de todos os que passavaõ. Entre os Gregos, com tudo, Esculapio era contado, como o practico mais emminente do seu tempo, e o seu nome foi reverenciado, mesmo depois da sua morte. Elle foi classado entre os Deozes; e os principaes conhecimentos da arte medica permaneceraõ na sua familia ate o tempo de Hypocrates, que se contava o decimo septimo na linha descendente de Esculapio, e que foi verdadeiramente o primeiro, que tratou de medicina de huma maneira methodica, e racional.

Hypocrates, que se julga ter vivido quatro centos annos antes do nascimento de Christo, he o mais antigo author, cujos escritos tem chegado ao tempo presente; e he por isso com razaõ olhado como o pai da medicina. Neste periodo, e mesmo ate hum, ou dois seculos, os distinctos ramos de medicina, e cirurgia eraõ estudados, e practicados pela mesma pessoa: Hypocrates por tanto tem sido universalmente olhado, como contribuidor tanto para os conhecimentos phisilogicos, como anatomicos do corpo humano.

Pelo que pertence á explicação de cauzas de doenças, Hypocrates dá muito aos humores do corpo, particularmente ao sangue, e bilis. Elle trata taobem

dos effeitos do somno, vegia, exercicio, e repouzo; e de todos os beneficios, ou damnos, que delles recebemos. De todas as cauzas de doencas mencionadas por Hypocrates, as mais geraes são com effeito, a dieta, e o ar. Sobre o artigo dieta elle compoz varios livros, e na escolha desta elle era exactamente cuidadozo; e tanto mais quanto a sua practica versava sobre ella. Elle tinha taobem muita consideração pelo ar; examinava que ventos sopravaõ ordinaria, ou extraordinariamente; considerava a irregularidade das estaçoens; o nascer, e pôr dos astros, ou o tempo de certas constellaçoens; o tempo taobem dos solsticios, e dos equinocios; e aquelles dias, que, na sua opiniaõ, produziaõ grandes alteraçoens em algumas molestias. Elle não pertende todavia explicar, como destas cauzas resulta a variedade de doencas, que diariamente se observaõ. Tudo quanto d'elle se pode colher a este respeito he, que as differentes cauzas acima mencionadas obrando nas differentes partes do corpo produzem huma grande variedade de molestias, das quaes algumas elle considera mortaes, outras perigozas; e o resto facilmente curaveis segundo a cauza que as produz, e as partes, que são affectas. Em muitos lugares elle distingue as doencas pelo tempo da sua duraçaõ em agudas ou breves, em chronicas, ou longas: igualmente distingue as doencas pelos lugares particulares, em que prevalecem, quer ordinarias, quer extraordinarias: as primeiras, isto he, aquellas que são frequentes, e familiares a certos lugares, elle as chama molestias endemicas; e as ultimas, que se exacerbãõ extraordinariamente ja n'hum lugar, ja n'outro; e que se estendem a grande numero de individuos em certos tempos, elle as chamou epidemicas, isto he doencas populares; e desta especie a mais terrivel he a peste: igualmente menciona huma terceira especie opposta á primeira que chama doencas esporadiccas, ou erraticas: está ultima inclue todas as differentes especies de molestias que invadem em toda, e qualquer estaçaõ, e são ja de huma, ja d'outra natureza. Elle fez distincçaõ entre aquellas doencas, que são hereditarias, ou nascidas connosco, e aquellas que são contrahidas depois; e igualmente entre aquellas que são de huma natureza benevola, e as que tem

hum caracter maligno, as primeiras das quaes facil, e frequentemente se curão, as ultimas porem dão aos Medicos grande encommodo, e raras vezes se vencem pelos seos disvelos.

Lançados assim os fundamentos para a theoria, e practica da Medicina, a Sciencia foi proseguida com grande avidez por Praxagoras, que, apezar disso, se aventurou de algum modo a oppor-se á practica de Hypocrates, juntamente com Erasistrato, e Herophilo, o ultimo dos quaes como discipulo de Praxagoras seguiu mais depressa a escola deste, que a daquelle. Erasistrato com tudo adquirio maior fama, ainda que mais adherente ás doutrinas antigas de Hypocrates; e a elle se devem as primeiras indicaçoens regulares do pulso. Por este tempo a profissão da Medicina começou a dividir-se em tres ramos, a saber Dietetica, Pharmaceutica, e Cirurgica; ou aquelles que pertendiaõ curar só com o regimen desprezando a Pharmacia; aquelles, que pertendiaõ curar principalmente por meio de preparaçoens Pharmaceuticas, (de cujo numero era o mesmo Erasistrato), e aquelles, que davão todo o seo tempo, e attenção a parte Cirurgica da Medicina.

A outra divizaõ dos Practicos da Medicina era em Dogmaticos, e Impiricos tendo começado os ultimos com Serapiaõ de Alexandria perto do anno 287 antes de Christo, que, segundo Galleno, conservou a practica de Hypocrates, mas desprezou o seo modo de raciocinar. Realmente a seita a que se entregou Serapiaõ, da qual se não foi fundador, foi hum zeloso partidista na sua infancia, se fundava na propria experiencia pessoal, ou progressiva, ou fortuita. Pelo contrario os Dogmaticos affirmavaõ, que era necessario conhecer as cauzas latentes, bem como as manifestas das doenças; e que os Phizicos deviaõ saber as acçoens naturaes, e funcçoens do corpo humano, e por conseguinte estudar os seos orgaos internos.

Os Medicos de mais fama, que floresceraõ depois desta divizaõ fôraõ. Asclepiades, que se oppoz á theoria Hypocratica da potencia natural, e sympathia, ou attracção, introduzindo na Medicina os principios Phisicos da Philosophia Epicurea. Themison, o fundador da seita methodica, cuja doutrina era igual-

mente hostile aos Dogmaticos, e Impyricos, e dividia as doenças em duas classes Hypertonica, e Attonica, divizaõ, que em varias modificaçoens tem chegado ate a tempo presente; Thessalo, contemporaneo de Nero, homem de algum merito, mas de extraordinaria vaidade; e Celso com razaõ denominado o Hypocrates Latino, cuja obra he precioza tanto pela pureza da lingoagem, como pelos conhecimentos, que apresenta sobre o estado da Medicina no seo tempo.

Pelo anno 131 depois de Christo no reinado de Adriano, appareceo o celebre Galleno, cujo nome apparece tao conspicuamente na historia da Medicina. Os Practicos estavaõ nesse tempo divididos em tres partidos, Methodistas, Dogmaticos, e Impyricos; Galleno se inclinou ao segundo: mas como hum verdadeiro eclecticico emprehendeo combinar com a sua doutrina tudo o que havia de bom nos dois systemas oppostos; e formar delles hum systema de medicina mais completo que o que d'antes havia. Pela maior parte elle foi sectario de Hypocrates, cujo nome reverenciava, e cujas opinioens commentou, asseverando no decurso dos seus commentos, que elle nunca d'antes fõra perfeitamente entendido. Como Hypocrates elle denominou o principio vital—*Natureza*; como elle admittio a existencia de quatro distinctos humores, de cujo predominio, deficiencia, ou desproporçaõ se originavaõ os differentes temperamentos do corpo animal, e as variedades das doenças a que elle está sujeito: estes humores saõ o sangue, phlegma, bilis amarella, e negra. Estabeleceo igualmente tres distinctas especies de auras, gazes, ou espiritos, a saber natural, vital, e animal, que elle olhava como outros tantos instrumentos de faculdades distinctas, referindo a acçaõ da primeira principalmente ao figado, da segunda ao coração, da terceira ao cerebro. A sua authoridade, apezar de todas as fantazias espalhadas no seu systema, continuou a prevalecer ate á subversãõ do Imperio Romano, epoca em que as Artes, e as Sciencias foraõ transferidas ao Imperio do Oriente, debaixo de cujos auspicios, todavia, a sciencia medica não parece ter feito algum progresso, tendo os medicos Sarracenos totalmente desprezado o estudo da anatomia, e outros ramos auxiliares, ac-

grescentando a *Materia Medica* somente algumas plantas de nome desconhecido, e cujas virtudes pharmaceuticas estão, ha muito, desprezadas, e esquecidas.

Desde o mencionado periodo ate o principio do seculo decimo sexto, a historia da Medicina nada fornece de interessante. Foi esta epoca que deo nascimento a Paracelso, que absorvido profundamente na Sciencia da Alchimia, se he que ó termo sciencia, se não prostitue applicado a tal objecto, proscrevendo de hum golpe todos os raciocinios dos Authores antigos pertendeo explicar os factos, e doutrinas Medicas pelos principios que entã vogavaõ e em que se gastava o tempo.

Foi em 1628, que a Medicina adquirio o conhecimento do importante facto da circulaçaõ do sangue pelos trabalhos infatigaveis do Dr. Harvey, que teve demais a mais a combater por annos com a dobrada e impetuoza torrente dor prejuizos, e ciumes da Profissãõ ate os vencer; negando alguns o facto, e outros pertendendo que isso era hum ponto estabelecido, há seculos, e que por consequente de nenhuma sorte se lhe devia a honra da descoberta. O estabelecimento, com tudo, deste grande facto, não produziu, muito depois mesmo da sua admissãõ geral, todas as vantagens, que podiaõ esperar-se. Os Physiologistas do dia raciocinando sobre os poderes pelos quaes este phenomeno, assim como varios outros do corpo animal, se executava, infelismente lançaõ maõ da Philosophia mecanica para sua guia; e todas as funcçoens foraõ immediatamente explicadas pelas Leis dos projectis, ate que o systema foi a final destruido pelo absurdo da estensaõ, que se lhe dava.

Boerhaave neste periodo abrio caminho para huma reforma admiravel tanto de principios como de practica; e unindo as doutrinas de Hypocrates com a Philosophia do tempo construiu huma theoria de Medicina sobre a hypothese de acrimonia, lentor, e outras mudanças nos fluidos circulantes. Contemporaneos de Boerhaave Hoffman, e Stáhl se affastaraõ da sua theoria: o primeiro lançaõ os fundamentos da hypothese espasmodia, rezolvendo a origem de todas as doenças em huma attonia universal das primarias for-

gas moventes do systema; e o segundo na acção de certos agentes nocivos contrabalançada todavia pela existencia interna de huma alma racional, que dirige a economia do todo A Pathologia humoral, não obstante, continuou a prevalecer ate que debaixo dos auspicios do Dr. Cullen as theorias de Hoffman, e Stahl se unirão n'hum só, e ingenhozo systema; systema, que ainda se sustenta, apezar de ser controvertido pela hypothese sensorial do Dr. Brown, e Dr. Darwin, cujas obras são em geral taõ conhecidas em Portugal, Hespanha, parte da Italia, e Alemanha, quanto são pouco lidas, e mesmo desprezadas em Inglaterra!!!

AGRICULTURA E COMMERCIO.

CARTA A. M. CLENNELL SOBRE A EDUCAÇÃO PRÓPRIA PARA HUM AGRICULTOR.

SENR.

EM quanto as outras classes dos cidadãos, segundo as suas diferentes occupaçoens, e empregos, tem participado da diffuzaõ geral das sciencias, e instrucçaõ, a classe agricultural tem recebido beneficios mui limitados, e superficiaes. Não he difficil, nem mesmo infructifero o marcar as cauzas deste atrazamento comparativo.

Em primeiro lugar a agricultura não tem huma taõ manifesta, e á primeira vista taõ indispensavel connexaõ com os conhecimentos geraes, ou com alguma sciencia em particular, como as outras profissoens, e empregos do genero humano. Antigamente, a connexaõ entre as sciencias, ou principios geraes, e qualquer arte, não era taõ clara ou admittida como he agora; mas prezentemente a sua connexaõ está estabelecida de huma maneira taõ distincta, que todo aquelle, que dezeja por-se ao nivel com os que seguem a occupaçaõ a que se destina, está bem persuadido, que deve applicar-se mais ou menos, á sciencia particular, que illustra, e tem melhorado áquella arte. Basta referir-nos ás artes connexas com a chimica, ou com a mechanica, taes como actualmente existem neste paiz, e recordar o que ellas eraõ, há meio seculo, para nos convencer-mos da verdade desta observaçaõ. Mas relativamente á agricultura, não ha sciencia com quem não tenha huma connexaõ directa, e daqual não tire hum immediato proveito tanto que todos aquelles que se destinão a ella, se vem obrigados a ter previamente huma educaçaõ scientifica.

Em segundo lugar, o agricultor, que possui huma terra porque paga pouco, ou que disfruta os beneficios de hum rico terreno, e clima fertil, não tem precisaõ

de recorrer a trabalhos, e conhecimentos superiores, para se pôr ao nivel com aquelles, que não possuindo taes vantagens são obrigados, para indemnizar-se, a fazer trabalhos de que o outro não carece. Se esta observação he justa segue-se que devemos achar agricultores scientificos principalmente entre aquelles; a quem não favorece tanto o terreno, e o clima. To-lo aquelle que conhece o estado comparativo da agricultura, e a intelligencia, e o saber comparativo dos lavradores nas partes do Sul, e Norte desta Ilha, conhece esta verdade.

A primeira cauza do atrazamento, e falta de sciencia na classe agricultural, será melhor e mais promptamente removida marcando lhe os beneficios, que della podem derivar em quasi todos os ramos das suas operaçoens. A segunda cauza cederá somente a tal augmento de renda por terra mais fertil, e clima mais fecundo, que obrigue o agricultor, que possui essas vantagens, a adquirir tanto conhecimento, e saber, como o agricultor, a quem estas são negadas, para se pôr no mesmo pé que elle.

A agricultura pois se attentamente reflectirmos, bem longe de ser independente das sciencias, requer a illustração, e succorro de muitas, se quizermos promover o seu adiantamento. Designando rapidamente quaes estas sejaõ se estabelecerá a educação propria para o agricultor, e será conhecida a sua necessidade, e vantagem.

Em primeiro lugar o agricultor deve estar em estado de poder medir o seu campo; disto não pode haver duvida, e he preciso ser cego, ou contumaz para sustentar, que o agricultor instruido neste ponto não he menos dependente, e mais habil a dirigir melhor a sua occupação, que aquelle que ignora este ramo da sciencia.

Em segundo lugar hum conhecimento de mecanica he necessario a hum agricultor. Seria com effeito estranho, se, em quanto a mais ordinaria, e importante operação da agricultura se executa com instrumentos estrictamente mecanicos, que são postos em acção por meios taobem mecanicos, se considerasse este ramo de sciencia como inutil ao agricultor. Não pode haver duvida, que algumas charruas lavraõ melhor a

terra do que outras; e hum exame de differença entre ellas, mostrará que as melhores são construídas mais conforme aos verdadeiros principios da mecanica; e ao conhecimento scientifico do modo porque ellas executão melhor o seu trabalho. Podem fazer-se melhoramentos, e tem-se feito nas charruas pelos que as fazem; mas os seus defeitos podem ser melhor observados, e mais facilmente remediados pelo agricultor, que as vê constantemente trabalhar, huma vez que elle tenha sufficiente conhecimento de mecanica, para poder descobrir em que parte falha a sua construcção.

Estas observaçoens se applicarão a muitos outros instrumentos ruraes particularmente a carros, machinas de malhar, e joeirar, &c.

Em terceiro lugar, a chymica está connexa com a agricultura, e deve formar parte da educaçãõ de hum lavrador. Nos estamos ainda muito atrazados nos conhecimentos respectivos ao alimento das plantas, á maneira porque ellas o tomão, e circumstancias favoraveis ao seu crescimento, e produçãõ: mas esta ignorancia em vez de ser huma objecção para este ramo de educaçãõ agriculural, he hum argumento mais forte para nos empregarmos no seu estudo. Por quanto, não podendo duvidar-se que os processos da vegetaçãõ, a analyse, e operaçãõ dos estrumes, e terreno são estreitamente chymicos, nenhum methodo parece melhor para os illustrar, do que habilitar o agricultor por huma educaçãõ chymica a colligir, e explanar os factos que elle testemunha, e chamar a experienciã em succorro das suas observaçoens scientificas.

Em quarto lugar a Botanica, huma vez addida á educaçãõ do agricultor promette ser de hum serviço essencial. O que se chama lavoura mixta, ou alternadamente fazer a colheita das terras; e deixa-las de relva, he o modo d'agricultura mais vantajozo, e productivo. Mas hum grande obstaculo, e objecção a este systema nasce da difficuldade experimentada em cobrir de fertil, e viçosa hervagem o terreno, que se tem cultivado por muito tempo. A observaçãõ mais superficial das differentes especies de relvas, que espontaneamente crescem, deve convencer-nos, que

algumas agradaõ mais aos gados, e são mais nutritivas, que outras:—que humas convem a huma especie de terreno, e clima, e outras a outros:—e que algumas especies chegaõ mais sedo á sua perfeiçaõ, e continuaõ por mais tempo, que as gramas de especie differente. O Agricultor Botanico, isto he o que pode classar, e distinguir as differentes relvas pode só, escolhendo as especies proprias, introduzirervas mais viçozas, e ferteis; e remover a objecçaõ á especie de lavoira de que se acabar de fallar.

Em ultimo lugar, seria dezejavel que a educaçaõ do agricultor abraçasse alguns conhecimentos de anatomia, e doenças de cavallos, e gado vaccum, e lanigero, paraque elle não estivesse inteiramente á mercê daquelles que são chamados em qualquer incidente, e que de todos os pertendentes á arte de curar são indubitavelmente os mais ignorantes, e afferrados ás suas opinioens.

Huma consequencia occazional, mas de grande importancia, e dezejavel rezultaria de dar ao agricultor huma educaçaõ tal como a que tenho brevemente traçado, alem do conhecimento directo, e beneficios, que ella lhe communicasse, ella lhe faria, expandindo as suas vistas, e faculdades, remover aquelle apêgo a costumes antigos, e ignorante desprezo de melhoramento deque os lavradores geral, e mui justamente são accusados. Melhorada, como tem sido, a agricultura deste paiz, durante o ultimo meio seculo; e por muito que exceda a dos outros paizes, ainda he susceptivel de melhoramento nos dois grandes pontos—a saber em produzir mais sustento para o homem, e produzi-lo com menor trabalho; pontos estes que podem conseguir-se com grande despeza de capital, de tempo, e trabalho sem sciencia; e com ella rapida, e mui economicamente. Z. A. Z.

REFLEXOENS SOBRE A CARTA ANTECEDENTE, E A RESPEITO DA AGRICULTURA E PORTUGAL.

Os principios que se estabelecem nesta carta são, a nosso ver, incontestaveis: e se apezar do floren-

tissimo estado em que se acha a Agricultura na Inglaterra, ha ainda muitas faltas, e he precizo instruir, e educar os lavradores para obterem resultados mais vantajozos com menos despendio de cabedaes, e tempo; que diremos nos de Portugal, onde a agricultura se acha n'hum estado de atrazamento incrível; onde os lavradores não tem mais conhecimentos, que os de rotina, e onde, aquelles que os deviaõ esclarecer, e instruir, isto he, as camaras, e Corregedores, ignoraõ, tanto como elles, os principios scientificos, e mais do que elles a practica de diversos ramos de agricultura? Para se formar huma idea preciza e clara do estado deploravel da agricultura em Portugal, basta ver o que elle foi em differentes epocas, e o que he hoje.

Os Gregos, os Carthagenezes, os Romanos, os Septentrionaes, e os Arabes conheciaõ, e procuravaõ Portugal, como paiz mui fertil em todos os generos da primeira, e segunda necessidade, taes como graons de toda e especie, legumes, frutas, lans, sedas, linho, azeite, vinho, mel, gado, e madeiras. De tudo isto abundou Portugal outróra; de tudo isto carece hoje este paiz ditozo, exceptuando apenas vinho, e frutas. Alem daquelles artigos, havia outro ramo de cultura mui importante, que era o da Graã. Ella foi em tempos mui remotos transportada do Algarve para Roma, onde era summamente estimada, e era com ella, que se tingiaõ os Mantos dos Imperadores, e a chlamide Roçugante dos Generaes Romanos, que elles vestiaõ, quando hiaõ commandar os exercitos. Este artigo, n'outra tempo taõ importante, he hoje quasi nullo, podendo ser de grande interesse; porque na maior parte das serras do Algarve se encontra a planta que a produz, como nos mesmos observamos. Mas he tol a preguiça dos habitantes do Algarve, que nem ao menos se utilizaõ doque a natureza espontanea, e liberalmente lhe offerece.

Desde o Conde D. Henrique ate El Rey D. Fernando, os primeiros cuidados, e disvelos dos Monarchas Portuguezes consistiraõ em augmentar a populaçaõ, e consequentemente a agricultura; e o conseguiraõ, apezar das continuas guerras, que taõ gloriozamente sustentaraõ.

D. Sancho I^o. cuidou tanto da cultura, e povoação, que mereceo o nome verdadeiramente Grande de POVOADOR—nome que excita em nos tanta veneração, e respeito, quanta aversão, e desprezo para com o *Monstro*, que, ha dez annos, tyranniza a Europa, e procura exterminar a raça humana.

El Rey D. Deniz, este verdadeiro modelo de bons principes, cortando os excessos dos grandes para com os pequenos; considerando, e com razão, os lavradores como os verdadeiros nervos do estado, animou, e protegeo a agricultura de tal modo, que em todo o seu feliz reinado não houve gente ocioza, nem hum palmo de terra inculta. Daqui veio ser chamado—o LAVRADOR, e PAI da Patria. Os thezoiros immensos que generosamente despendeo, e que deixou por sua morte, foraõ mui principalmente productos da lavoura, que animou, e sua Augusta Epoza, a Rainha Santa.

Desde El Rey D. Affonso IV. ate D. Pedro I., diminuiu a população, e esmoreceo proporcionalmente a agricultura.

Apezar disso, ate o reinado de El Rey D. Fernando ainda havia tal abundancia de trigo, que os reinos estrangeiros se proviaõ em nossos portos. Flandes, Alemanha, Castella, Leaõ, e Galliza proviaõ-se de azeite de Coimbra, Santarem, Abrantes, Lisboa, Estremos, Elvas, Moura, e Beja. Com tudo, este Rey, chamado o gentil, e cuja alma era excellente, conheceo bem a diminuição de todos os generos relativamente ao tempo de seos Augustos Maiores; e para prevenir o progresso deste mal publico deo muitas, e sabias providencias, que produziraõ o dezejado effeito, mas que, ha longos annos, estaõ no mais criminozo, e fatal esquecimento.

Seguiu-se o reinado do Senhor D. Joaõ I., e desde entaõ data a deploravel decadencia da Agricultura em Portugal. As guerras que este principe sustentou para se firmar no throno, não o deixaraõ applicar-se á conservaçãõ, e augmento da população, e lavoura. Voltou a paz: podia-se entaõ fazer resuscitar a Agricultura; mas entaõ mesmo aquelle monarcha deslumbrado com falsas ideas de gloria, emprehendeo levar suas bandeiras victoriosas alem dos mares: começou

a guerra da Africa; principiaraõ as conquistas; comecáraõ os descobrimentos; e principiou desde entaõ a diminuir sensivelmente a populaçaõ de Portugal, e consequentemente a Agricultura. Os Portuguezes comecáraõ a ser taõ temidos fora, quanto eraõ realmente fracos dentro em caza. Os vassallos saõ, em geral, fieis imitadores das virtudes, ou dos vicios, das inclinaçoens, ou gosto dos seus Soberanos. D. Joaõ I. amava as conquistas, e os descobrimentos; e os Portuguezes comecáraõ entaõ a prezar mais ser soldados, e navegantes, do que lavradores. Premearaõ-se aquelles; desprezaraõ-se estes; e desde entaõ os estrangeiros, que hiaõ d'antes carregar azeite, e trigo nos portos de Portugal, principiaraõ desde entaõ a prove-lo de tudo o que lhe faltava. Que fatal mudança!

A deserçaõ de muitas familias Portuguezas para Hespanha no tempo daquelle valorozo monarcha; a expulsaõ dos Judeos de Portugal no tempo de El Rey D. Manoel; hum sem numero de fundaçoens de familias religiozas, que neste tempo edificaraõ suas cazas; as guarniçoens que era preciso manter nas Praças de Africa; a gente, que todos os annos era enviada para o Oriente; todas estas cauzas despovoáraõ Portugal; e o luxo Asiatico infecionando o Reino, e destruindo o amor da lavoura, da vida simples, frugal, e campestre, deo o ultimo golpe á Agricultura Portugueza.

D. Joaõ III. conheceo estes males, quiz remedialos; deo muitas e excellentes providencias; mas o mal era mui grande, e antigo; era preciso povoar o Reino; para o consegnir abandonou alguns presidios da Africa; mas isso naõ bastava.

O desgraçado Rey D. Sebastiaõ, depois de dar hum excellente regimento a respeito dos Paues do Reino, e outro dos Paues de Santarem, nos quaes se encontraõ o amor da agricultura, optimas providencias contra os estragos das cheas sobre a direcçaõ dos reparos, e tapumes; sobre o cuidado, e vigilancia, que devia haver na abertura das vallas, &c. &c.; por huma especie de contradicçaõ, arrancou dos mesmos campos, que pertendeo beneficiar, onze mil homens, que eraõ precisos á sua cultura; conduzio-os aos campos

de Africa; e o tragico fim que ali tiveraõ he mui sabido e dolorozo, para se repetir.

Seguirãõ-se sessenta annos de escravidãõ, e miseria; e a agricultura chegou ao ultimo ponto da sua decadencia, e ruina.

Pela mais feliz, e bem combinada revoluçãõ, subio ao throno a Augusta Caza de Bragança. Nos reinados dos Senhores Reys D. Joaõ IV., D. Pedro II., e D. Joaõ V. deraõ-se algumas providencias; promulgaraõ-se diversas leis relativas á Agricultura: mas como a origem principal da sua ruina, a falta de populaçãõ, naõ se remediou, Portugal continuou a estar na dependencia dos estrangeiros, a quem dava, e dá hoje ainda, grande parte do seu dinheiro para ter o paõ, e legumes, que lhe faltaõ, e deque n'outro tempo superabundava.

Quando o Senhor D. Joze I. de memoria immortal, subio ao throno, a populaçãõ de Portugal montava pouco mais, ou menos a dois milhoens e meio, e o Reino apenas dava o paõ precizo, para metade dos habitantes! A falta destes, a má educaçãõ que ate ali se dava á mocidade; a ignorança da verdadeira gloria, dos verdadeiros interesses publicos, e da verdadeira riqueza nacional; a multidaõ de ecclesiasticos seculares, e regulares, e consequentemente a diminiuçãõ do povo agricultor; as vexaçõens feitas pelos grandes, e Senhores de herdades aos seus colonos; a imposiçãõ de direitos exorbitantes em todos os generos da primeira necessidade; o pouco disvelo na cultura, e administraçãõ das lezirias; taes eraõ, em geral, as funestas cauzas desta desordem publica.

Este monarcha, diante de quem tremia quem fez tremir os outros pelo seu despotismo, cortou pela raiz grande parte destes males: estabeleceo hum novo, e util plano de educaçãõ para a mocidade de todas as classes; prohibio aos Bispos o ordenar, e aos prelados das differentes ordens religiosas o receber individuo algum, sem que elle mesmo examinasse, e conhecesse a necessidade que disso havia: regulou a emigraçãõ para o Brazil; chamou da America para Portugal os homens mais opulentos; premiou aquelles que empregavaõ as suas riquezas na cultura das terras e honrou-os: cohibio as vexaçõens, que os donos das

herdades do Alem-Tejo faziaõ aos seus colonos : ordenou que senão taxassem os viveres : os direitos exorbitantes do trigo, farinha, centeio, cevada, aveia, e legumes foraõ reduzidos : creou diversas companhias : reformou a administração das importantissimas Lezírias de Riba-Tejo : animou a cultura da seda : introduzio, e protegeo a cultura do arroz, que hoje se colhe em bastante quantidade em varias partes de Portugal principalmente em Alcacer do Sal, Comporta, e Silves, como nos mesmos observamos. Agricultura, e Commercio, como fontes da prosperidade, e riqueza nacional, taes foraõ os objectos mais caros a este grande Monarcha.

Sua Augusta Filha, digna Herdeira do seu throno, e virtudes, não só mandou executar muitas providencias de seu Augusto Pai; mas deo outras, de que resultariaõ grandes bens, se as regiões intençoens fossem fielmente cumpridas, o que mais de huma vez se não verificou.

O encanamento do Rio Mondego seria de huma utilidade incalculavel para a agricultura da mais bella parte da Beira, se a ignorancia de hydraulica, a dilapidação, ou desperdicio dos capitaes juntos, e destinados para fim tão util, não frustrassem tão grande, e interessante projecto. Tratava-se, alem disso, do bem publico, e promoveo-se somente o bem de hum só.

As boas estradas são indispensaveis para o progresso da agricultura : sem ellas não he possivel que o commercio interno prospere : a nossa Augusta Soberana conhecia esta verdade : começou por mandar abrir estradas Reaes de Lisboa para Santarem, Villa das Caldas, e Porto : esta ultima concluiu-se ate Coimbra : a Providencia privou-nos das luzes de huma Soberana realmente grande, e aquella soberba estrada não só se não continuou; mas por huma especie de fatalidade, que tantas vezes tem feito abortar os melhores projectos em Portugal, deixou-se arruinar, e perder a que estava feita.

Tomou as redeas do Governo o melhor dos Principes. Elle conhece de quanta importancia he n'hum estado huma florente agricultura : mas as circumstancias summamente difficeis em que Portugal, e a Eu-

rôpa se tem achado, des de 1794, tem obstado a que Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor promovesse a populaçãõ, e agricultura tanto, quanto o exige imperiozamente o bem do estado, e altamente o dezeja o Seu Coraçãõ Paterno. Conservar os seos vassallos em paz, sem a qual nem commercio, nem agricultura prosperaõ, foi sempre o seu primeiro cuidado, o seu paternal disvelo. Elle fez todos os sacrificios, que eraõ compatíveis com a honra do throno para affastar dos seos estados as calamidades da guerra; e se não pôde evitar a de 1801, Sua Alteza Real bem de pressa lhe poz termo comprando a paz, que tantos sacrificios custou ao seu coraçãõ, e ao seu erario. Mas nem o tratado de Badajoz e de Madrid, nem o de neutralidade de 1804, poderaõ pôr termo á desenfreada ambiçãõ do tyranno da Europa. Sua Alteza Real foi constrangido a deixar os seos estados do antigo mundo, e passar aos do novo. Esta heroica resoluçãõ transtornou todos os planos do *Curso astucioso*: seguiu-se a guerra, que ha tres annos enche de confuzaõ, e vergonha os exercitos escravos do *monstro*, e que tem coberto de gloria os exercitos combinados, os defensores da liberdade de Portugal, da Hespanha, da Europa, e do mundo. Portugal vai de novo gozar tranquillos dias; e Sua Alteza Real, livre de inquietaçoens, e sustos, se dará todo á felicidade de hum povo, que tanto lho merece. Seguindo o exemplo de Sancho I., D. Deniz, D. Fernando, D. Joze I., e de Sua Augusta Mai, promoverá a populaçãõ, a agricultura, e o commercio. Muitas das providencias adoptadas por aquelles Augustos Monarchas sobre taõ importantes objectos merecem ser postas em rigida observancia: mas ellas não bastaõ: são precisas novas leis accomodadas as circumstancias actuaes, e aos progressos que a botanica, a agricultura, e a chymica tem feito, nestes ultimos tempos.

Mas paraque as leis sejaõ de boa vontade, e promptamente executadas, he necessario que os povos conheçaõ os bens, que da sua execuçãõ resultaõ; e que os delegados do soberano, isto he, aquelles a quem pertence a execuçãõ das leis, os ministros, as entendaõ, e conheçaõ a importancia dos objectos de que ellas trataõ. Mas que ideas, e conhecimentos de agricul-

tura tem os que apenas estudão jurisprudencia? Nenhuns: e se os tem porque não tem esclarecido os povos?

Nas viagens, que fizemos por todo o Portugal, nos vimos com dor por toda a parte vastos, e preciozos terrenos incultos: nos vimos em muitas partes os lavradores cançando-se de balde a cultivar terrenos improprios para as sementes, que lhes lançavaõ: gastando dobrado tempo, e empregando duplicado trabalho daquelle, que seria precizo, se conhecessem os melhoramentos, que se tem feito nos diversos instrumentos, e maquinas ruraes. Nos vimos em muitas partes os animaes empregados na agricultura magros, e perecendo de fome á mingoa de pastos; e esta provindo, entre outras cauzas, da falta de prados artificiaes, que não ha em Portugal, onde talvez são mais precizos, que em nenhuma outra parte. Os estrumes, que geralmente se empregão, são poucos, e esses maos. O methodo de fazer as colheitas dos diversos productos da agricultura, he, em geral mui penoso, difficil, e despensiozo. A maneira de converter estes productos em uzos ordinarios, geralmente fállando, não he boa: e daqui vem que podendo nos ter os melhores, e mais exquisitos vinhos, somente são conhecidos os do Doiro, Carcarvellos, Setubal, e Bucellas. Nos podiamos ter o mais preciozo azeite do mundo, e em muita abundancia; e nos não temos o que he precizo; e o pouco que temos não he bom.

Nos vimos em muitas partes de Portugal campos arruinados, Lezirias perdidas pelas enchentes, donde se podiaõ tirar e se tiravaõ n'outro tempo incalculaveis utilidades. Nos vimos Paues, que facilmente se podiaõ cultivar, e de perniciozos que são, tornarem-se de grande proveito.

Ha leis calculadas com muita sabedoria para prevenir a maior parte dos males de que acabamos de fallar: ha leis para os remediar depois de feitos: ellas não estão derogadas pelo Soberano: porque razão pois as não executaõ as Authoridades Municipaes, e os Ministros territoriaes? Entre as Memorias de Agricultura da Academia Real das Sciencias de Lisboa ha muitas, que não cedem ás melhores das mais

celebres Academias da Europa: mas de que servem-se huns daquelles a quem o Soberano confia o governo de seos Povos não as lem; e o que he mais criminoso ainda, e mais detestavel, ate são inimigos declarados dos que estudaõ Sciencias Naturaes; e outros se as lem, não as entendem, porque não tem os principios necessarios?

De que fica dito concluimos, que não só he preciso educar os Agricultores, mas taõbem aquelles que se destinaõ a governa los e a promover a sua felicidade. He pois absolutamente preciso que todos os que se destinaõ aos lugares de letras sejaõ obrigados a formar se taõbem em Philosophia: só assim poderaõ adquirir os conhecimentos' necessarios de Phisica, de Mechanica, de Chymica, de Botanica, e Agricultura: só assim poderaõ instruir os povos sobre os seos verdadeiros interesses; só assim poderaõ entender as excellentes Leis Agrarias, que temos; só assim acabará aquelle ignorante, e insultador desprezo, que os homens de *Sciencias Positivas*, tem pelos que se applicaõ as *Sciencias Naturaes*.

Alem das palpaveis utilidades, que necessariamente proviriaõ desta medida, rezultariaõ outras de grande monta, a nosso ver. O numero dos pertendentes aos lugares de letras diminuiria: não haveria por tanto vinte requerentes para hum só lugar; cessaria em grande parte aquelle jogo de relaçoens, e empenhos, e algumas vezes de corrupção, que, apezar da Innata Justiça do Soberano, e algumas vezes dos seos Ministros, eleva a empregos da mais alta importancia individuos não só ignorantes, mas muitas vezes perversos, em toda a estensaõ da palavra.

Dado este passo, seria facil formar huma Sociedade de Agricultura em cada cabeça de commarca composta dos lavradores mais experimentados, Medico, ou Medicos da Camara, Juis de Fora, e Corregedor, que seria o Prezidente nato. Ella teria a seo cargo o colligir todos, os conhecimentos, e descobertas modernas sobre os differentes ramos de Agricultura, e a justa applicaõ dellas ao terreno, e mais circumstancias particulares daquella commarca. Ella teria o cuidado de redigir em lingogem clara, e adaptada á capacidade de todos os lavradores os principios fun-

damentaes, e genericos de Agricultura. Ella deveria ensinar aos lavradores a conhecer os terrenos proprios para esta semente, e não para aquella; quaes são os terrenos proprios para taes, ou taes plantas; maneira de ter prados artificiaes, de fazer estrumes, de facilitar a cultura, e colheita dos generos; methodo mais facil, util, e economico de os converter e preparar para o uzo da vida, &c. &c. &c.

Todos os Juizes de Fora, e Medicos da commarca deveriaõ ser socios correspondentes daquella Sociedade; e aquelles seriaõ obrigados a mandar pôr em pratica nos seos respectivos districtos todas as providencias, que a Sociedade lhe communicasse, indo assignadas pelo Prezidente, &c.

Seria alem disso para dezejar, que na Universidade de Coimbra se estabelecesse hum curso regular de Veterlnaria, de que taõ poucas ideas ha em Portugal; e que os seos objectos o fossem taõbem das Sociedades de Agricultura, deque acima fallámos.

Na Inglaterra, onde a Agricultura está levada a hum ponto de perfeição, que se não acha em parte alguma do mundo, todos os dias se estabelecem novas Sociedades de Agricultura: porque se não hade seguir o seo exemplo em Portugal, onde ella se acha no mais triste, e deploravel atrazamento?

Desenganem-se por huma vez todos os Governos, que sem Agricultura, e sem commercio não pode haver riqueza nacional; que he pois necessario empregar todos os meios de promover aquella, e facilitar este; que he preciso cortar pela raiz todos os obstaculos, que se oppoem ao augmento da população do Estado. O melhor dos Principes conhece esta verdade; e he por isso, que, segundo a informação que temos dos nossos correspondentes, Sua Alteza Real ordenou ja aos Governadores de Portugal, que procedessem immediatamente ao mais escrupulozo exame sobre a diminuição que tem havido na população de Portugal, suas cauzas, e meios mais efficazes, e promptos de a fazer prosperar, e crescer. Praza ao Ceo, que as pessoas a quem os Governadores incumbirem esta importantissima commissão a saibaõ desempenhar; porque ella não he taõ facil como á primeira vista parece.

Entre outras providencias, que Sua Alteza Real tem dado para animar, e facilitar o Commercio Portuguez merece mui particular elogio a Regia Resolução pela qual Sua Alteza Real querendo augmentar o commercio, e navegação Nacional, e a prosperidade assim de Portugal, como do Estado do Brazil, ordenou que os generos do dito Estado, que se exportarem para fora do Reino paguem somente 4 por cento por baldeação. Maior reconhecimento, e elogio merece ainda o Decreto expedido na Corte do Brazil, em 26 de Janeiro de 1811, pelo qual se determina que todos os generos produzidos naquelles vastos, e ricos Estados, e que das Alfandegas de Lisboa, e Porto sabirem para Portos Estrangeiros, ou se baldearem dos Navios, que os conduzirão, para outros com o mesmo destino, paguem somente dois por cento de Direitos de baldeação. Outro tanto dizemos do estabelecimento mandado fazer na Ilha de S. Miguel por Alvará de 26 de Outubro de 1810.

Ve-se pois que a Corte do Brazil conhece a importancia da Agricultura, e Commercio, conhece a necessidade de animar aquella, e facilitar este e que toma serias medidas para conseguir taõ util fim. Mas por mais esclarecido que seja hum Governo, são tantos os objectos a que tem de attender, e cada hum delles de tanto momento, e pézo, principalmente nas actuaes circumstancias; que he quasi impossivel providenciar tudo. He pois necessario, que os vassallos, em vez de se occuparem somente em censuras imprudentes e em se prejudicarem reciprocamente, empreguem todos os seus esforços, e luzes em esclarecer o Governo. Este pode ter, por exemplo, os mais luminosos principios theoricos sobre o commercio em geral, mas da theoria á pratica vai grande differença: pertence pois aos Negociantes escrever sobre os seus proprios interesses, e dirigir ao throno os seus planos, e representaçoens, que sendo justas, e tendo em vista o bem geral, e não o de hum, ou outro individuo, necessariamente haõ de ser acolhidas. No attendivel, e interessante Corpo dos Negociantes de Lisboa, Porto, Rio de Janeiro, e mais portos ha sem duvida homens respeitaveis pelas suas luzes, pela sua pratica, e probidade: formem-se *clubs* compostos dos

mais intelligentes, e honestos escolhidos a maioridade de votos; e tenha este a seo cargo escrever, propor, e representar tudo o que for a bem do commercio em geral, e dos seos differentes ramos. Sigaõ os Negociantes Portuguezes o exemplo dos de Inglaterra; sigaõ o exemplo dos mesmos Negociantes Portuguezes estabelecidos em Londres, que ja fermáraõ o seo Club, e cujo estabelecimento nao pode deixar de merecer a approvaçaõ de hum Principe, que esta altamente convencido de que a sua felicidade he inseparavel da dos seos povos. A representaçaõ de hum so pode, talvez, ser supprimida, ou desprezada: mas a de huma corporaçãõ de cuja felicidade depende em grande parte a do Estado, nunca deixará de ser attendida, quando a justiça, principios luminozos, e o bem geral a tiverem dictado

TOTAL DOS GENEROS

QUE

ENTRARAO PELA BARRA DE LISBOA,

Em o mez de Abril de 1811, segundo as declarações dos Mestres.

- Trigo—8,958 moios—4,721 sacas—8,122 barriz.
Cevada—4,556 moios—50 sacas, e 4,876 barriz.
Aveia—2,617 moios, e 10 alqueires—12,035 sacas,—
6,060 barriz.
Milho—5,885 moios—1,535 sacas—265 barriz.
Centeio—898 moios—676 barriz,—275 sacas.
Feijão—95 moios—14 barriz—796 sacas.
Ervilhas—39 sacas—40 barriz.
Batatas—960 moios—148 cestos—27 barriz.
Farinha de trigo—80,677 barricas—1,661 sacas.
Dita de milho—600 barricas.
Dita de centeio—232.
Arroz—6,193 barricas—1788 sacas.
Biscoito—1,436 barriz—1318 sacas.
Vinho—7758 pipas e meia—480 barriz—2,016 ca
ixas.
Vinagre—52 pipas.
Agoa ardente—1856 pipas—613 barriz.
Carne Salgada—1357 barricas.
Prezuntos—1,077 arrobas—26 canastras—4 barriz—
e 2,385 prezuntos soltos.
Toucinho—110 arrobas.
Azeite—114 pipas—a 420 caixas.
Manteiga—9,841 barricas—130 dita de porto.
Bacalhão—11,220 quintaes.
Alum—20 pipas.
Peixe páo—2,400 quintaes.
Peixe lim—20 quintaes.
Arenques—204 barricas.
Gueijos—3,158 cestos—20 barricas, e 270 ditos sol-
tos.
Passas—250 caixas—e 100 ceiras.
Bois—40.
Oleo de Linhaça—2 pipas.

CORRESPONDENCIA.

SNR. EDITOR,

Offereço a Vm^{cc}. os mappas incluzos da Povoação do Reino de Portugal em 1801, das Ilhas da Madeira, Açores, e Cabo Verde em diversos annos ; lizongendo-me que Vm^{cc}. lhes dará lugar em algum numero do Jornal que nos tem promettido.

Junto algumas observaçoens sobre os ditos mappas, que deixo ao arbitrio de Vm^{cc}. o publica-las, se achar que o merecem.

De Vm^{cc}.

Muito Venerador

I. Q. N.

OBSERVAÇOENS SOBRE OS MAPPAS DA POVOAÇÃO DO REINO, E ILHAS.

CONHECIMENTO exacto da Povoação de Portugal creio que nunca houve se não for, talvez, o que se apresenta agora ao Publico. A razão porque o primeiro mappa não foi publicado não me consta ; mas pode se prezumir, que sendo a enumeração feita em 1801, os mappas parciaes não seriaõ apurados antes de 1802, ou 1803 ; e entãõ concorreraõ as pertençaõs do General Lanes com o rompimento da guerra entre Inglaterra e França, com a mudança de Ministeriõ em Portugal, e todos os trabalhos que preparãram a catastrophe de 1807, e a glorioza rezolução de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor. He provavel fosse posto entãõ de parte este objecto, assim como muitos outros de interesse para os Portuguezes.

Se devemos crer o que diz J. J. Soares de Barros na

sua Memoria sobre as cauzas da differente Povoação de Portugal, inserida entre as Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa (tom. 1. pag. 123), havia, ou conhecia elle huma enumeração feita pelos Bispos, cujo resultado total quadra muito com o presente Mappa; e esta observação dezejaria que ferisse a attenção daquella classe de leitores, que se interessão, e se occupaõ de calculos de Statistica para em *primeiro* lugar se estabelecer fora de toda a controversia o facto—que a Povoação de Portugal foi estacionaria, isto he, nao cresceo nem diminuiu desde o anno de 1770, ou 1771 (em que provavelmente foi essa enumeração feita, se o foi, como diz J. J. Soares de Barros pouco depois da divizaõ dos Bispados) ate o de 1801, epocha do presente Mappa; isto he n'hum espaço de 40 annos.—Em *segundo* lugar para se investigarem as cauzas deste equilibrio; porque sabidas, ou antes notorias são as muitas que tendem a enfraquecer a Povoação de Portugal*.

O facto referido como provavel, parece demonstrado pelo que toca ás Ilhas Açores. Acha-se huma enumeração no Derotero de Tofino, que parece que lhe foi dada com authoridade, cujo total he, com pouca differença, o que dá o Mappa No. 2.

Nas Ilhas Açores não tem lugar a cauza, que sempre se suppoz, que mais retarda o augmento da Povoação, quero dizer a falta de producção propria, e igual, ao menos, ao consumo de seos habitantes ou ella proceda da esterelidade do terreno, ou de qualquer outro principio que embarace a agricultura.

A fertilidade das Ilhas Açores passa em proverbio. O seo terreno he volcanico, e assemelha-se em todos os respeitoos ao do Reino de Napoles, (se exceptuarmos sempre as qualidades dos habitantes, que produz.) As Ilhas não só produzem quanto basta para o sustento dos seos habitadores, mas exportaõ para o Reino huma quantidade notavel de milho, feijão, favas, e taobem algum trigo.

* Das palavras do A. citado parece que estas listas das freguezias, e fogos do Reino se achavaõ impressas: mas o numero da Povoação que o A. dellas deriva, he calculado a razaõ de 5 por fogos 633,432: mas nessa razaõ, e para Portugal poucos concordão.

A clausura dos Portos de Portugal foi fatal aos Ilheos em quanto durou, e por felicidade não durou muito, porque foraõ baldadas as diligencias que me consta se fizeraõ para achar naquelle tempo, nas Antilhas hum mercado, que substituir ao de Portugal: —novo argumento, e hum dos menores, mas nunca para se pôr em esquecimento—e que prova a que ponto de cegueira tinhaõ as illuzoens Francezas levado o entendimento daquelles, que imaginavaõ possível, e prégavaõ como hum grande recurso para a tranquillidade do Reino a clausura dos seos portos á Marinha Ingleza, que por ser ella de facto senhora dos mares, se transformava em clausura universal para todo o Commercio. Segue-se pois (para tornar ao nosso assumpto) que as cauzas, que retardaõ o augmento dos habitantes prevalecem nas Ilhas Açores sobre a extrema fertilidade, cultura, e exportação.

Não succede assim na Ilha da Madeira, que muito pouco produz do que he necessario para a sua sustentação.—O Mappa authenticó, e que pessoas natu-raes da mesma Ilha julgaõ ainda inferior á verdade, dá hum excesso sobre a enumeração que vimos do tempo do Governador Joaõ Antonio de Sá—de perto de $\frac{1}{3}$ no espaço de 30 annos que decorrerãõ de 1776 a 1806, em que estas duas enumerações foraõ feitas; e com tudo para pessoas practicas em calculos deste genero, este augmento nem he extraordinario, nem muito rapido. A grandeza da sua exportação em vinhos, e outras cauzas, compensaõ aqui por inteiro a falta de producção, e a concorrência de outras cauzas que influem no Reino, e Ilhas Açores.

Estas Ilhas gozaráõ sempre da reputação de ser summamente populozas. D. Francisco Manoel que escreveu nos primeiros annos da guerra da Acclamação, em huma epanaphora refere que o Governo de Castella mandára pessoas de alguma influencia ás Ilhas a levantar terços de gente desobrigada de que aquellas Ilhas tinhaõ fama de conter muita.

O recrutamento, e a expatriação dos cazaes levados para o Brazil, e a dos marinheiros, que andaõ servindo em vazos estrangeiros, são as cauzas, que mais geralmente se daõ para explicar, como ali se contraria a saudavel acção do clima, e da fertilidade; cau-

zas, por certo, que podem ser remediadas; porque nunca o marinheiro servirá entre Nações estrangeiras, se for empregado pela propria. Todos os principios se tocaõ no Governo do Estado; e aquella Nação, que pecca por hum descuido, pode estar certa, que hade vir a peccar por muitos outros. A Nação Portugueza tem-se muito esquecido, que a industria, e actividade dos seus Pescadores, e Navegantes forão a baze em que se fundou o espirito dos descobrimentos, a grandeza dos seus antigos Monarcas, e a heroicidade dos seus soldados:—e se alguém perguntar porque razão se não observa o mesmo defeito na Ilha da Madeira, não sei responder, senão allegando a forma de cultura das vinhas por colonos meeiros á moda de Toscana; a grande occupação, que dão a cultura, trafego, e embarque dos vinhos fixa ali a povoação mais do que nas Ilhas donde sahe, e quasi nunca volta, hum grande numero de excellentes marinheiros que andão pelas embarcações estrangeiras.

O recrutamento forçado depois de 1762, pertende J. J. Soares de Barros que por izentar os cazados, concorreo para crescer a povoação, augmentando-se os cazamentos. De facto, a antiga insufficientissima paga de dois vintens por dia, combinada com o serviço vitalicio deviaõ desgostar os animos Portuguezes daquelle genero de Milicia.

Continuando assim, e voltando á pequenez da Ilha da Madeira, em cujo Mappa apenas se nota o Paul da Serra, que parece admittir maior cultura, sobrepujará por extremo a final a multidaõ de habitantes, como succedia na Ilha, ainda menor, de Malta; e não he de enjeitar este resultado; porque a elle me parece que devia ter sido sempre tendente o espirito geral da Nação. Digo da Nação, porque he costume, nos ultimos tempos, accuzar sempre o nosso Governo—Estas culpas são reciprocas: os descuidos do Governo são os da Nação, e vice versa. Como poderia ser hum Governo froixo, se a Nação fosse activa?

Seria hum calculo curiozo, e não difficil de fazer, a comparação do que teria produzido o excesso da Povoação do Reino, se removidas todas as principaes cauzas, que retardão o seu accrescimo, e que se podem remover, se tivesse este excesso lançado sobre o

Brazil periodicamente, por effeito de attractivos naturaes, e não violencia transplantação de cazaes, como ás vezes se tem feito: e consultando os principios estatiscos, achar-se-ha que teria a gente branca naquelle vasto Imperio agora, isto he, depois de dois seculos, e meio desta operaçãõ, muito excedido tudo, quanto se pode imaginar, que elle contem prezentemente nas tres especies diversas—Branços, Negros, e Indios, e em todas as suas diversas misturas. Resultado que nos deve entristecer, menos pela contradicção em que se acha com as ideas philantropicas, ou liberaes, como affectadamente lhe chamaõ os adversarios do commercio da escravatura, doque pela differença de força, e de prosperidade, que teria aquelle Imperio, se o seo povo fosse como de Portugal, e das Ilhas, todo hum, e branco. E áquelles dos meos leitores, que accusarem de exaltação de ideas ete saudozo orsamento, aconselho que leaõ, e meditem a obra de Malthus *upon Population*; e dando-lhe o divido abatimento veraõ que n'hum clima feliz, e territorio fecundo, a habilidade he mais necessaria para impedir, doque para promover o excesso da Povoação.

Mas como este discurso me levaria mui longe direi somente que se houver incredulos a culpa deve dar-se a outra cauza, sempre lastimoza em seos effeitos que he a falta de livros, e trabalhos proprios sobre as nossas proprias coizas. Os homens que passaõ entre nos por mais instruidos uestes assumptos, derivaõ essa instrucção, que tem, de livros estrangeiros, escritos, por via de regra, com huma perfeita ignorancia do paiz, e muitos delles com a tenção descarada de abater, denegrir, envilecer, e representar como degenerada huma Nação, cujo patriotismo, e valor são inextinguiveis, cujo heroismo confunde agora todas as outras do Continente, aquem serve de Lição, e Modelo. Desta geral censura de livros estrangeiros, tratanto de Portugal, haverá mais, porem dois me parece, que se devem absolver. Hum he a obra de Link—outra a de Murphey:—ambos viajáraõ para objectos seientificos da sua profissão; ambos escreveraõ com moderaçãõ; ninguem entre os Sensatos poderá oppor ás suas criticas, senaõ o dezejo de emendar os defeitos. A obra de Link servirá nas maons



Correspondencia.

de hum Mineralogista para fazer hum mappa Mineralogico do Reino, que verificado depois, e rectificado daria novas noçoens, e levaria a resultados uteis.

Huma prova desta falta de noçoens proprias, e exactas sobre as nossas proprias coizas, por me ter apparecido diante dos olhos, e soado repetidas vezes aos ouvidos, não posso deixar de a expor aqui, e dar-lhe para sempre, como vulgarmente se diz, carta de alforria.

Tenho lido impresso, e manuscripto ; tenho ouvido repetir a muitas pessoas notaveis, e o que mais he, da profissão do commercio, cuja rotina deveria bastar para se perceber o engano ; tenho ouvido pois, e lido, que o Reino de Portugal não tem pão senão para tres mezes ; e os mais liberaes dão-lhe para seis nos annos de grande fertilidade. Para acabar pois de huma vez com este absurdo accrescento o simplicissimo calculo seguinte.

Naõ me prevalecerei do computo que dá Domingos Vandelli em huma sua Memoria taobem inserta no 1º. tomo das Memorias Economicas da Acad. Real das Sciencias de Lisboa (porque se pode duvidar que elle tivesse os dados que aponta com a certeza da Sciencia,) segundo o qual a metade do que o Reino necessita para o seo consumo, e sementes, he a quantia de moios—462,000 ; pois não haveria em todos quantos generos exporta o Brazil, o Reino, e Ilhas com que pagar aos paizes estrangeiros esta importação de diversos graons :—direi somente o que segue.

A menor Povoação que se tem dado ao Reino de Portugal he 2,000,000

O menor consumo, que se orça de trigo, centeio, ou milho por cabeça de todas as idades he hum terço de moio, que por hum milhaõ de habitantes em hum anno, ou por dois milhoens em seis mezes, exigeria a importação de moios, 333,333

E para nove mezes em annos estereis 499,999

Vejaõ agora os Negociantes nos seos livros se Portugal tinha generos, ou metal para pagar esta importação ; e para largar a ironia, arbitrem elles hum preço medio aos generos, e comparem-no com a

somma, que pouco mais, ou menos se sabe que nos custa a importação de trigo, farinha, &c.

Sobre este ponto convem ler a Memoria de J. J. Soares de Barros; se bem que eu receio, que elle estimasse a importação de toda a sorte de graons em menos, do que a tenho ouvido reputar geralmente; e taobem porque duvido que lhe fosse tão facil avaliar a quantidade que vem de Hespanha, como a que entra pelos portos de mar.

A cauza deste engano, ou a repetição constante deste absurdo procede, segundo tenho ouvido, da circumstancia que se tomou o Reino por Lisboa; e que o trigo do Riba-Tejo, e provincia do Alemtejo parece que dá nos melhores annos para seis mezes de consumo daquella cidade; e em annos estereis, para tres mezes somente.

Taobem parece que tinha crescido (fallo sempre dos tempos anteriores á partida de Sua Alteza Real para o Brazil) a importação de toda a sorte de graõ nas cidades do Porto, e Lisboa; e este accrescimo, que não se pode dizer, sem conveniente exame, se procedo taobem da diminuição de cultura; he effeito do augmento de povoação daquellas duas cidades, que crescerão em razão do commercio que lhe era proprio, a do Porto;—em razão do que lhe vinha do Brazil, India, &c. a de Lisboa.

O objecto destas observaçoens he menos ostentar instrucção do que solicitar os meios della, excitando a curiozidade, e o patriotismo dos Leitores; porque as circumstancias em que nos achamos, depois das tremendas perdas, que nos cauzou a invazão dos Francezes, exigem que todos cuidemos em reparar o edificio, que elles deixaraõ tão estragado; e o maior, e mais lamentavel, que elles nõs fizeraõ será sempre a diminuição de braços uteis, que ja eraõ poucos, para as nossas precizoens: de modo que se o não atalhar-mos a tempo, fará impossivel a satisfação do honroso legado, que nos deixáraõ os nossos maiores,

Que os muitos por ser poucos não temamos,
O que depois mil vezes amostramos.

Nem julguem os meos Leitores, que na expressão

deste voto se comprehende, segundo a moda, o dezejo de declamar contro o excessivo numero de Clerigos, Frades, e Freiras. Tudo o que he excessivo, he máo, e tem más consequencias, ainda quando na sua origem he deliciozo.

Hum discreto numero proporcionado á necessidade para as funcçoens do seo Ministerio pode mui bem combinar-se com huma florescente agricultura, e industria: e se a moralidade do estado ecclesiastico for a que deve ser, segundo a sua Instituição, concorrerá muito essencialmente para a força do Estado, que entre os seos principaes elementos deve contar a moralidade dos seos habitantes.

O essencial remedio, para me servir das expressoens dos antigos a que se costuma sempre dar mais pezo doque ás dos vivos—o essencial he, como se expressa D. Luis da Cunha, e Alexandre de Gormão —“ Que se augmente a Agricultura, fazendo-se as estradas, e cortando-se os Ribeiros para navegar, e regar.”

Estes votos, que em 1748 eraõ bem practicaveis, são bem difficeis no estado em que os Francezes nos deixáraõ; mas o cuidado, e vigilancia dos Senhores Governadores do Reino, pelas providencias que tem dado, e que tem podido dar, mostraõ bem, quanto aquelles Senhores, que tantas, e taõ augustas provas tem dado do seo patriotismo, estaõ persuadidos desta verdade, e animados do mais puro, e ardente dezejo de a realizar.

Reservando-me para hum dos numeros seguintes a continuacão destas observaçoens, se os Snr^{es}. Redactores acharem que ellas merecẽm ser continuadas, terminarei com hum breve calculo proprio para illustrar o Mappa do Reino, o qual eu dezejaria, que alguẽm publicasse por inteiro, a fim de que se comparẽ com o novo, que os Senhores Governadores do Reino provaavelmente haõ de ordenar, logo que se possa fazer com socego.

A diminuta povoacão que os livros estrangeiros daõ a Portugal passou das imperfeitas listas, que o Marquez de Abrantes deo a D. Luis Caetano de Lima, para a muito imperfeita Geographia deste Author, e delle para todos os mais.

O numero das freguezias de todo o Reino, segundo o nosso Mappa he de 4,053.

Conforme D. L. C. de L. 3,344, por que deixou commarcas inteiras de fora. A differença pois he de 709 freguezias.

A proporção por freguezia segundo D. L. C. de Lima he de 521 habitantes; numero que assas quadra com a proporção dos Reinos de Hespanha, mui analogos a este respeito. Ora multiplicando este numero por 709, numero das freguezias que lhe faltaõ, temos hum accrescimo de 369,389 almas; ao que he preciso ajuntar o numero dos menores de confissão, não incluidos nestas listas antigas; e depois o numero de Ecclesiasticos, bem que exagerado por certo, he demaziadamente; e achar-se-ha, que na hypothese mesmo do Marquez de Abrantes, e de D. L. C. de Lima, devia o Reino de Portugal conter em 1733 a povoação de 2,713,427. O calculo he como se segue

freguezias	1,742,220
Accrescimo de 709 ditas que elle deixou de fora a razaõ de 521 almas por freguezia, que he a proporção que dos seos dados resulta, e que não vai longe da que se observa no censo de Hespanha feito pelo Conde de Aranda em 1768, não tendo aqui presente o moderno feito pelo Conde de Florida Blanca	369,389

2,111,609

Ajunte-se-lhe a arbitrio, ou segundo o nosso Mappa hum sexto para os menores de confissão

351,934

Mais o absurdo numero, e impossivel, de Ecclesiasticos de todas as classes, que vem no Mappa de Jefferies

250,000

Será pois o total da Povoação ate 1733, na hypothese do Marquez de Abrantes, e de D. L. C. de Lima—Almas de toda a idade, Sexo, e estado

2,713,543

Lisboa, 25 de Maio de 1811.

I.Q.N.

POPULAÇÃO DE PORTUGAL EM 1811.

ESTREMADURA.

Bispados	No. de freguezias.	Sexo masculino e suas diferentes idades.	Sexo feminino e ditas.	Fogos.			
Patriarcado	333	De 1 anno ate 7	37,128	- -	36,047		
		De 7 ate 25	69,196	- -	69,691		
		De 25 ate 40	53,626	- -	53,531		
		De 40 ate 60	50,245	- -	47,716		
		De 60 ate 80	18,773	- -	17,846		
		De 80 ate 100	2,005	- -	1,749		
		De 100 para cima	7	- -	17		
				<u>230,980</u>	<u>222,597</u>	117,739	
		Nasceraõ	- -	7,544	Nasceraõ	- -	7,234
		Morreraõ	- -	8,102	Morreraõ	- -	7,372
		Diffa. contra a população	- -	<u>658</u>	Diffa. contra a população	- -	<u>138</u>
Leiria	50	De 1 anno ate 7	5,629	- -	5,244		
		De 7 ate 25	10,278	- -	10,547		
		De 25 ate 40	6,222	- -	7,656		
		De 40 ate 60	6,789	- -	7,134		
		De 60 ate 80	3,134	- -	3,774		
		De 80 ate 100	302	- -	325		
		De 100 para cima	2	- -	3		
				<u>32,356</u>	<u>34,683</u>	17,948	
		Nasceraõ	- -	1,021	Nasceraõ	- -	993
		Morreraõ	- -	920	Morreraõ	- -	854
		Diffa. a favor da população	- -	<u>101</u>	Diffa. a favor da população	- -	<u>139</u>
Priorado do Crato	37	De 1 anno ate 7	2,908	- -	2,968		
		De 7 ate 25	4,956	- -	4,787		
		De 25 ate 40	2,976	- -	3,864		
		De 40 ate 60	3,147	- -	3,440		
		De 60 ate 80	1,179	- -	1,367		
		De 80 ate 100	113	- -	126		
		De 100 para cima	5	- -	1		
				<u>15,284</u>	<u>16,553</u>	8,084	
		Nasceraõ	- -	528	Nasceraõ	- -	596
		Morreraõ	- -	600	Morreraõ	- -	544
		Diffa. contra a população	- -	<u>72</u>	Diffa. a favor da população	- -	<u>52</u>

Prelazia de No. de freguezias.	Sexo masculino e diversas idades.	Sexo feminino e ditas.	Fogos.
Thomar 17	De 1 anno ate 7 - 576	- - - 1,491	
	De 7 ate 25 - 3,566	- - - 3,226	
	De 25 ate 40 - 2,283	- - - 2,324	5,594
	De 40 ate 60 - 2,023	- - - 2,356	
	De 60 ate 80 - 840	- - - 1,077	
	De 80 ate 100 - 77	- - - 111	
	<hr/>	<hr/>	
	9,365	10,585	
	Nascerao - 339	Nascerao - 290	
	Morrerao - 335	Morrerao - 260	
	Diffa. a favor da populaçao - 4	Diffa. a favor da populaçao - 30	

BEIRA.

Castello-branco 81	De 1 ate 7 - 6,423	- - - 5,887	
	De 7 ate 25 - 11,338	- - - 11,659	
	De 25 ate 40 - 7,214	- - - 8,330	18,472
	De 40 ate 60 - 6,438	- - - 6,968	
	De 60 ate 80 - 2,142	- - - 2,512	
	De 80 ate 100 - 181	- - - 258	
	<hr/>	De 100 para cima - 1	
	33,736	35,615	
	Nascerao - 1,412	Nascerao - 1,350	
	Morrerao - 1,198	Morrerao - 945	
	Diffa. a favor da populaçao - 214	Diffa. a favor da populaçao - 405	
Coimbra 278	De 1 ate 7 - 25,096	- - - 27,743	
	De 7 ate 25 - 41,986	- - - 44,559	
	De 25 ate 40 - 28,550	- - - 34,103	72,444
	De 40 ate 60 - 26,398	- - - 30,100	
	De 60 ate 80 - 10,585	- - - 13,575	
	De 80 ate 100 - 1,045	- - - 1,282	
	De 100 para cima - 3	- - - 8	
	<hr/>	<hr/>	
	133,663	151,370	
	Nascerao - 4,204	Nascerao - 4,003	
	Morrerao - 3,792	Morrerao - 3,733	
	Diffa. a favor da populaçao - 412	Diffa. a favor da populaçao - 270	
Aveiro 72	De 1 ate 7 - 2,620	- - - 7,138	
	De 7 ate 25 - 14,314	- - - 15,307	
	De 25 ate 40 - 8,423	- - - 10,726	
	De 40 ate 60 - 9,070	- - - 10,748	23,985
	De 60 ate 80 - 3,217	- - - 3,874	
	De 80 ate 100 - 253	- - - 332	
	De 100 para cima - 2	- - - 8	
	<hr/>	<hr/>	
	37,899	48,133	
	Nascerao - 1,560	Nascerao - 1,380	
	Morrerao - 1,707	Morrerao - 3,072	
	Diffa. contra a populaçao - 147	Diffa. contra a populaçao - 1,692	

Freguezias.	Sexo masculino e suas idades.	Sexo feminino e ditas.	Fogos.	
Guarda 205	De 1 anno ate 7	8,147	8,131	
	De 7 ate 25	17,304	18,016	
	De 25 ate 40	9,713	11,866	
	De 40 ate 60	9,446	10,745	
	De 60 ate 80	2,667	3,119	
	De 80 ate 100	186	209	
	De 100 para cima	-	2	
		<hr/>	<hr/>	
		47,463	52,088	25,902
	Nasceraõ	1,751	Nasceraõ	1,729
	Morreraõ	1,481	Morreraõ	1,354
Diffa. a favor da população	270	Diffa. a favor da população	475	
Vizeu 200	De 1 ate 7	14,045	13,463	
	De 7 ate 25	24,186	24,745	
	De 25 ate 40	14,757	18,974	
	De 40 ate 60	15,035	17,680	
	De 60 ate 80	5,946	6,597	
	De 80 ate 100	529	528	
	De 100 para cima	2	3	
		<hr/>	<hr/>	
		74,500	81,990	37,388
	Nasceraõ	2,532	Nasceraõ	2,501
	Morreraõ	2,437	Morreraõ	2,379
Diffa. a favor da população	95	Diffa. a favor da população	122	
Pinhel 147	De 1 ate 7	4,344	2,938	
	De 7 ate 25	7,709	6,501	
	De 25 ate 40	5,331	4,447	
	De 40 ate 60	5,651	4,086	
	De 60 ate 80	1,523	1,036	
	De 80 ate 100	90	55	
	De 100 para cima	-	1	
		<hr/>	<hr/>	
		24,648	19,064	10,308
	Nasceraõ	669	Nasceraõ	641
	Morreraõ	626	Morreraõ	631
Diffa. a favor da população	43	Diffa. a favor da população	10	
Lamego 238	De 1 ate 7	12,269	11,776	
	De 7 ate 25	20,788	21,135	
	De 25 ate 40	13,666	16,067	
	De 40 ate 60	13,499	14,704	
	De 60 ate 80	5,114	5,714	
	De 80 ate 100	489	583	
	De 100 para cima	12	4	
		<hr/>	<hr/>	
		65,837	69,983	34,016
	Nasceraõ	2,485	Nasceraõ	2,369
	Morreraõ	2,091	Morreraõ	1,952
Diffa. a favor da população	394	Diffa. a favor da população	417	

		Sexo masculino e suas idades.		Sexo feminino e ditas.	Fogos.	
Izento de Sta. 6 Cruz	De 1 anno ate 7	-	423	-	407	
	De 7 ate 25	-	831	-	814	
	De 25 ate 40	-	486	-	657	
	De 40 ate 60	-	483	-	559	
	De 60 ate 80	-	115	-	214	
	De 80 ate 100	-	9	-	17	
			<u>2,347</u>		<u>2,668</u>	
		Nasceraõ	74	Nasceraõ	69	
		Morreraõ	66	Morreraõ	66	
		Diffa. a favor da populaçãõ	8	Diffa. a favor da populaçãõ	3	
MINHO.						
Braga	1,292	De 1 ate 7	-	54,453	-	53,304
		De 7 ate 25	-	94,290	-	100,606
		De 25 ate 40	-	59,292	-	75,733
		De 40 ate 60	-	62,841	-	74,090
		De 60 ate 80	-	27,038	-	30,641
		De 80 ate 100	-	2,905	-	2,841
	De 100 para cima	-	40	-	28	
			<u>300,859</u>		<u>337,243</u>	
		Nasceraõ	11,580	Nasceraõ	10,267	
		Morreraõ	8,000	Morreraõ	8,604	
		Diffa. a favor da populaçãõ	3,580	Diffa. a favor da populaçãõ	1,663	
Porto	339	De 1 ate 7	-	26,071	-	24,424
		De 7 ate 25	-	52,473	-	53,366
		De 25 ate 40	-	29,342	-	35,368
		De 40 ate 60	-	30,186	-	33,335
		De 60 ate 80	-	10,623	-	11,880
		De 80 ate 100	-	992	-	1,047
	De 100 para cima	-	8	-	11	
			<u>149,698</u>		<u>160,431</u>	
		Nasceraõ	5,384	Nasceraõ	5,244	
		Morreraõ	3,405	Morreraõ	3,446	
		Diffa. a favor da populaçãõ	1,979	Diffa. a favor da populaçãõ	1,798	
Izento de Grijó		De 1 ate 7	-	542	-	410
		De 7 ate 25	-	949	-	806
		De 25 ate 40	-	541	-	610
		De 40 ate 60	-	739	-	646
		De 60 ate 80	-	272	-	183
		De 80 ate 100	-	24	-	19
			<u>3,067</u>		<u>2,674</u>	
		Nasceraõ	95	Nasceraõ	87	
		Morreraõ	60	Morreraõ	77	
		Diffa. a favor da populaçãõ	35	Diffa. a favor da populaçãõ	10	

1,378

162,960

81,913

1,456

ALEM-TEJO.

		Sexo masculino e suas diversas idades.		Sexo feminino e ditas.	Fogos.		
Evora	144	De 1 anno ate 7	-	9,217	-	6,308	
		De 7 ate 25	-	15,552	-	13,999	
		De 25 ate 40	-	11,878	-	11,761	
		De 40 ate 60	-	12,994	-	11,954	
		De 60 ate 80	-	4,476	-	4,648	
		De 80 ate 100	-	412	-	465	
		De 100 para cima	-	3	-	5	
				<hr/>		<hr/>	
				54,532		51,140	
				<hr/>		<hr/>	
		Nasceraõ	-	1,959	Nasceraõ	-	1,908
		Morreraõ	-	2,941	Morreraõ	-	2,891
		Diffa. contra a popula- çaõ	-	982	Diffa. contra a populaçaõ	-	933
			<hr/>		<hr/>		
Portalegre	41	De 1 ate 7	-	2,812	-	2,668	
		De 7 ate 25	-	5,833	-	5,925	
		De 25 ate 40	-	3,589	-	2,901	
		De 40 ate 60	-	3,630	-	3,586	
		De 60 ate 80	-	962	-	1,226	
		De 80 ate 100	-	62	-	96	
		De 100 para cima	-		-	2	
				<hr/>		<hr/>	
				16,888		16,404	
				<hr/>		<hr/>	
		Nasceraõ	-	627	Nasceraõ	-	635
		Morreraõ	-	727	Morreraõ	-	744
		Diffa. contra a popu- laçaõ	-	100	Diffa. contra a populaçaõ	-	109
			<hr/>		<hr/>		
Elvas	44	De 1 ate 7	-	2,310	-	2,577	
		De 7 ate 25	-	8,049	-	6,017	
		De 25 ate 40	-	5,623	-	4,584	
		De 40 ate 60	-	5,928	-	4,735	
		De 60 ate 80	-	2,012	-	1,700	
		De 80 ate 100	-	154	-	176	
		De 100 para cima	-	3	-		
				<hr/>		<hr/>	
				23,381		19,769	
				<hr/>		<hr/>	
		Nasceraõ	-	755	Nasceraõ	-	807
		Morreraõ	-	1,388	Morreraõ	-	1,263
		Diffa. contra a popu- laçaõ	-	633	Diffa. contra a populaçaõ	-	456
			<hr/>		<hr/>		
Beja	118	De 1 ate 7	-	9,706	-	10,136	
		De 7 ate 25	-	15,868	-	17,062	
		De 25 ate 40	-	11,373	-	13,127	
		De 40 ate 60	-	10,746	-	11,071	
		De 60 ate 80	-	2,931	-	3,494	
		De 80 ate 100	-	242	-	325	
		De 100 para cima	-	2	-	3	
				<hr/>		<hr/>	
				50,868		55,218	
				<hr/>		<hr/>	
		Nasceraõ	-	2,170	Nasceraõ	-	2,030
		Morreraõ	-	2,205	Morreraõ	-	2,188
		Diffa. contra a popu- laçaõ	-	35	Diffa. contra a populaçaõ	-	138
			<hr/>		<hr/>		

ALGARVE.

Bispados	No. de freguezias.	Sexo masculino e suas diversas idades.	Sexo feminino e ditas.	Pogos.
Faro	70	De 1 anno ate 7 - 9,577	- - 8,873	
		De 7 ate 25 - 16,528	- - 17,825	
		De 25 ate 40 - 10,129	- - 12,327	
		De 40 ate 60 - 10,317	- - 10,817	28,214
		De 60 ate 80 - 2,598	- - 2,616	
		De 80 ate 100 - 266	- - 279	
		De 100 para cima - 4	- - 2	
		<u>49,419</u>	<u>52,739</u>	
		Nasceraõ - 2,268	Nasceraõ - 2,154	
		Morreraõ - 1,530	Morreraõ - 1,631	
		Differença a favor da população - 738	Diffa. a favor da população - 523	

TRASDOSMONTES,

Miranda e Bragança	334	De 1 ate 7 - 6,090	- - 5,816	
		De 7 ate 25 - 12,213	- - 11,874	
		De 25 ate 40 - 7,947	- - 9,178	
		De 40 ate 60 - 8,366	- - 9,064	20,900
		De 60 ate 80 - 3,268	- - 3,264	
		De 80 ate 100 - 318	- - 278	
		<u>38,202</u>	<u>39,474</u>	
		Nasceraõ - 1,155	Nasceraõ - 1,120	
		Morreraõ - 982	Morreraõ - 968	
		Diffa. a favor da população - 173	Diffa. a favor da população - 152	

RESUMO DA POPULAÇÃO DE PORTUGAL EM 1811.

ESTREMADURA.

Esta Provincia tinha 437 freguezias, e 149,361 fogos.

HABITANTES.

Do sexo masculino.		Do sexo feminino.	
De 1 anno ate 7	46,241		45,750
De 7 ate 25	89,996		84,251
De 25 ate 40	65,107		67,365
De 40 ate 60	62,204		60,646
De 60 ate 80	23,926		23,664
De 80 ate 100	2,497		2,311
De 100 para cima	14		81
	<u>289,985</u>		<u>284,008</u>
Nasceraõ naquelle anno	9,432	Nasceraõ	9,113
Morreraõ	9,957	Morreraõ	9,030
Differença contra a populaçãõ	525	Differença a favor	83

B E I R A .

Esta Provincia tinha 1,227 freguezias, e 223,793 fogos.

De 1 anno ate 7	73,367		77,483
De 7 ate 25	138,456		142,736
De 25 ate 40	88,140		105,170
De 40 ate 60	86,018		95,590
De 60 ate 80	31,309		36,641
De 80 ate 100	2,782		3,264
De 100 para cima	19		27
	<u>420,091</u>		<u>460,511</u>
Nasceraõ naquelle anno	14,687	Nasceraõ	14,042
Morreraõ	13,398	Morreraõ	14,132
Differença a favor da povoação	1,289	Differença contra	90

M I N H O .

Esta Provincia tinha 1,638 freguezias e 246,329 fogos.

De 1 anno ate 7	81,076		78,138
De 7 ate 25	147,712		154,778
De 25 ate 40	89,175		112,711
De 40 ate 60	93,766		108,071
De 60 ate 80	37,936		42,704
De 80 ate 100	3,921		3,907
De 100 para cima	48		39
	<u>453,634</u>		<u>500,348</u>
Nasceraõ	17,059	Nasceraõ	15,598
Morreraõ	11,465	Morreraõ	12,127
Differença a favor da populaçãõ	5,694	Differença a favor	2,471

ALEMTEJO.

Esta Provincia tinha 347 freguezias, e 80,932 fogos.

Do sexo masculino.		Do sexo feminino.	
De 1 anno ate 7	24,345		21,689
De 7 ate 25	44,302		45,003
De 25 ate 40	32,465		32,353
De 40 ate 60	33,298		31,346
De 60 ate 80	10,381		11,068
De 80 ate 100	870		1,062
De 100 para cima	8		10
	<u>145,669</u>		<u>142,531</u>
Nasceraõ naquelle anno	5,511	Nasceraõ	5,400
Morreraõ	7,261	Morreraõ	7,086
Differença contra a populaçaõ	<u>1,750</u>	Differença contra a populaçaõ	<u>1,686</u>

ALGARVE.

Este pequenissimo Reino tinha 70 freguezias, e 28,214 fogos.

De 1 anno ate 7	9,577		8,873
De 7 ate 25	16,528		17,825
De 25 ate 40	10,129		12,327
De 40 ate 60	10,317		10,817
De 60 ate 80	2,598		2,616
De 80 ate 100	266		279
De 100 para cima	4		2
	<u>49,419</u>		<u>52,739</u>
Nasceraõ	2,263	Nasceraõ	2,154
Morreraõ	1,530	Morreraõ	1,631
Differença a favor da populaçaõ	<u>733</u>	Differença a favor da populaçaõ	<u>523</u>

TRASOSMONTES.

Esta Provincia tinha 334 freguezias.

De 1 anno ate 7	6,090		5,816
De 7 ate 25	12,213		11,874
De 25 ate 40	7,947		9,178
De 40 ate 60	8,366		9,064
De 60 ate 80	3,268		3,264
De 80 ate 100	318		278
	<u>38,202</u>		<u>39,474</u>
Nasceraõ naquelle anno	1,155	Nasceraõ	1,120
Morreraõ	982	Morreraõ	968
Differença a favor da populaçaõ	<u>173</u>	Differença a favor da populaçaõ	<u>152</u>

POPULAÇÃO DAS ILHAS DOS AÇORES EM 1796.

Nomes das Ilhas.	Sexo masculino e suas diferentes idades	Sexo feminino e ditas.	Total.
Ilha Terceira.	De 1 anno ate 7	2,145	De 1 ate 7 - 2,090
	De 7 ate 15	2,403	De 7 ate 14 - 1,886
	De 15 ate 60	6,476	De 14 ate 40 - 5,718
	De 60 ate 90	1,488	De 40 ate 90 - 4,008
	De 90 para cima	7	De 90 para cima - 11
		<u>12,519</u>	<u>13,713</u>
	Nascerao de ambos os sexos	- 952	
	Morrerao	- 902	
	Diferença a favor da população	50	
S. Miguel	De 1 ate 7	4,916	De 1 ate 7 - 4,811
	De 7 ate 15	4,424	De 7 ate 14 - 4,190
	De 15 ate 60	10,785	De 14 ate 40 - 12,330
	De 60 ate 90	4,855	De 40 ate 90 - 10,975
	De 90 para cima	8	De 90 para cima - 3
		<u>24,988</u>	<u>32,309</u>
	Nascerao de ambos os sexos	- 2,258	
	Morrerao	- 1,399	
	Diferença a favor da população	859	
Sta. Maria	De 1 ate 7	262	De 1 ate 7 - 270
	De 7 ate 15	283	De 7 ate 14 - 220
	De 15 ate 60	920	De 14 ate 40 - 972
	De 60 ate 90	206	De 40 ate 90 - 690
		<u>1,571</u>	<u>2,152</u>
	Nascerao de ambos os sexos	- 137	
	Morrerao	- 96	
	Diferença a favor de população	41	
S. Jorge	De 1 ate 7	1,347	De 1 ate 7 - 1,202
	De 7 ate 15	1,194	De 7 ate 14 - 1,134
	De 15 ate 60	3,329	De 14 ate 40 - 3,451
	De 60 ate 90	763	De 40 ate 90 - 1,983
	De 90 para cima	3	De 90 para cima - 1
		<u>6,636</u>	<u>7,771</u>
	Nascerao de ambos os sexos	- 546	
	Morrerao	- 306	
	Diferença a favor da população	240	

Nomes das Ilhas.	Sexo masculino e suas diversas idades.	Sexo feminino e ditas.	Total.		
Pico	De 1 anno ate 7	2,115	De 1 ate 7	2,126	
	De 7 ate 15	2,331	De 7 ate 14	2,135	
	De 15 ate 60	5,137	De 14 ate 40	4,613	
	De 60 ate 90	1,284	De 40 ate 90	2,678	
	De 90 para cima	3	De 90 para cima	4	
		<u>10,870</u>		<u>11,506</u>	22,376
	Nasceraõ de ambos os sexos	-	746		
	Morreraõ	-	329		
	Diferença a favor da populaçõ	-	417		
Fayal	De 1 ate 7	1,399	De 1 ate 7	1,272	
	De 7 ate 15	1,844	De 7 ate 14	1,811	
	De 15 ate 60	3,887	De 14 ate 40	3,294	
	De 60 ate 90	1,397	De 40 ate 90	2,051	
		<u>8,527</u>		<u>8,428</u>	16,955
		Nasceraõ de ambos os sexos	-	629	
	Morreraõ	-	381		
	Diferença a favor da populaçõ	-	248		
Graciosa	De 1 ate 7	671	De 1 ate 7	621	
	De 7 ate 15	771	De 7 ate 14	578	
	De 15 ate 60	1,700	De 14 ate 40	1,534	
	De 60 ate 90	592	De 40 ate 90	1,373	
		<u>3,734</u>		<u>4,106</u>	7,840
		Nasceraõ de ambos os sexos	-	253	
	Morreraõ	-	176		
	Diferença a favor de populaçõ	-	77		
Flores	De 1 ate 7	703	De 1 ate 7	710	
	De 7 ate 15	572	De 7 ate 14	460	
	De 15 ate 60	1,729	De 14 ate 40	1,463	
	De 60 ate 90	166	De 40 ate 90	528	
		<u>3,170</u>		<u>3,215</u>	6,385
		Nasceraõ de ambos os sexos	-	295	
	Morreraõ	-	125		
	Diferença a favor da populaçõ	-	170		
Corvø	De 1 ate 7	91	De 1 ate 7	58	
	De 7 ate 15	58	De 7 ate 14	58	
	De 15 ate 60	247	De 14 ate 40	191	
	De 60 ate 90	7	De 40 ate 90	80	
		<u>403</u>		<u>387</u>	790
		Nasceraõ de ambos os sexos	-	28	
	Morreraõ	-	6		
	Diferença a favor da povoaçõ	-	22		

POPULAÇÃO DA ILHA DA MADEIRA, EM DEZEMBRO DE 1811.

Nomes de freguezias.	Sexo masculino e suas diferentes idades.	Sexo feminino e ditas.	Nasce- raõ.	Morre- raõ	Diffa. a favor da populaçaõ.
Sé	De 1 anno ate 7	279	De 1 ate 7	215	
	De 7 ate 15	273	De 7 ate 14	205	
	De 15 ate 60	1,440	De 14 ate 50	1,341	
	De 60 ate 90	146	De 50 ate 90	427	
		<u>2,138</u>	<u>2,188</u>	236	168
N. S. do Calhão	De 1 ate 7	298	De 1 ate 7	258	
	De 7 ate 15	325	De 7 ate 14	273	
	De 15 ate 60	840	De 14 ate 50	994	
	De 60 ate 90	123	De 50 ate 20	293	
		<u>1,586</u>	<u>1,818</u>	111	91
S. Pedro	De 1 ate 7	286	De 1 ate 7	225	
	De 7 ate 15	280	De 7 ate 14	220	
	De 15 ate 60	1,460	De 14 ate 50	1,353	
	De 60 ate 90	154	De 50 ate 90	440	
		<u>2,180</u>	<u>2,238</u>	183	159
Sta. Luzia.	De 1 ate 7	196	De 1 ate 7	203	
	De 7 ate 15	172	De 7 ate 15	189	
	De 15 ate 63	470	De 15 ate 50	415	
	De 60 ate 90	176	De 50 ate 90	88	
		<u>1,014</u>	<u>895</u>	83	62
N. Sa. do Monte	De 1 ate 7	69	De 1 ate 7	67	
	De 7 ate 15	82	De 7 ate 14	151	
	De 15 ate 60	527	De 14 ate 50	475	
	De 60 ate 90	64	De 50 ate 90	93	
		<u>742</u>	<u>786</u>	72	57
S. Roque	De 1 ate 7	88	De 1 ate 7	93	
	De 7 ate 15	69	De 7 ate 14	73	
	De 15 ate 60	346	De 14 ate 50	362	
	De 60 ate 90	64	De 50 ate 90	60	
		<u>567</u>	<u>588</u>	61	18
Sto. Antonio	De 1 ate 7	325	De 1 ate 7	266	
	De 7 ate 15	315	De 7 ate 14	222	
	De 15 ate 60	852	De 14 ate 50	781	
	De 60 ate 90	121	De 50 ate 90	207	
		<u>1,613</u>	<u>1,476</u>	146	84
Corral das Freiras	De 1 ate 7	39	De 1 ate 7	31	
	De 7 ate 15	26	De 7 ate 14	20	
	De 15 ate 60	68	De 14 ate 50	66	
	De 60 ate 90	12	De 50 ate 90	13	
		<u>145</u>	<u>130</u>	11	5

Nome das fre- guezias.	Sexo masculino e suas diversas idades.	Sexo feminino e ditas.	Nasce- raõ.	Morre- raõ.	Diffa- rença.
S. Martinho	De 1 ate 7	198	De 1 ate 7	183	
	De 7 ate 15	209	De 7 ate 14	156	
	De 15 ate 60	380	De 14 ate 50	390	
	De 60 ate 90	95	De 50 ate 90	147	
	<u>882</u>		<u>876</u>	73	37
Camara de Lobos	De 1 ate 7	342	De 1 ate 7	264	
	De 7 ate 15	309	De 7 ate 14	227	
	De 15 ate 60	792	De 14 ate 50	767	
	De 60 ate 90	119	De 50 ate 90	218	
	<u>1,562</u>		<u>1,476</u>	119	58
Est. da Cama- ra de Lobos	De 1 ate 7	361	De 1 ate 7	332	
	De 7 ate 15	333	De 7 ate 14	214	
	De 15 ate 60	885	De 14 ate 50	835	
	De 60 ate 90	117	De 50 ate 90	230	
	<u>1,696</u>		<u>1,611</u>	130	90
Campanario	De 1 ate 7	212	De 1 ate 7	205	
	De 7 ate 15	185	De 7 ate 14	171	
	De 15 ate 60	562	De 14 ate 50	550	
	De 60 ate 90	99	De 50 ate 90	172	
	<u>1,058</u>		<u>1,098</u>	98	31
Rebeira Brava	De 1 ate 7	259	De 1 ate 7	308	
	De 7 ate 15	115	De 7 ate 14	93	
	De 15 ate 60	826	De 14 ate 50	870	
	De 60 ate 90	118	De 50 ate 90	197	
	<u>1,318</u>		<u>1,468</u>	104	91
Serra d'Agua	De 1 ate 7	101	De 1 ate 7	120	
	De 7 ate 15	85	De 7 ate 14	69	
	De 15 ate 60	230	De 14 ate 50	219	
	De 60 ate 90	28	De 50 ate 90	55	
	<u>444</u>		<u>463</u>	73	36
Atabua	De 1 ate 7	132	De 1 ate 7	105	
	De 7 ate 15	144	De 7 ate 14	101	
	De 15 ate 60	386	De 14 ate 50	403	
	De 60 ate 90	57	De 50 ate 90	115	
	<u>719</u>		<u>724</u>	60	45
Ponta do Sol	De 1 ate 7	367	De 1 ate 7	302	
	De 7 ate 15	285	De 7 ate 14	304	
	De 15 ate 60	987	De 14 ate 50	906	
	De 60 ate 90	122	De 50 ate 90	272	
	<u>1,761</u>		<u>1,784</u>	124	79

Freguezias.	Sexo masculino e suas diferentes idades.	Sexo feminino e ditas.	Nasce- raõ.	Morre- raõ.	Diffa.
Canhas	De 1 ate 7	268	De 1 ate 7	296	
	De 7 ate 15	290	De 7 ate 14	306	
	De 15 ate 60	912	De 14 ate 50	988	
	De 60 ate 90	94	De 50 ate 90	100	
	<hr/>	1,564	<hr/>	1,690	95 42 53
Magdalena	De 1 ate 7	139	De 1 ate 7	94	
	De 7 ate 15	51	De 7 ate 14	62	
	De 15 ate 60	122	De 14 ate 50	115	
	De 60 ate 90	29	De 50 ate 90	19	
	<hr/>	341	<hr/>	290	26 11 15
Arco da Catheta	De 1 ate 7	304	De 1 ate 7	29	
	De 7 ate 15	266	De 7 ate 14	170	
	De 15 ate 60	572	De 14 ate 50	697	
	De 60 ate 90	126	De 50 ate 90	235	
	<hr/>	1,268	<hr/>	1,131	96 52 44
Catheta	De 1 ate 7	260	De 1 ate 7	259	
	De 7 ate 15	233	De 7 ate 14	227	
	De 15 ate 60	657	De 14 ate 50	663	
	De 60 ate 90	157	De 50 ate 90	257	
	<hr/>	1,307	<hr/>	1,406	94 70 24
Prazeres	De 1 ate 7	64	De 1 ate 7	48	
	De 7 ate 15	79	De 7 ate 14	97	
	De 15 ate 60	162	De 14 ate 50	172	
	De 60 ate 90	25	De 50 ate 90	67	
	<hr/>	231	<hr/>	384	29 92 7
Paul	De 1 ate 7	71	De 1 ate 7	75	
	De 7 ate 15	64	De 7 ate 14	60	
	De 15 ate 60	167	De 14 ate 50	172	
	De 60 ate 90	23	De 50 ate 90	36	
	<hr/>	325	<hr/>	343	34 8 26
Fayam da Ovelba	De 1 ate 7	160	De 1 ate 7	138	
	De 7 ate 15	124	De 7 ate 14	119	
	De 15 ate 60	444	De 14 ate 50	492	
	De 60 ate 90	98	De 50 ate 90	111	
	<hr/>	826	<hr/>	860	46 12 34

Freguezias.	Sexo masculino, e suas diferentes idades.	Sexo feminino e ditas.	Nasce- raõ.	Morre- raõ.	Diffa.
Ponto do Pargo	De 1 anno ate 7	191	De 1 ate 7	163	
	De 7 ate 15	158	De 7 ate 14	141	
	De 15 ate 60	403	De 14 ate 50	470	
	De 60 ate 90	90	De 50 ate 90	128	
	<hr/>	842	<hr/>	902	75 45 30
Porto do Moniz	De 1 ate 7	214	De 1 ate 7	206	
	De 7 ate 15	249	De 7 ate 14	225	
	De 15 ate 60	476	De 14 ate 50	495	
	De 60 ate 90	87	De 50 ate 60	122	
	<hr/>	1,026	<hr/>	1,048	92 71 21
Ribeira da Jauella	De 1 ate 7	74	De 1 ate 7	67	
	De 7 ate 15	58	De 7 ate 14	40	
	De 15 ate 60	176	De 14 ate 50	159	
	De 60 ate 90	19	De 50 ate 90	36	
	<hr/>	327	<hr/>	302	25 17 8
Seissal	De 1 ate 7	74	De 1 ate 7	87	
	De 7 ate 15	76	De 7 ate 14	52	
	De 15 ate 60	307	De 14 ate 50	289	
	De 60 ate 90	24	De 50 ate 90	58	
	<hr/>	481	<hr/>	486	32 31 1
S. Vicente	De 1 ate 7	310	De 1 ate 7	325	
	De 7 ate 15	267	De 7 ate 14	231	
	De 15 ate 60	796	De 14 ate 50	773	
	De 60 ate 90	112	De 50 ate 90	264	
	<hr/>	1,485	<hr/>	1,593	140 89 51
Ponta Delga- da	De 1 ate 7	288	De 1 ate 7	243	
	De 7 ate 15	268	De 7 ate 14	239	
	De 15 ate 60	791	De 14 ate 50	783	
	De 60 ate 90	74	De 50 ate 90	250	
	<hr/>	1,421	<hr/>	1,515	139 72 67
Arco de S. Jorge	De 1 ate 7	54	De 1 ate 7	52	
	De 7 ate 15	45	De 7 ate 14	44	
	De 15 ate 60	137	De 14 ate 50	148	
	De 60 ate 90	21	De 50 ate 90	13	
	<hr/>	257	<hr/>	237	22 15 7

Freguezias.	Sexo masculino e suas diversas idades.	Sexo feminino e ditas.	Nascen- raõ.	Morre- raõ.	Diffa.
S. Jorge	De 1 anno ate 7	189	De 1 ate 7	142	
	De 7 ate 15	195	De 7 ate 14	149	
	De 15 ate 60	526	De 14 ate 50	576	
	De 60 ate 90	63	De 50 ate 90	143	
		<u>973</u>		<u>1,010</u>	74
Sta. Anna	De 1 ate 7	197	De 1 ate 7	155	
	De 7 ate 15	171	De 7 ate 14	165	
	De 15 ate 60	599	De 14 ate 50	598	
	De 60 ate 90	90	De 50 ate 90	48	
		<u>1,017</u>		<u>966</u>	76
Fayal	De 1 ate 7	273	De 1 ate 7	283	
	De 7 ate 15	265	De 7 ate 14	231	
	De 15 ate 60	723	De 14 ate 50	658	
	De 60 ate 90	43	De 50 ate 90	84	
		<u>1,304</u>		<u>1,256</u>	106
Porto da Cruz	De 1 ate 7	236	De 1 ate 7	258	
	De 7 ate 15	281	De 7 ate 14	218	
	De 15 ate 60	683	De 14 ate 50	692	
	De 60 ate 90	78	De 50 ate 90	157	
		<u>1,278</u>		<u>1,325</u>	116
Canissal	De 1 ate 7	23	De 1 ate 7	22	
	De 6 ate 15	25	De 7 ate 14	13	
	De 15 ate 60	60	De 14 ate 50	50	
	De 60 ate 90	90	De 50 ate 90	8	
		<u>198</u>		<u>93</u>	5
Machico	De 1 ate 7	331	De 1 ate 7	300	
	De 7 ate 15	394	De 7 ate 14	269	
	De 15 ate 60	893	De 14 ate 50	1,101	
	De 60 ate 90	126	De 50 ate 90	255	
		<u>1,744</u>		<u>1,925</u>	139
Agua de Pe- na	De 1 ate 7	27	De 1 ate 7	25	
	De 7 ate 15	31	De 7 ate 14	23	
	De 15 ate 60	84	De 14 ate 50	81	
	De 60 ate 94	15	De 50 ate 90	28	
		<u>157</u>		<u>157</u>	15

Preguezias.	Sexo masculino e suas diversas idades.		Sexo feminino e ditas.		Nasce- raõ.	Morre- raõ.	Diffa.
Sta. Cruz	De 1 ate 7	398	De 1 ate 7	270	112	71	41
	De 7 ate 15	296	De 7 ate 14	296			
	De 15 ate 60	298	De 14 ate 50	402			
	De 60 ate 90	69	De 50 ate 90	64			
		<u>1,061</u>		<u>1,032</u>			
Gaulha	De 1 ate 7	54	De 1 ate 7	44	54	35	19
	De 7 ate 15	97	De 7 ate 14	72			
	De 15 ate 60	484	De 14 ate 50	398			
	De 60 ate 90	54	De 50 ate 90	56			
		<u>689</u>		<u>570</u>			
Canisso	De 1 ate 7	198	De 1 ate 7	174	62	57	25
	De 7 ate 15	139	De 7 ate 14	137			
	De 15 ate 60	459	De 14 ate 50	444			
	De 60 ate 90	82	De 50 ate 90	182			
		<u>878</u>		<u>937</u>			
Estreito da Catheta	De 1 ate 7	239	De 1 ate 7	229	83	50	33
	De 7 ate 15	231	De 7 ate 14	184			
	De 15 ate 60	999	De 14 ate 50	567			
	De 60 ate 90	72	De 50 ate 90	193			
		<u>1,541</u>		<u>1,173</u>			
Camacha	De 1 ate 7	79	De 1 ate 7	49	39	18	27
	De 7 ate 15	69	De 7 ate 14	59			
	De 15 ate 60	178	De 14 ate 50	184			
	De 60 ate 90	33	De 50 ate 90	39			
		<u>359</u>		<u>331</u>			
S. Gonçallo	De 1 ate 7	128	De 1 ate 7	116	56	39	17
	De 7 ate 15	148	De 7 ate 14	99			
	De 15 ate 60	352	De 14 ate 50	297			
	De 60 ate 90	47	De 50 ate 90	121			
		<u>675</u>		<u>633</u>			
Ilha do Porto Santo	De 1 ate 7	121	De 1 ate 7	102	82	55	27
	De 7 ate 15	114	De 7 ate 15	130			
	De 15 ate 60	384	De 15 ate 60	364			
	De 60 ate 90	80	De 60 ate 90	90			
		<u>699</u>		<u>686</u>			

POPULAÇÃO DAS ILHAS DE CABO VERDE EM 1807.

Nomes das Ilhas	Habitantes brancos.	Ditos mulatos.	Ditos pretos escravos.	Ditos ferros.	Total.
S. Thiago	200	6,000	2,000	6,000	14,200
S. Antão	500	8,000	150	5,000	13,650
Fogo	150	5,000	2,000	6,000	13,150
S. Nicolão	200	3,500	300	4,000	8,300
S. Vic nte	1	50	9	140	200
Maio	1	200	200	50	451
Boavista	100	1,000	300	100	1,502
Brava	600	200	150	6,000	6,950
	<u>1,752</u>	<u>24,250</u>	<u>5,169</u>	<u>27,290</u>	<u>58,401</u>

ADVERTENCIA.

A enumeração dos habitantes destas oito ilhas não he exacta; porque a pessoa que no la communicou declara, que fôra feita por approximação; e accrescenta que a população he indubitavelmente inferior á que podia ter, e sustentar.

POLITICA.

AMERICA.

BRAZIL.

Rio de Janeiro.

SUA ALTEZA REAL o Principe Regente de Portugal, considerando que o commercio he o meio mais efficaz, e conducente de promover a felicidade dos seus povos, visto que por elle se facilita o modo de dar á agricultura, e industria nacional todo o desenvolvimento, e energia de que estas duas importantes fontes da prosperidade publica são susceptiveis, expedio em 26 de Outubro de 1810 o seguinte alvará.

Eu o Principe Regente, faço saber aos que este alvará com força de lei virem: que sendo os meus constantes, e paternaes dezejos os de promover a felicidade dos povos, que o omnipotente confiou ao meu Soberano regimen; e que considerando que o commercio he o meio mais efficaz, e conducente a preencher as minhas beneficis, e providentes disposições, visto que por elle se facilita o modo de dar á agricultura, e industria nacional todo o desenvolvimento, e energia, de que estas duas importantes fontes da publica prosperidade são susceptiveis: julguei que seria de huma grande vantagem, para promover o augmento, e prosperidade do mesmo commercio, estabelecer hum deposito, em que houvessem de ser recebidos os effeitos commerciaes, assim nacionaes, como estrangeiros, que os seus respectivos donos quizessem para elle conduzir, ou sejam destinados para o consumo, ou para serem reexportados para outros portos; faculdade, de que não poderá deixar de resultar a grande commodidade de poderem os commerciantes regular melhor as suas especulações mercantis, dirigindo as de hum ponto central, onde dentro de pouco tempo, e com mais preciso conhecimento, lhes pôde ser constante o estado de abundancia, ou de carencia de effeitos, e productos, existente nos differentes portos, e praças de commercio; e parecendo-me que as ilhas dos Açores pela sua posição offerecem hum lugar proprio para o estabelecimento de hum semelhante deposito, ma-

iormente depois que pela paz, que ajustei com a regencia de Argel, se franqueáram aos meus vassallos o commercio, e navegação do Mediterraneo, e portos do Levante: resolvi determinar o seguinte.

I. Haverá hum estabelecimento de deposito no portõ da cidade de Ponta Delgada na ilha de S. Miguel, em que haja de ser recibida toda a qualidade de generos, mercadorias, e fazendas, assim nacionaes, como estrangeiras; e deverá este estabelecimento de deposito ficar sujeito á decisãõ, e administração do Juiz da Alfandega, que se acha estabelecida naquella cidade, com a assistência de hum escrivãõ do deposito, e dos mais officiaes, que se julgarem necessarios para o expediente.

II. Todos os generos, effeitos, e mercadorias, que entrarem por deposito deverão, como taes, ser manifestados perante o Juiz da Alfandega, dentro do espaço de vinte e quatro horas depois que a embarcação, ou navio, que os conduzir, houver entrado, declarando os mestres, importadores, proprietarios, ou consignatarios em hum manifesto em forma o nome do navio, capitãõ porto, onde carregáram, os volumes, numeros, marcas, o contheudo nelles por medidas solidas, liquidas, ou de extensãõ, a qualidade, e quantidade da fazenda, e nomes dos proprietarios, e consignatarios.

III. Em quanto se não estabelecerem os Armazens proprios, e edificios convenientes para o deposito, que me proponho mandar construir, deverão os importadores, proprietarios, ou consignatarios declarar ao Juiz da Alfandega, antes de se proceder á descarga, os armazens, para onde as fazendas houverem de se descarregar, afim de serem estes visitados, e de se pôrem nas portas dois cadeados, que o Juiz da Alfandega nelles mandará fixar, cujas chaves, que serãõ de differente fechadura, se entregáram huma ao Juiz da Alfandega, outro ao porteiro della, ficando a chave da porta do armazem no poder do proprietario, ou dono das mercadorias, generos, e effeitos, que se recolherem no proposto armazem.

IV. Todos os generos, e mercadorias, manifestadas para o deposito, serãõ descarregadas sem a menor demora para os armazens competentes; e o escrivãõ do deposito fará a sua devida entrada em hum livro de entrada, e sahida, numerado, e rubricado pelo Juiz da Alfandega, e pela forma que lhe será prescripta, tomando huma exacta conta de tudo o que fica indicado: e em quanto se não effectuar a descarga, se mandáram sellar as escotilhas com o sello da alfandega, mettendo-se a bordo os guardas convenientes.

V. Os officiaes, que forem nomeados pelo Juiz da Alfandega, assistirão á inspecção, e verificação da descarga; assignaráõ com a parte o termo da vistoria, e entrada nos res-

pectivos livros; e foraõ marcar sobre cada volume, pelo modo mais claro, e intelligivel, que possivel for, a qualidade, e quantidade delles.

VI. Haverá todo o cuidado na arrumaçãõ das fazendas, que forem recolhidas no deposito, e boa ordem na collocaçãõ dellas, a fim de que possaõ ser accessiveis os volumes, contarem-se, e examinarem-se com facilidade; e todo o proprietario, agente, ou guarda de armazem, que deixar de o executar assim, pagará a despeza da nova arrumaçãõ, e huma condemnaçãõ de vinte mil reis, de que metade entrará no cofre da alfandega, e a outra se distribuirá pelos officiaes do deposito.

VII. Toda a fazenda, que se passar por alto, ou for desencaminhada, ou antes, ou depois da entrega do manifesto de entrada, ou de sahida, sera tomada por perdida; e aquelles que a desencaminharem, seraõ castigados com as penas impostas pelas leis existentes.

VIII. Os armazens em que se tiverem recolhido por deposito as fazendas, que nelles se admittirem, nunca se deverãõ abrir, senaõ na presença, e com assistencia do juiz da alfandega, do porteiro da mesma, e do dono da fazenda, ou de seus delegados; e deverãõ permanecer no armazem, em quanto este se achar aberto, ficando responsaveis pela segurança do mesmo armazem, e das fazendas nelle existentes; e deverãõ os donos, ou consignatarios dos effeitos depositados pagar as despezas, e alugueis dos armazens, ou estes sejaõ pertencentes á minha real fazenda, ou a particulares.

IX. Querendo os importadores, proprietarios das fazendas, ou seus consignatarios reexporta-las para portos estrangeiros ou nacionaes, pagaraõ o direito de sahida de quatro por cento de toda, e qualquer qualidade de generos ou mercadorias, segundo a avaliaçãõ da pauta, que tenho mandado organisar, pagando-se entretanto pela que se achar estabelecida na alfandega da cidade de Ponta Delgada na Ilha de S. Miguel.

X. Propondo-me porem promover a industria nacional, e animar o louvavel desvelo dos que nella se empregaraõ; determino que os productos das fabricas nacionaes paguem sómente hum por cento de sahida do deposito; e hei por bem, em beneficio da navegaçãõ nacional, que todos os effeitos, fazendas e productos, carregados a bordo de navios Portuguezes, e que do deposito se reexportarem para portos estrangeiros, ou nacionaes, naõ paguem mais de dois por cento de sahida.

XI. Em quanto porém aos generos, mercadorias e artigos da producçãõ, industria e invençãõ dos dominios e

vassallos de sua magestade Britanica, que forem recebidos nos armazens do deposito, e delles forem reexportados, se observará o disposto nos artigos XX. e XXI. do tratado de commercio, e navegação, que ajustei com o Serenissimo e Potentissimo Principe Jorge III., Rei do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, assignado nesta corte do Rio de Janeiro em dezanove de Fevereiro deste presente anno; bem entendido, que igual isenção de direitos de sahida seja concedida a favor dos generos, artigos de producção, manufactura, industria, e invenção dos meus domínios, e vassallos, que forem recebidos, e reexportados dos portos dos dominios Britanicos designados pela lei por—warehousing ports—devendo observar-se, em quanto a esta parte, a mais perfeita reciprocidade; e em tal caso, deverão os meus vassallos gozar na sahida, e reexportação dos generos, artigos de producção, manufactura, industria, e invenção dos meus domínios, e vassallos, que sahirem, e se reexportarem do deposito da cidade de Ponta Delgada, para serem importados nos portos dos dominios Britanicos, da mesma isenção de direitos de sahida, de que gozarem os vassallos Britanicos.

XII. Os direitos deverão ser pagos á sahida das fazendas do armazem, em que estiverem depositadas; e só não se deverão exigir das que forem consumidas pelo estrago, procedido de incendio.

XIII. Os generos porém que sahirem para gasto do paiz, pagarão os direitos de consumo, segundo se achar estabelecido pela pauta existente na alfandega de Ponta Delgada, em quanto se não publicar a que tenho mandado formar, exceptuando os productos colonias estrangeiros, que sendo do genero, e qualidade daquelles, que se cultivão, manufactura, e exportão do estado do Brazil, e mais dominios da Asia, e Africa, sujeitos a minha corôa, se não admittem para consumo, ficando por isso prohibidos.

XIV. Nenhuma mercadoria, effeitos, ou fazenda sahirá do armazem de deposito, sem que o dono, ou seu agente legitimamente authorizado, apresente bilhete do thesoureiro da alfandega, por onde conste que pagou os competentes direitos na fórma dos despachos; e sem que tenha dado fiança pelo tresdobro do valor da fazenda, para segurança de que aquella fazenda será descarregada nos portos, para onde se diz ser destinada, e que nem toda, nem parte della se descarregará nas Ilhas; e deverá o escrivão do deposito descarregar da fiança o proprietario, ou dono da fazenda, ou o fiador, logo que a parte produzir huma certidão authentica da descarga de taes mercadorias no porto, a que se destinavaõ, dentro dos prazos abaixo declarados.

XV. Dos portos na Europa, costa de Africa, Mediterraneo, Oceano Septentrional, Mar do Norte, Estados Unidos da America, e Antilhas, hum anno; dos portos do Mar Pacifico, Mar das Indias, Golfos Persico, e de Bengala, portos de China, dois annos e meio; das Ilhas dos Açores, tres mezes.

XVI. As certidoes, que deveráo servir para descarregar a fiança, seráo dadas na fórma seguinte.

Em qualquer porto dos dominios da minha real corôa, onde houver alfandega, se tirará huma certidaõ de descarga, munida com a rubrica do respectivo juiz, em que se deverá declarar, que taes fazendas haviaõ sido regularmente descarregadas na fórma do manifesto: no cazo de naõ haver alfandega, deverá ser a certidaõ passada pelo Juiz de Fora, ou pelo governador com dois officiaes superiores; e nella se declarará terem sido pagos os competentes direitos de descarga.

Nos portos estrangeiros se deveráo obter as competentes certidoes pela repartiçaõ das alfandegas nelles existentes; e na falta dellas se requereraõ dos magistrados municipaes, sendo reconhecidas pelos consules Portuguezes, alli residentes, e na falta destes por tabelliaõ pùblico; mas em caso de naufragio, ou de ser o navio apresado pelo inimigo, se deverá descarregar a fiança, provando-se satisfactoriamente aquelles acontecimentos.

XVII. Todas as fazendas, que sahirem dos armazens de deposito, seráo sujeitas nos mais portos dos meus dominios aos direitos, que pagariaõ, se viessem de portos estrangeiros; exceptuando aquelles generos, e mercadorias, que, sendo originariamente nacionaes, gozavaõ do privilegio de serem consideradas como vindas em direitura do porto, donde sahiraõ para o lugar do deposito.

XVIII. Toda fazenda, que for reexportada dos armazens de deposito, deverá ser novamente examinada; e quando pela confrontaçãõ do manifesto se reconheça que existe falta, pagará o proprietario, ou o seu agente o direito de consumo por inteirõ de toda aquella parte, que faltar.

XIX. Naõ sera permittida a sahida das fazendas para fóra dos armazens do deposito, se naõ se acharem encerradas nos mesmos volumes, ou fardos, em que entraraõ; e sómente será exceptuado o assucar, café, cacão, agoa-ardente de cana, e vinhos, que para maior commodidade da reexportaçãõ se poderaõ dividir em menores porçoes, com tanto que huma tal divisãõ se faça debaixo da inspecãõ dos officiaes da alfandega, e do escriptaõ do deposito, que tomará conta dos volumes, qualidade, pezo, e medida, numero, e

marca, para o declarar na sahida, que der dos referidos generos, e no seu competente manifesto, e despachos.

XX. Os effeitos, taes como o café, e cacáo, sendo sujeitos a quebras, e avarias, gozarão do beneficio de hum rebate de dois por cento; e no caso que alguns generos por effeito do calor, ou humidade dos armazens possam soffrer algum augmento ou diminuição no pezo, não sendo esta consideravel se não devera por isso embarçar a sahida delles.

XXI. Os generos, mercadorias, fazendas e quaesquer outros effeitos, que entrarem por deposito, não poderão ser conservados nelle além do termo de dois annos, a contar da data da entrada nos armazens; passado este termo, serão os donos obrigados a reexporta-los, ou a pagar o direito de consumo por inteiro.

XXII. E quando os donos, ou proprietarios dos ditos generos, mercadorias e fazendas, ou seus bastantes procuradores, não as tirarem dos armazens, depois de passar o sobredito prazo, deverão os officiaes da alfandega tirar dos armazens as referidas fazendas, generos e mercadorias, e procederem á venda dellas em leilão, para pagamento dos direitos, do aluguel dos armazens, e mais gastos, entregando-se ao dono, ou a seu bastante procurador o resto, que ficar, depois de deduzidas aquellas despezas.

XXIII. Os navios, que carregarem os generos, mercadorias, fazendas e effeitos, que se pertenderem reexportar dos armazens do deposito, deverão receber a bordo os guardas, que o juiz de alfandega julgar necessarios; e estes deverão ser conservados a bordo, em quanto se não concluir a carga; e devendo cessar o trabalho de carregar ao pôr do sol, se facharão logo as escotilhas, sendo selladas com o sello da alfandega; e o mesmo se praticará com os barcos empregados na condução da carga de navio. O manifesto da carga, que se tiver recebido, e mais despachos relativos, se deverão conservar a bordo, sob pena de confiscação da embarcação e carga, quando se reconheça ter havido descaminho de alguma fazenda embarcada.

XXIV. O escriptão do deposito deverá dar ao importador, depois da reexportação, huma declaração da sahida dos seus generos, mercadorias e fazendas, que lhe servirá de resalva.

XXV. Para regular os emolumentos dos officiaes da alfandega nas diligencias, e serviço do deposito, tenho mandado formalizar a pauta, que os deverá determinar, em quanto eu não houver de estabelecer os convenientes ordenados, a fim de abolir os emolumentos, que a experiencia

tem mostrado serem prejudiciaes ao bem do meu real serviço, e das partes.

XXVI. Todas as fazendas, manufacturas e effeitos, que forem recebidos no deposito, gozarão a mais perfeita, e illimitada segurança, de sorte que ainda no caso que a corôa de Portugal tenha guerra, o que Deos não permitta, com qualquer outra potencia, cujos vassallos se achem interessados com fazendas e effeitos existentes no deposito, quaesquer que ellas sejam, nem por isso se fara nellas arresto, embargo, sequestro, ou represalia, antes ficarão de tal modo izentas, livres, e seguras, como se cada hum as tivesse na sua propria casa, para dispôr dellas, como julgar mais conveniente aos seus interesses.

Pelo que; mando á meza do desembargo do paço; conselho da minha real fazenda; presidente do meu real Erario; real junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação; governadores e capitaes generaes; desembargadores; corregedores; provedores; juizes; justicas; e mais officiaes, e pessoas dos meus reinos, e dominios, ás quaes o cumprimento deste meu Alvará houver de pertencer, que o cumprão, e guardem, e fação cumprir, e guardar tão inviolavel e inteiramente, como nelle se contem, nem duvida, ou embargo algum, qualquer que elle seja, não obstante quaesquer, leis, regimentos, alvarás, decretos, disposições, ou estilos contrarios, que todos e todas hei por derogadas, como se dellas fizesse individual, e expressa menção para este effeito sómente, ficando aliás sempre em seu vigor: e valera como carta passada pela chancellaria, posto que por ella não ha de passar, e que o seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da ordenação em contrario. Dado no palacio do Rio de Janeiro aos vinte e seis de Outubro de mil oitocentos e dez.

PRINCIPE.

Conde de Galveas.

Alem deste Alvara publicou-se outre em 4 de Fevereiro de 1811 regulando, e promovendo o commercio nacional nos estabelecimentos Portuguezes da costa de Malabar, dos mais portos de Asia, Africa, do estado do Brazil, dos Reinos de Portugal, e Algarve, e Ilhas adjacentes; mandando crear hum estabelecimento de deposito na cidade de Goa; e legislando outras providentes disposições, &c.

Os seguintes documentos mostram incontestavelmente, de hum lado, os paternaes cuidados de S. A. R. para com as pessoas indigentes, que de Portugal se retirarão, ou

retirarem para o Brazil, mandando-lhe prestar todos os meios de subsistencia, terrenos para cultivar, instrumentos de lavoura, gados, &c. e da outra os rapidos progressos da civilizaçao dos Indios, aberturas de estradas, &c.

AVISO.

Tendo merecido a real approvaçao, por aviso de 22 de Dezembro do anno proximo passado, o plano que apresentou o intendente Geral da policia da corte e estado do Brazil para soccorrer as pessoas da classe indigente que se refugiasssem no Brazil pelas notorias calamidades de Portugal, empregando-se na lavoura deste paiz; e havendo-se expedido na mesma data pela Secretaria de Estado competente cartas regias aos governadores e capitães generaes das capitancias do Brazil para auxiliarem o mesmo plano, prestando-se a fazer cumprir as determinações da mesma Intendencia que fossem apresentadas a este respeito pelos commissários da policia, fez o mesmo intendente affixar o Edital que se segue para melhor constar das pias intenções de S. A. R. e podem concorrer os que se acharem nas indicadas circumstancias.

EDITAL.

Paulo Fernandes Vianna, do Conselho do Principe Regente nosso Senhor, Fidalgo Cavalleiro de Sua Casa, Commendador da Ordem de Christo, Dezembargador do Paço, e Intendente Geral da Policia, da Corte e Estado do Brazil, &c.

As notorias circumstancias em que tem estado Portugal pela injusta, e perfida invasao dos exercitos Francezes tem obrigado a refugiar-se no Brazil alguns dos seus habitantes; e porque entre estes possaõ ter vindo alguns tao destituídos de meios, que por nenhum modo tenhaõ conseguido huma subsistencia decente; o Principe Regent nosso Senhor a cujos paternaes cuidados nada tem escapado para soccorrer os seus fieis vassallos, tem authorizado a Intendencia geral da policia desta corte, e do estado do Brazil para procurar a todos os que estiverem nestas circumstancias o possivel arranjamto na lavoura deste paiz, diligenciando-se-lhes por ella nao só terrenos em que se possaõ estabelecer, mas instrumentos de lavoura, gados, e mezas para os primeiros tempos em que ainda nao possa ter frutificado o seu trabalho.

Os que estiverem nestas circumstancias nao são nesta Corte, e provincia do Rio de Janeiro, mas em qualquer das capitancias do Brazil, concorraõ os primeiros a mim, e os

segundos aos magistrados que nellas servem de commissarios da policia, que acharaõ todo o auxilio consolador debaixo dos indicados principios para segurarem a sua subsistencia, e se fizerem vassallos uteis, sem se darem á mendicidade, e ao ocio, origem de todos os vicios. Concorraõ afoitos; que nenhuma medida de violencia se intenta praticar: o Principe Regente nosso Senhor quer só como tal, e ainda mais como pai do seu povo, que muito a seu contento se soccorraõ deste modo, utilizando ao mesmo tempo o Estado no augmento da sua agricultura, e populaçãõ.

Para que chegue á noticia de todos mandei affixar o presente edital nesta côrte, e nas capitancias deste Estado do Brazil.

Rio de Janeiro, aos 14 de Janeiro de 1811.

Paulo Fernandes Vianna.

Rio de Janeiro 2 de Março.

Podemos agora cumprir nossa promessa de dar conta final do resultado do exame, que a junta da conquista, e civilisaçãõ dos Indios, e navegaçãõ do rio Doce mandou fazer do estado das seis divisoes militares, em que repartio o muito grande, rico, e fertil terreno por onde corre o rio Doce, e outros rios navegaveis, que nelle despejaõ suas aguas atè ao limite das capitancias de Minas Geraes, e do Espirito Santo.

O tenente coronel do regimento de cavalleria de linha da capitania de Minas Geraes Maximiano de Oliveira Leite, hum dos membros da sobredita junta, acaba de dar a mais exacta e circumstanciada conta de tudo quanto observou em as 1. e 5. divisoes militares, tendo consummido nesta importantissima diligencia 5 mezes e 24 dias, e andado 352 legoas por caminhos pouco trilhados, grandes matas, e rios navegaveis: este habil e honrado official achou em boa ordem as sobreditas 1. e 5. divisoes, naõ sómente pelo que pertence á economia particular de cada huma dellas; mas pelo que he relativo á construcçãõ de estradas, e adiantamento da cultura dos terrenos distinguindo-se nestes artigos a 1. divisãõ muito principalmente pelos trabalhos de seu antecedente commandante o alferes Antonio Rodrigues Pereira Taborda, hum dos mais valorosos, activos, e intrepidos officiaes do regimento de cavalleria de linha da capitania de Minas Geraes, e hum dos primeiros praticos de todo o sertão, e navegaçãõ do rio Doce, que por elle deceo atè á capitania do Espirito Santo em tempo do governo do capitão de fragata Antonio Pires da Silva Pontes Leme, bem conhecido pelas suas luzes, e serviços nas demarcações dos limites do Brazil, e a quem devemos a carta, que levantou do rio

Doce desde a sua foz no oceano até ás cachoeiras das Escadinhas, onde termina a capitania, que entao governava, cuja carta foi continuada por hum sobrinho seu, e pelo dito Taborda em o districto da capitania de Minas Geraes, para onde voltou subindo este rio, a pezar dos trabalhos e perigos, que offereciaõ suas cachoeiras e suas margens entao desconhecidas, e quasi todas habitadas por barbaros antropophagos, a morte nos privou dos serviços, que este commandante Antonio Rodrigues Pereira Taborda podia continuar a fazer na 1. divisao que lhe foi confiada: mas temos o gosto de ver remunerados os seus trabalhos e serviços pela paternal piedade do nosso incomparavel Principe e Senhor nas pessoas da viuva e filhos deste official, o que satisfazendo ao compassivo coração de S. A. R. servirá de estimulo para todos os seus venturosos vassallos, e muito particularmente para os que se achao empenhados na importante conquista e civilisação dos Indios, e navegaçao do rio Doce. He pasmoso o numero dos novos colonos, que em tao pouco tempo tem concorrido para se estabelecerem nas 1. e 5. divisoes: e para que o publico forme alguma idea das vantagens que se devem esperar do sabio e luminoso plano adoptado para a conquista, e civilisação dos Indios, e navegaçao do rio Doce, transcreveremos hum officio do excellentissimo Conde de Palma, actual governador e capitao general da capitania de Minas Geraes, cujas luzes, exacção, prudencia, e actividade, assas se patenteaõ durante o tempo que governou a capitania de Goiaz, e todos os dias se reconhecem no seu actual governo.

Illustrissimo e excellentissimo Senhor.—Tendo feito convocar a junta da civilisação dos Indios, e examinando cuidadosamente o estado actual das seis divisoes empregadas na conquista dos Botecudos, tive a completa satisfacção de ver os progressos, que algumas destas divisoes haviaõ feito, e com muita especialidade a 1. e 5. Concluiu-se a inspecção do tenente coronel Maximiano de Oliveira Leite nas duas ditas divisoes, e V. Excellencia ha de contentar se infallivelmente quando examinar a parte circumstanciada que dá este official; a qual parte vai no seu original á presenca de V. Excellencia no correio proximo pelo expediente da junta militar.—Pelo mappa incluso verá tambem V. Excellencia que tem entrado para cima 3 mil pessoas só nos limites da 1. divisao, e em muito pequena parte da 5. (estes dous corpos marchaõ pela margem esquerda do rio Doce, e por terrenos pertencentes ás comarcas de Sabará, e Serro Frio.)—Já os novos colonos da 1. divisao pertendem ajuntar-se em corpo de povoação; pediraõ-me commandante das ordenanças, que os governasse, e licença para erigirem capella á sua

custa, devendo esta ser edificada no porto real de Joanezia junto ao ribeirão de Santo Antonio, que he muito abundante de ouro, e navegavel até á sua foz no rio Doce, donde dista 8 legoas, tendo as suas cabeceiras na comarca do Serro Frio. Esta paragem está, pôde se assim dizer, no centro da mata geral do rio Doce; nunca allí entraraõ os habitantes desta capitania; nem elles, ha tres annos, poderião esperar, que dentro de tao limitado tempo, nao só libertariaõ inteiramente os seus terrenos já cultivados das incursoes barbaras dos Indios, e muito menos ir, como vaõ agora, formar estabelecimentos permanentes de agricultura e mineraçõ no centro das suas proprias habitações—Infallivelmente no fim da primavera futura as divisoes todas teraõ concluido as differentes estradas, que se lhes incumbiraõ até aos limites da capitania do Espirito Santo, margens do rio Doce, e parte da capitania da Bahia, na comarca de Porto Seguro; e as intensas e dilatadas brenhas, que serviraõ atégora de covil ás feras, e aos Botocudos, ainda mais temiveis do que as mesmas feras, transformar-se-haõ em provoações deliciosas, prosperando a agricultura em terrenos novos por isso mesmo fertilissimos, animando-se outra vez a mineraçõ como nos primeiros dias felizes desta capitania, e creando-se ao mesmo tempo hum commercio activo, que ella nunca teve, nem esperou-ter. Affirmo a V. Excellencia, e V. Excellencia pôde affirma-lo ao Principe Regente nosso Senhor, que dentro de mui pouco tempo, se reconhecerá geralmente quanto foraõ bem empregados todos os esforços que a sempre indefectivel generosidade e paternaes disvelos de S. A. R. praticaraõ em beneficio da capitania de Minas Geraes, que tendo sido em outro tempo a mais interessante do Brazil, ainda o pôde vir a ser em breves dias com muito maior esplendor—Tendo eu participado a V. Excellencia que eraõ dous os Rios, que se consideravaõ navegaveis, da comarca do Serro Frio para a capitania da Bahia, e que se denominava o do Sul. S. Matheus e o do Norte Gequetinhonha tinha tambem participado, que o tenente coronel Maximiano de Oliveira Leite estava encarregado por mim de examinar o primeiro rio, o que nao pôde conseguir ainda por se lhe aproximar a estaçõ das aguas, quando foi á referida comarca passar mostra ás duas divisoes.—Sabe-se, com tudo, que desde a foz até á villa de S. Matheus pelo dito rio acima tres legoas se encontra huma facil navegaçõ; e he de suppôr, pelas configurações dos terrenos adjacentes, que o seu curso nao seja interrompido por cachoeiras taes que obstem ao transito das canoas carregadas. O segundo rio, que corre ao norte, leva muito maior abundancia de agua; mas tem huma grande cachoeira até onde acaba de subir pela parte

da Bahia o ouvidor de Porto Seguro. — Lembro-me que pôde servir de limite este ponto interessantissimo ás capitánias de Minas Geraes, e Bahia, e que o dito ouvidor seja authorisado para entender-se com o capitão-mor dos Tocoyoz (pratico daquelle sertão, intelligente, e muito activo no serviço,) sobre tudo o que for conveniente á navegação do mesmo rio, e communicação das duas capitánias. — Cumpre assegurar a V. Excellencia nesta mesma occasião, que em consequencia da carta regia de 28 de Setembro de 1810 já se acha provido o alferes Juliao Fernandes Leao, que vai a receber da junta respectiva as competentes instrucções para organizar com as 15 praças tiradas das primeiras, 5 divisoes do rio Doce a 7. que deverá postar-se nos terrenos de Minas Novas, confinantes com a comarca de Porto Seguro, tendo a sua esquerda na margem direita do rio Gequetinhonha, pois que na outra margem não existem já Botocudos. — Por ultimo, sirva-se V. Excellencia de perdoar as imperfeições que se possam encontrar neste meu trabalho feito á pressa, e que se destina unicamente a communicar a V. Excellencia noticias importantissimas em quanto se não prepara a circunstanciada memoria que deve ser e evada por mão de V. Excellencia ás de S. A. R. dirigida pela junta da conquista e civilisação dos Indios, como acima disse. Deos guarde a V. Excellencia. — Villa Rica, 29 de Janeiro de 1811. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Linhares. — Conde de Palma.

Proeza naval dos Portuguezes.

O seguinte he a copia fiel de hum artigo da Gazeta do Rio de Janeiro; em que se faz menção de huma importantissima victoria alcançada pelos Portuguezes sobre as poderosas armadas de piratas que infestavaõ os mares de Macao e Cantão na China. Julgamos que não sera dezagradavel ao leitor Portuguez, sincero amigo do seu paiz a narrativa de acontecimentos, que restabelecem o credito da sua nação naquellas partes do mundo que ja forão theatro conspicuo da sua gloria; sobre tudo quando ulteriores circumstancias, que nenhum poder humano pode prevenir, ou obstar, tinhão de alguma sorte, senão amortecido, ao menos soffocado o genio que lhe abrija a sua maior carreira, e porque ella teve mais celebridade nas paginas da historia. Donde podemos inferir que o espirito das grandes nações, assim como as sementes dos fructos deliciosos, quaes quer que sejam as causas que supprimao ou viciem a sua excellencia, nunca pode perder os principios constitutivos do seu character. Hum corpo bem organizado pode aniquilar-se, mas nunca, antes da sua destruição, ser desfigurado a ponto de se abolirem todas as suas feições primitivas.

Em a ultima folha chamada *Mirror* (Espelho) se mencionava, que as cartas vindas da China em o navio *Mornington*, davaõ a agradavel noticia da extincção dos formidaveis piratas, que, ha tantos tempos insultavaõ o governo, levando o terror até ao centro do imperio, e opprimindo suas costas com rapinas, pilhagens, assassinios, e toda a especie de ultrajes. O governo da China conhecendo que lhe era impossivel cohibir, e muito mais subjugar com suas forças as esquadras dos piratas, julgou necessario recorrer aos Portuguezes de Macáo a cujos esforços se deve a ruina de hum poder, que ameaçava a conservação e existencia do seu governo. Huma pessoa residente em Macáo transmittio huma relação do soccorro dos Portuguezes, e das suas operações contra os piratas, cujo resumo talvez seja agradavel a algum dos nossos leitores.

Por fim, o governo de Cantão francamente reconheceo a sua incapacidade para subjugar os piratas, cujas esquadras montavaõ de 300 a 400 barcos ou juncos, armados com 12 a 20 peças, e 150 até 200 homens cada hum, os quaes infestavaõ as costas e canaes, que regaõ esta provincia, e fazendo huma guerra perpetua á paz, e propriedade dos habitantes, tanto em terra como sobre agua, nenhuma embarcação podia commerciar com segurança.

Os Piratas desembarcavaõ a miudo, e impunhaõ contribuições nas Cidades e Aldéas, e depois de saquear os habitantes, lançavaõ fogo ás casas. Seus passos erão marcados por huma barbaridade caprichosa; não poupavaõ sexo, nem idade; velhos, mulheres, e crianças eraõ indifferentemente mortos. Estas enormidades despertáraõ os esforços do Governo Chinez: apromptou-se huma Esquadra de 40 Juncos, que montavaõ 14 a 20 peças cada hum, e se mandáraõ a corso contra as Esquadras rebeldes; mas no primeiro encontro, 28 dos Juncos Imperiaes de guerra se renderão aos Piratas, e o resto se salvou por huma fugida precipitada.

O successo destes Piratas teve o effeito de augmentar o seu numero; pescadores, e outras pessoas corriaõ a montoes para as suas bandeiras. Huma Divisao da sua Esquadra atacou e tomou huma Escuna Americana, e elles aprezeriaõ hum Navio muito maior da mesma bandeira senaõ se fosse abrigar debaixo da artilheria de Macáo.

A communicação usual entre Macáo e Cantão foi interrompida pelas embarcações dos Piratas, que frequentemente bloqueavaõ as diferentes passagens com grande detrimento deste importante ramo de Commercio.

Alem disto, a mesma Cidade de Cantão estava ameaçada de hum serio perigo, e os Piratas chegáraõ a tanto, que declaráraõ que estavaõ resolvidos a depôr do Throno da

China a presente Familia Tartara, e a restabelecer o Imperio da antiga Dynastia Chinez. Esta ameaça, e a força dos rebeldes que se hia augmentando, influio com toda a efficaçia nos temores do Governo Chinez, e o Vice-Rei de Cantão se apressou a concluir huma convenção com a Cidade de Macão para destruição da Esquadra rebelde. Os artigos da convenção são os seguintes:

S. Exc. o Vice-Rei das duas Provincias de Quangtong, e Quangsi, e o Governador da Cidade de Macão, estando igualmente convencidos da necessidade de por fim á depredação dos Piratas da China, que sem temor infestão os mares que banhão as duas Cidades de Cantão, e de Macão para assim restabelecer a tranquillidade publica, e a segurança do Commercio e Navegação nestas paragens; resolvêrão mutuamente concluir huma Convenção para equipar huma Guarda Costa (Esquadra a Corso) que será guarnecida pelas forças dos Governos. Elles nomearão para o dito fim como seus Representantes; a saber: S. Exc. o Vice-Rei do Cantão nomea tres Mandarins, cujos nomes, e titulos estão escritos por extenso no original, e o Governador de Macão nomea como seus Representantes a Miguel de Arriaga Brunda da Silveira, Desembargador Ouvidor (Chefe da Justiça) em Macão, Cavalleiro da Ordem de Christo; e a José Joaquim de Barros, Capitão Mor do Campo; os quaes, depois de haver trocado os seus respectivos plenos poderes, concluírão, e convierão nos artigos seguintes:

Art. I. Estabelecer-se-ha immediatamente huma Guarda Costa composta de 6 Navies Portuguezes armados, unidos á Esquadra Imperial, que deverá cruzar desde o Paul (Bocado do Sigre) até esta Cidade, e desde esta Cidade até Hiansan pelo Golfo, a fim de obstar a que os Piratas entrem nos Canaes, que elles até aqui tem principalmente infestado, exercendo todas as crueldades, e as mais horriveis devastações nas Aldéas e Cidades da Costa do mar.

II. O Governo Chinez convem em pagar a somma de 18 mil tales para as despezas dos Navios Portuguezes. Não será licito faltar á execução deste Artigo, ainda que a expedição se malogre por alguma causa inesperada.

III. O Governo de Macão equipará com gente, armas, e munições. etc. os seis Navios acima estipulados com a maior pressa possível.

IV. Ambos os Governos, e as suas forças respectivas empregadas neste serviço, cooperarão mutuamente hum com outro em promover o objecto que ambos tem em vista.

V. Todas as prezas tomadas aos Piratas pelas forças combinadas serão igualmente divididas entre a Esquadra Portugueza, o Imperial.